



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE HISTÓRIA (FH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)

MARIA EDUARDA RIBEIRO DA SILVA

“COMO NEGRA QUE SOU, QUERO A VITÓRIA DA MINHA RAÇA”: A
PRODUÇÃO INTELECTUAL FEMININA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA (1903-
1930)

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Maria Eduarda Ribeiro da Silva

3. Título do trabalho

"COMO NEGRA QUE SOU, QUERO A VITÓRIA DA MINHA RAÇA": A PRODUÇÃO INTELLECTUAL FEMININA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA (1903-1930)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de

embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Maria Eduarda Ribeiro Da Silva, Discente, em 10/04/2023, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Raquel Machado Gonçalves Campos, Professora do Magistério Superior, em 10/04/2023, às 15:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3657904 e o código CRC 084B8AD6.

MARIA EDUARDA RIBEIRO DA SILVA

**“COMO NEGRA QUE SOU, QUERO A VITÓRIA DA MINHA RAÇA”: A
PRODUÇÃO INTELECTUAL FEMININA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA (1903-
1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestra em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.
Linha de pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

Orientador: Professora Doutora Raquel Machado Gonçalves Campos.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva , Maria Eduarda Ribeiro da
“COMO NEGRA QUE SOU, QUERO A VITÓRIA DA MINHA RAÇA”
[MANUSCRITO] : A PRODUÇÃO INTELECTUAL FEMININA NA
IMPrensa NEGRA PAULISTA (1903 - 1930)
/ Maria Eduarda Ribeiro da Silva . - 2025.
CXLIII, 143 f.

Orientador: Profa. Dra. Raquel Machado Gonçalves
Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em
História, Goiânia, 2025.
Bibliografia.

1. Mulheres Negras.. 2. Intelectuais Negros.. 3. Imprensa..
4. Pós Abolição.. I. Campos, Raquel Machado Gonçalves,
orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
ATA DE DEFESA

Ata nº **031/2023** da sessão de Defesa de **Dissertação** de **MARIA EDUARDA RIBEIRO DA SILVA**, que confere o título de **Mestre(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, a partir da(s) 14h00, na Sala de Defesas do PPGH/UFG**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**COMO NEGRA QUE SOU, QUERO A VITÓRIA DA MINHA RAÇA**": A PRODUÇÃO INTELECTUAL FEMININA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA (1903-1930). Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Raquel Machado Gonçalves Campos (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Flavio Thales Ribeiro Francisco (UFABC)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Mirian Cristina dos Santos (UNIFESSPA)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Raquel Machado Gonçalves Campos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por Raquel Machado Gonçalves Campos, Professora do Magistério Superior, em 04/04/2023, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Elias Nazareno, Coordenador de Pós-graduação, em 04/04/2023, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3616578 e o código CRC 485A9298.

Referência: Processo nº 23070.016085/2023-14

SEI nº 3616578

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de uma bolsa de estudos que me possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa durante a pandemia que assolou o nosso país e de um desgoverno anticiência e contra à Universidade Pública. O fazer científico resiste!

À Raquel Campos, orientadora e amiga que, com o carinho de uma relação desenvolvida há mais de sete anos, me apoiou nos momentos mais difíceis de leitura e escrita deste texto e foi capaz de acreditar em mim, quando nem eu mesmo pude. Obrigada, Raquel, pela leitura atenciosa do texto, por suas reflexões e por não me deixar desistir. Devo muito do que sou, como pessoa e pesquisadora, a você. Obrigada por tanto.

Ao professor Flávio Thales Ribeiro Francisco pelas questões e reflexões no momento de qualificação e por aceitar participar do momento da defesa. Agradeço imensamente suas contribuições para a construção do mesmo texto, mas, sobretudo, para a formação do saber histórica e os estudos sobre Imprensa Negra. Igualmente, agradeço à professora Mirian Cristina dos Santos por aceitar o convite de compor a banca e por suas percepções a respeito do texto. Sem você, não existiria tanta sensibilidade para pensarmos as mulheres negras no ontem e no agora.

À Marinês Ribeiro de Sousa, minha pessoa favorita neste mundo. Mamãe, obrigada pela gentileza de ouvir minhas lamentações e alegrias. Por me incentivar à estudar e por ter dedicado à sua vida, para que eu pudesse chegar neste momento. Espero poder recompensar, algum dia, tudo aquilo que você fez e faz por mim. É por você e sempre por você.

À João Lopes da Silva. Papai, agradeço por seu amor, sua atenção e cuidado, pela preocupação em relação às noites em claro de estudos e a leveza com que devo levar os processos da vida. Tenho muito orgulho de ser sua filha.

Criada em uma gigantesca família, não poderia deixar de agradecer a todos pelo carinho com que zelam por mim. Em especial, gostaria de agradecer minha avó, Jovelina de Souza. Obrigada por se preocupar com minha alimentação, sono e saúde durante a escrita e por se orgulhar daquilo que faço. Agradeço também aos meus primos e primas que, na verdade, são como irmãos. À “Nhaná” e “Thatá” pelo apoio, as risadas e o companheirismo. Vocês são meus exemplos de força e luta. À Hellen e à “Thatany” por fazerem meus dias mais felizes. Ao “Luquinhas”, você é o melhor irmão que eu poderia ter. Conte comigo sempre.

Aos companheiros de sonhos e idealizações que ganhei quando entrei no curso de História. Agradeço à Ana Paula, Caio Victor, Clara Luísa, Gabriella Monteiro, Maria Eduarda

Martins, Nathan Amaral e Rafaela Honorato pela escuta e os abraços, por compartilharmos a docência e a pesquisa e ao Marcus Boaroto pelas caronas, as canções, os sorrisos e as lágrimas divididos entre o percurso de casa à faculdade. Aos meus veteranos favoritos Ícaro, João Marcos, Luiz, Mariana e Natan. Obrigada por me acolherem em suas vidas e, cada um ao seu modo, tornarem a minha vida mais especial.

Aos amigos que fiz ainda nos tempos de escola, agradeço ao Matheus Vicente pelo apoio constante e pelas perguntas atenciosas quanto ao que pesquiso e ao Pedro pela partilha de tantos anos. À Giovana Campos pelo incentivo e carinho, à Sara Cristina por tornar tudo tão leve e por ser sempre tão gentil e à Wendy Caldeira pelo colo, o conforto e o acalento.

Aos presentes que ganhei por me permitir viver a vida como ela é. Gabriel, Laura, Maitê, Liana, Caio e Alice, obrigada pelos abraços, sorrisos e, acima de tudo, por serem que vocês são e permitir que eu seja eu, ainda que nas horas mais difíceis.

Ao meu melhor amigo e confidente, Gustavo Siqueira, dividir a vida com você e uma das melhores coisas que já me aconteceu. Obrigada por toda a paciência e sorrisos em tempos que deveriam ser de lágrimas. Espero que você trilhe os caminhos mais lindos deste mundo e torço para estar do seu lado e poder ser seu abrigo e porto seguro como todos os dias você é o meu.

À Bruna Mota, obrigada por todo carinho e afeto nutrido durante toda a escrita da dissertação. Te respeito e admiro ainda que hoje não sejamos nós.

Às mulheres negras que vieram, para que eu pudesse ser.

Por fim, “escrever é uma maneira de sangrar”, é assim que, Conceição Evaristo, traduz o ato da escrita e a experiência da escrevivência. Escrita sob sorrisos e muitas lágrimas, encontros e desencontros comigo mesma e uma frustração que não pareceu se findar sequer com o fim desta narrativa aqui presente, entregar, finalmente, a dissertação é um alívio e uma maneira de fazer as pazes com a Maria do ontem e do agora.

RESUMO

Esta dissertação estuda a produção intelectual de mulheres negras na cidade de São Paulo, entre 1903 e 1930, por meio dos periódicos da Imprensa Negra Paulista. Identificados como produções jornalísticas escritas por indivíduos negros e voltadas para os negros, esses impressos denunciaram em suas páginas as exclusões sociais sofridas pelos negros e articularam caminhos possíveis para a superação dos preconceitos raciais. As estratégias mobilizadas baseavam-se em perspectivas plurais, como a afirmação da nacionalidade e contribuição dos negros para a pátria e a importância da educação moral e intelectual como forma de inserção social. As mulheres negras, neste contexto, mais do que ratificarem as concepções formuladas pelos jornalistas negros desses impressos, imprimiram neles, por meio de artigo e produções literárias, suas percepções acerca dos caminhos que os negros deveriam trilhar em prol de sua inclusão racial. Ao fazerem uso da pena, essas intelectuais acionaram discursos relacionados ao campo da afetividade negra. Enfatizando em suas colaborações as temáticas da solidão e do amor, essas mulheres lançaram luz sobre as vinculações existentes entre a luta contra a discriminação racial e a necessidade de união dos negros, não apenas do ponto de vista intelectual, mas emocional.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Intelectuais Negros. Imprensa. Pós-Abolição.

ABSTRACT

This dissertation studies the intellectual production of black women in the city of São Paulo, between 1903 and 1903, by means of newspapers of paulistas' black press. Identified as journalistic production written by black people and directed for black people, these journals denounced on their pages the social exclusions suffered by the negros and articulated possible ways to overcome racial prejudices. The strategies mobilized were founded in plural perspectives, as the nationality affirmation and the contributions of negros for the land and the importance of moral and intellectual education as a social insertion form. The black women, in this context, more than ratify the conceptions formulated by black men journalist of these press, printed on them, by means of articles, and literary production, their own perceptions about the ways black people needed to trail in benefit of social inclusion. When they used the quill pen, they triggered discourses related about the black affectivity camp. Emphasizing in their collaborations the loneliness and love themes, these women clarified the link existent between the fight against the racial discrimination and the necessity of black union, not only of intellectual viewpoint, but also emotional.

Keywords: Black Women. Black Intellectuals. Press. Post-Abolition.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – “Lutar contra a desigualdade por meio da pena”: Imprensa Negra Paulista | 23 |
| 1.1. “Propugnar pelos interesses dos homens pretos. No Brasil?” | 23 |
| 1.1.1. O paraíso fictício das raças | 24 |
| 1.2. Imprensa negra em São Paulo..... | 34 |
| 1.3. Em defesa dos interesses da “classe dos homens de cor” | 43 |
| CAPÍTULO 2 – Negros instruídos constroem a pátria: a formulação da respeitabilidade negra nos periódicos..... | 52 |
| 2.1. “Não somos africanos, somos brasileiros”, a nacionalidade em debate | 52 |
| 2.2. A educação “física, cívica e moral” do povo negro..... | 61 |
| 2.3. “Uma legião de mulheres sensatas”: a construção da respeitabilidade negra pela ótica negra feminina..... | 69 |
| CAPÍTULO 3 – A posse da escrita: a produção literária feminina negra na imprensa negra paulista..... | 85 |
| 3.1. Literatura e Imprensa Negra..... | 85 |
| 3.1.1. Romance-folhetim..... | 89 |
| 3.2. Mulheres, negras, literatas..... | 108 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS – | 132 |
| FONTES DOCUMENTAIS – | 135 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – | 137 |

INTRODUÇÃO

Em quinze de novembro de 1903, durante as comemorações em torno do aniversário da Proclamação da República no Brasil, circulou em Campinas o primeiro número do periódico *O Baluarte*. Nas palavras de um dos seus colaboradores, “Baluarte é o symbolo da fraternização, e o sustentaculo do porvir. O apparecimento inesperado deste órgão com o nome supra, vem contribuir para o desenvolvimento intellectual dos nossos futuros filhos e dos homens de côr desta florescente cidade.”¹ Nesse sentido, era dever do jornal, de acordo com seus redatores, prosseguir “na campanha defensiva da raça negra; cuidando da sua educação cívica, do seu equilibrio moral, da sua independencia social.”²

As preocupações que ocupam as páginas de *O Baluarte* são herdeiras das vivências de homens e mulheres negros no período do pós-abolição. Ao narrar a respeito da construção dos periódicos paulistas sobre as pessoas negras, Lilia Schwarcz destaca que jornais como *A Província* e o *Correio*, ao longo da segunda metade do século XIX, se pautaram em concepções “científicas” para formularem uma imagem dos negros associada à degeneração, vícios, feitiçaria e vadiagem.³ Essas atribuições, se associaram aos discursos pseudocientíficos do Oitocentos que buscaram criar uma ideia de progresso brasileiro atrelado à limpeza racial.

Formulação medular do racismo científico brasileiro, o embranquecimento das raças possui mais de um sentido, como sinaliza Andreas Hofbauer, tratando-se ora do processo de clareamento populacional brasileiro, ora das alterações socioculturais que afastariam os afrodescendentes de suas identidades ancestrais.⁴ Haja vista que os conceitos são elementos históricos e sociais e correspondem às leituras e compreensões temporais de determinados indivíduos ou coletivos, um dos momentos-chave da ideia de branqueamento das raças no Brasil dá-se no Oitocentos em diálogo com as recepções do darwinismo social, evolucionismo social e positivismo.

Empenhados na articulação de teorias raciais que viabilizassem o Brasil enquanto um espaço capaz de atingir o progresso, cientistas, políticos e homens das letras elaboraram, ao longo do século XIX, teses que combinavam elementos do evolucionismo e do darwinismo social. A recepção dessas ideias à luz das necessidades nacionais fez com que do darwinismo

¹ CLAUDIO, AUGUSTO. *O Baluarte*. *O Baluarte*. Campinas, num.01, 15 de novembro de 1903, p.03.

² *Idem*. *Nosso Programma*. *O Baluarte*. Campinas, num.01, 15 de novembro de 1903, p.01.

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 2020.

⁴ HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p.19.

se adotassem as hierarquias e diferenças entre as raças⁵ e do evolucionismo a concepção de que as raças estariam em constante progresso e aperfeiçoamento.⁶ Neste cenário, se formou uma noção singular: a miscigenação entre as raças permitiria o embranquecimento da população brasileira no curso de algumas décadas ou séculos. Esse processo permitiria ao Brasil atingir a plena civilização e progresso.

Identificados como obstáculos a serem superados, os negros eram, no interior desses debates, percebidos como indivíduos corrompidos moralmente e intelectualmente. A criação de políticas para a entrada de famílias imigrantes brancas e europeias, em contraste com a proibição da imigração dos tipos negros e amarelos, sugere a consolidação de um projeto. No Brasil, esses indivíduos atuavam como promotores da moral e da civilização.

A proposição de lutar pelo desenvolvimento intelectual e moral das pessoas negras, neste contexto, se contrapôs aos preconceitos raciais que acompanhavam o nascer do século XX. Assim como os colaboradores de *O Baluarte*, entre os anos de 1903 e 1930, diversos homens e mulheres usaram a imprensa como uma maneira de denunciar as violências pelas quais passavam a população negra e criaram estratégias que pudessem findar as desigualdades raciais no Brasil. Esse conjunto de jornais escritos e publicados por e para pessoas negras, são denominados Imprensa Negra e se vinculam a uma forma de mobilização em prol da luta pelos direitos negados ou obstruídos à população negra.

À eleição dos jornais da imprensa negra como ponto de partida e espaço de reflexões se explica mais do que pela potencialidade dos discursos engendrados por esses impressos, pela particularidade da escrita negra feminina neles. Como sinaliza Sueli Carneiro “o papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance.”⁷

⁵ Karoline Carula, em *Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*, aponta que o paradigma estabelecido por Charles Darwin esteve alicerçado em cinco teorias: evolução, descendência comum, gradualismo, multiplicação de espécies e seleção natural. A partir de suas proposições, diferentes áreas do conhecimento interpretaram e ressignificaram suas teorias, apropriando-se dos princípios darwinistas, por vezes, com o intuito de justificar questões de cunho social. Neste sentido, o desenvolvimento do darwinismo social deve ser pensado como a aplicação das leis da teoria da seleção natural nas sociedades humanas e a vinculação entre as teorias darwinistas e o conceito de raça como uma forma de recepção e leitura do que estava proposto em *A origem das espécies*. Sobre darwinismo e raça, consultar: BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. *Educar em Revista*, p. 153-165, 1996.

⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. Editora Companhia das Letras, 1993.

⁷ CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

Compreendendo que existem graduais mudanças na ótica das leituras sobre a formação nacional e a inserção das mulheres negras como agentes cruciais desse processo⁸, o objetivo deste trabalho é apresentar as reflexões das mulheres negras a respeito dos preconceitos raciais vivenciados pela população negra, no estado de São Paulo, no período do pós-abolição. Ao se apossarem da pena e da escrita e se inscreverem em um espaço marcado pela produção masculina, quais Histórias essas mulheres buscaram tecer? Quais estratégias elas conceberam para superação dos preconceitos raciais? Em que medida suas proposições colaboraram, questionaram ou superaram as leituras raciais promovidas pelos seus pares negros? Essas indagações inquietaram e nortearam a escrita desse texto.

Em São Paulo, durante as três primeiras décadas do século XX, mais de vinte jornais⁹ pertencentes à Imprensa Negra Paulista foram publicados, destes, para o nosso estudo foram analisados: *O Bahuarte* (1903-1907), *Propugnador* (1907), *O Menelik* (1915-1917), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Bandeirante* (1918-1919), *O Alfinete* (1918-1922), *A Liberdade* (1919-1920), *A Sentinella* (1920), *A Protectora* (1920), *O Kosmos* (1922-1926), *Getulino* (1922-1926), *Elite* (1924), *O Clarim d'Alvorada* (1924-1940), *Auriverde* (1928), *O Progresso* (1928-1931) e *O Patrocínio* (1928-1930).¹⁰

No que se refere aos estudos da Imprensa Negra Paulista, sua produção sistemática se deu a partir de 1950, fruto das contribuições intelectuais do sociólogo francês Roger Bastide. Desejoso de compreender a “psicologia” da raça negra brasileira, Bastide dedicou-se a refletir sobre a imprensa negra, das décadas de 1920 e 1930, publicada no estado de São Paulo, levantando suas principais características e objetivos. Neste sentido, esse conjunto de impressos foi identificado como composto por jornais de baixa tiragem e duração, sendo a eles atribuída uma existência frágil em termos econômicos. Controlados pela classe alta e média negra formada por professores, advogados, jornalistas e revisores de provas tipográficas, esses jornais

⁸ A respeito das pesquisas que buscam pensar as mulheres negras como intelectuais ou como sujeitos que tecem narrativas singulares sobre suas histórias e as Histórias de Brasis, consultar: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo; SILVA, Fernanda Felisberto da et al. *Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. 2011; SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Malê, 2018; XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. Selo Negro Edições, 2012.

⁹ Outros jornais que fizeram parte da imprensa negra e que não integram nosso estudo, pois não foram localizados, mas aparecem em estudos de levantamentos sobre a imprensa negra são: *A Pérola* (1912-1916), *O Patrocínio* (1913), *Binóculo* (1915), *A Princesa do Oeste* (1915), *Nosso Jornal* (1923), *O Tamoio* (1923), *A Princesa do Norte* (1924), *O Quilombo* (1926).

¹⁰ Os jornais analisados foram consultados por meio dos sites da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do Arquivo Público de São Paulo.

raramente seriam informativos, procurando tratar apenas dos assuntos raciais e sociais e da divulgação de notícias relacionadas à “classe dos homens de cor”.¹¹

Almejando agrupar esse coletivo e gerar solidariedade entre os indivíduos, para Bastide a imprensa negra seria, em um primeiro momento, um órgão educativo, dedicando-se a instruir homens e mulheres negros na luta contra o complexo de inferioridade, que produziria uma denegação da raça e de antigas tradições e a imitação de hábitos brancos, como a dança em salões e a coroação de rainhas de beleza. Depois, como objetivo secundário, ela atuaria como órgão de protesto, onde os sujeitos poderiam se fazer ouvir. Incluídos, por fim, em uma perspectiva de mostrar status social e honorabilidade, esses periódicos atribuiriam lugar central à vida social, aos matrimônios, batizados, enterros, bailes, nascimentos.¹²

As contribuições de Bastide, ainda que válidas para pensar sobre as estruturas que permearam a configuração dos impressos negros, necessitam de uma revisão crítica em relação a determinados elementos. A exemplo, a historiadora Paulina Alberto dialoga com o sociólogo francês quanto aos grupos que possibilitaram a existência desses periódicos, no entanto, de acordo com as proposições Alberto as pessoas que se juntaram às associações recreativas e literárias organizadas com base em identificação racial em São Paulo e Campinas “poderiam ser mais precisamente chamadas de classe média negra.”¹³ Eram professores de escolas públicas, funcionários em cargos de governos municipais, estadual ou federal, oficiais militares e policiais, empregos que “só poderiam ser conseguidos com conexões com ‘algum figurão branco’”.¹⁴

Em relação a imitação de “hábitos brancos” a partir da promoção de bailes e de concursos de beleza, a pesquisadora Giovana Xavier destaca que, os concursos de beleza femininos, atentavam-se às noções do belo no início do século XX. Ser fisicamente bonita não era o único requisito para ser coroada como a mais bela moça da classe. Ser recatada, honrada e bem-educada, categorias atreladas às moças brancas e valorizadas nas competições nacionais, eram noções também prestigiadas pelo meio negro no interior. Ao introduzirem os concursos de beleza entre a população negra, os periódicos não estariam apenas imitando comportamentos

¹¹ BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: editora Perspectiva, 1973, p.129-130 e 141-146.

¹² *Ibidem*, p.130-131.

¹³ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017,p.16

¹⁴ *Ibidem*.

brancos, mas criando uma imagem da mulher negra tão positiva quanto a da mulher branca e valorizando seus atributos.¹⁵

Outros trabalhos, como o de Miriam Nicolau Ferrara, buscaram esquadrihar a atuação desses periódicos e seus redatores.¹⁶ Em sua pesquisa, Ferrara trabalhou com cerca de trinte e seis jornais da Imprensa Negra, publicados entre os anos de 1915 e 1963, compreendidos a partir de suas tiragens, seus formatos, preço de venda, periodicidade e afins. Regina Pahim Pinto, igualmente, se dedicou aos estudos desses impressos. Não obstante, sua perspectiva foi a de entender como esses jornais auxiliaram na formação de um movimento negro em São Paulo e de uma luta antirracista.¹⁷

A historicidade que marca a publicação desses impressos pode ser retomada, por sua vez, à luz das colaborações intelectuais da pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto que situa a atuação desses periódicos ainda no século XIX.

Sendo os primeiros anos do período regencial marcados por um rápido desenvolvimento do jornalismo no território brasileiro, ainda que diante de ameaças à liberdade de imprensa, as reivindicações sociais encontraram um ambiente favorável para serem promovidas sob distintos vieses à medida que o empreendimento jornalístico se aprimorava. Este cenário de expansão permitiu que as insatisfações de indivíduos negros livres e libertos tomassem forma em periódicos que procuraram contestar as estratégias institucionais que os privavam de seus legítimos direitos.¹⁸

Em catorze de setembro de 1833, na Tipografia Fluminense de Paula Brito, surgiu o primeiro periódico da imprensa negra brasileira, o pasquim *O Homem de Côr*, que passou a se intitular *O Mulato ou O Homem de Côr* a partir do seu terceiro número. Na capital fluminense durante os meses de setembro a novembro daquele ano, a ele somaram-se os periódicos *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e *O Lafuente*. Publicados durante o período regencial, esses periódicos atingiram entre uma e cinco edições, as quais variaram entre impressos de quatro a oito páginas, sem sessões fixas.

Em um contexto de agitações políticas relacionadas aos valores da democracia moderna e a um momento de elaboração de uma cidadania brasileira, esses jornais questionaram as contingências de efetivação dos direitos dos negros enquanto cidadãos. Tecendo narrativas a

¹⁵ CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. “Leitoras”: gênero, raça, imagem e discurso em *O Menelik* (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, n. 46, 2012, p.172-177.

¹⁶ FERRARA, Miriam N. *A imprensa negra paulista, 1915-1963*. FFLCH-USP, 1986.

¹⁷ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Fundação Carlos Chagas, 2013.

¹⁸ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

respeito da perseguição que sofriam, uma vez que suas garantias constitucionais eram violadas em função de sua cor, o que feria os princípios de liberdade e igualdade, os redatores dos pasquins negros buscaram defender o cumprimento desses preceitos a partir da denúncia das exclusões sociais, como os obstáculos de acesso à Guarda Nacional e as dificuldades em assumir novos postos no interior dos regimentos militares.¹⁹

Quatro décadas depois, surgiu na cidade de Recife o periódico *O Homem*: realidade constitucional ou dissolução social. Empenhado em defender a concretização dos valores constitucionais de liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens, sem distinções, em seu primeiro número, publicado em janeiro de 1876, declarava: “há tempo de se calar e há tempo de falar. O tempo de se calar passou, começou o tempo de falar”.²⁰ Alcançando doze publicações entre os meses de janeiro e março, defendendo que a Carta Magna não fosse apenas um ornamento institucional, o impresso apresentava em sua primeira página os artigos constitucionais que reafirmavam o direito de acesso aos cargos públicos, militares e políticos para todos os cidadãos, sem diferenças senão em relação aos seus talentos e virtudes.

Com a promulgação da Lei 3.353, de 13 de maio de 1888, que declarava extinta a escravidão no Brasil, a partir do momento em que todos os indivíduos se tornaram livres, as questões elencadas por esses jornais passaram a se guiar pela forma como os negros estavam inseridos ou, na contramão, excluídos socialmente.

Inserido neste contexto de encerramento das disputas abolicionistas e da transição para o republicanismo, na cidade de São Paulo, a segunda edição do periódico *A Pátria* veio a público em dois de agosto de 1889. Apresentando em suas páginas temáticas que marcavam as experiências dos negros naquele período,²¹ *A Pátria*, “órgão dos homens de cor”, questionou e refletiu sobre os caminhos que possibilitariam a inclusão de homens e mulheres negras, uma vez que “hontem deram a liberdade ao escravizado, mas esqueceram-se de que o liberto, que se transforma em cidadão, tem direito e precisão de ter uma pátria”.²²

Nesta conjuntura, para o periódico, a formação de uma pátria democrática, onde governaria o povo pelo povo e imperaria a igualdade, onde os negros outrora escravizados encontrariam a concretização dos seus direitos enquanto cidadãos, se realizaria em uma nação republicana. Retomando os valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ao abraçar os ideais republicanos *A Pátria* apresentava suas expectativas de futuro e defesa dos interesses dos

¹⁹ *Ibidem*, p.27-28 e 67-75.

²⁰ *Ibidem*, p.86-87.

²¹ *Ibidem*, p.135-136.

²² LIMA, Ignácio de Araújo. Corte. *A Pátria*: órgão dos homens de cor. São Paulo, num. 02, 02 de agosto de 1889, p.02.

indivíduos negros, pois apenas na República “encontraremos a reabilitação de nossa raça estigmatizada pela escravidão”.²³

Os anseios inscritos nas páginas de *A Pátria* em relação à instauração do regime republicano enquanto movimento para a efetivação da cidadania de homens e mulheres negros adquiriram outros contornos, na virada do século XIX, no jornal *O Progresso*, publicado em São Paulo, em 1899. Ao ser proclamada a República, governo que, em tese, teria como preceitos os valores liberais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, os indivíduos negros que se dedicaram à instituição do novo regime esperavam que com sua consolidação os preconceitos raciais pudessem findar. As desilusões não tardaram quando os sujeitos livres e libertos perceberam que a República não significaria um avanço em suas pautas e interesses.

Nas palavras dos redatores de *O Progresso*, as expectativas em relação à promoção, pela República, de novos caminhos dissolveram-se quando a instauração do novo regime se transformou na manutenção das condições equivalentes ou piores do que aquelas do tempo de cativo. À vista disso, os jornalistas negros que trataram de suas experiências e expectativas, no final do Oitocentos, na cidade de São Paulo, se amalgamaram em torno da memória, do trabalho e da instrução para lutarem por inserção social.²⁴

Ainda na esteira dos estudos acerca da Imprensa Negra em São Paulo, assim como Ana Flávia Magalhães apresentou um debate que expandiu as fronteiras das análises sobre esses impressos, Flávio Thales Francisco faz um movimento similar de ampliação desses documentos, ao procurar compreender as relações que esses periódicos e, em especial, *O Clarim d'Alvorada*, construíram com outros impressos ao longo do Atlântico, a exemplo do *Chicago Defender* e o *Negro World*. Como problema de pesquisa, Thales Francisco procurou compreender como as experiências raciais no Atlântico Negro foram pensadas como exemplos e estratégias para construções particulares de assimilação e/ou inclusão dos negros tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos.²⁵

A respeito das relações entre Imprensa Negra e intelectualidade, a dissertação de Ruan Lévy Reis é singular quanto a leitura dos redatores e colaboradores desses jornais como intelectuais. Reis, neste sentido, procura elucidar como os homens e mulheres negros que

²³ *Ibidem*.

²⁴ PINTO, A., *Op. cit.*, p.147-153.

²⁵ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010 e FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O novo negro em perspectiva transnacional*. Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940). 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

participaram da formação e condução desses impressos imprimiram nele suas concepções sobre inclusão racial e combate às discriminações, propondo formas de lutar contra os preconceitos existentes em São Paulo.²⁶

Por fim, quanto as vinculações entre Imprensa Negra e mulheres, a pesquisadora Ingrid Aquino debruçou-se sob esses periódicos a fim de compreender como eles percebiam as mulheres negras e como essas mulheres se entendiam no interior desses jornais. Para tanto, a autora recuperou as vivências e colaborações de Evangelina Xavier de Carvalho.

É em diálogo com essas produções que este trabalho se desenvolve. A análise desses da escrita dos jornais da Imprensa Negra Paulista das primeiras décadas do século XX, parte da concepção de que eles mantêm profundo diálogo com as propostas veiculadas pelos periódicos negros paulistas do final do Oitocentos. Essa observação, por sua vez, se estabelece nas formulações racialistas fomentadas em São Paulo. Como indica George Andrews, em parte alguma do Brasil existiu um esforço tão grande para europeizar o país do que em São Paulo e, em parte alguma se sentiu os seus efeitos tão fortemente.²⁷ Esse cenário, como enfatiza Kim Butler em seus estudos,²⁸ marca as vivências dos negros em São Paulo e as maneiras pelas quais eles constroem suas lutas contra a discriminação racial.

A construção da memória, assim como a reivindicação do papel da instrução moral e intelectual ainda, fizeram parte desses impressos, se integrando a proposição de uma respeitabilidade negra. Como destaca a historiadora Evelyn Higginbotham²⁹, no contexto estadunidense, as políticas de respeitabilidade foram forjadas por mulheres negras vinculadas às Igrejas Batistas que, entre o final do século XIX e início do século XX, procuraram contestar a supremacia branca a partir de sua atuação pública. Adotando, para tanto, estratégias políticas e sociais que buscassem a transformação do comportamento negro, esse processo pode ser considerado como, simultaneamente, conservador e subversivo, à medida em que buscou a inserção dos negros em uma sociedade branca hegemônica, partindo da apropriação e reconstrução dos códigos ditados pelos brancos.

²⁶ REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

²⁷ ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru/SP, Edusc, 1998

²⁸ BUTLER, Kim. *Freedoms givens, freedoms won. Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.

²⁹ HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. *Righteous discontent: The women's movement in the Black Baptist church, 1880-1920*. Harvard University Press, 1994.

Outro conceito norteador para o trabalho é o de intelectual proposto por Edward Said.³⁰ Para o pesquisador, o intelectual é uma figura representativa, que estabelece a defesa de um ponto de vista e se coloca diante de um papel público que exige compromisso, ousadia e risco. Essa proposição vai de encontro à noção forjada por Paulina Alberto que destaca os colaboradores da imprensa negra como intelectuais, uma vez que eles buscaram refletir sobre suas questões raciais, denunciando as violências que sofriam e tecendo estratégias que pudessem superar as desigualdades raciais.

A compreensão da intelectualidade feminina, não obstante, deve passar, necessariamente, pela leitura de que suas proposições intelectuais estão permeadas por suas vivências de gênero, raça e do grupo econômico a qual pertencem. Neste contexto, como elucidada bell hooks, as mulheres negras, além de serem objetificadas e descaracterizadas do ponto de vista intelectual, estiveram inseridas precocemente em ambientes nos quais elas deveriam se preocupar pelos seus, de modo que, o trabalho intelectual, seja pelo tempo que exige ou pelas dinâmicas sociais que impõe, significou, por vezes, um empecilho para este grupo.

Em vista disso, o primeiro capítulo da dissertação procura apresentar os periódicos da Imprensa Negra Paulista. Considera-se que nestes jornais se amalgamaram concepções plurais a respeito da situação dos negros no Brasil e, em particular, em São Paulo e que eles teceram debates que não se limitaram as suas cidades, mas às vivências dos negros brasileiros e estadunidenses. O que se propõe, portanto, é compreender suas características, motivações e os significados que os homens e mulheres negras atribuíram à imprensa, de modo que a elegeram como uma forma de lutar por melhores condições sociais e raciais.

O segundo capítulo tece sobre as construções de estratégias para inclusão racial e luta contra as discriminações raciais em São Paulo. Para tanto, é tomado como ponto de partida dois pilares: o primeiro se refere a percepção dos negros como legítimos cidadãos brasileiros e sua busca por inclusão a partir da afirmação das contribuições dos negros no passado e presente. Essa questão estaria vinculada as relações entre brancos, negros e imigrantes no pós-abolição em São Paulo. O segundo retoma o papel da educação como forma de ascensão social negra. A instrução, neste viés, estaria voltada tanto para as questões morais, quanto para as questões intelectuais. Ainda neste capítulo se apresenta como as mulheres negras, enquanto

³⁰ SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de*. São Paulo : Companhia das Letras, 2005

colaboradoras e leitoras, dialogaram com essas estratégias de respeitabilidade negra e em que medida elas discordaram ou reforçaram as reflexões endossadas pelos homens negros.

O terceiro e último capítulo debate sobre o papel da literatura na Imprensa Negra. A literatura esteve presente em quase todos os periódicos negros. Associada à grandes intelectuais da raça, como Luiz Gama e José do Patrocínio, a escrita literária foi a principal forma de inserção das mulheres negras nesses impressos. Suas narrativas, não obstante, mais do que dialogarem com os projetos de instrução e moralização da classe³¹, fizeram referência constante ao campo emocional. Em suas produções é possível identificar uma solidão contínua, marcada pelo abandono amoroso, a perda do ser amado ou mesmo de entes queridos, como os filhos. Essas temáticas, no entanto, não se desvinculam de uma luta antirracista, se referindo, antes, a uma outra forma de se pensar a união dos negros em prol da luta contra sua discriminação racial, da luta pela vitória de sua raça.

³¹ O termo classe foi usado na pesquisa como uma forma de se referir aos negros enquanto grupo. Essa escolha parte da forma como os jornais enunciavam seus objetivos “órgão em defesa da *classe* dos homens de cor”. Dessa forma, quando no texto aparece o termo classe, assim como o termo “homem de cor” é em referência aos termos acionados pelos próprios periódicos.

CAPÍTULO 1

“LUTAR CONTRA A DESIGUALDADE POR MEIO DA PENA”: IMPRENSA NEGRA PAULISTA

1.1 – “Propugnar pelos interesses dos homens pretos. No Brasil?”

Vinte e nove de maio de 1928. Encontra-se disponível aos leitores a edição referente à segunda e à terça-feira do periódico *O Paiz*,³² editado no Rio de Janeiro. Na segunda página, aqueles que se interessam por acompanhar o impresso ou as notícias do dia podem encontrar o artigo de opinião intitulado “Não Concordo”, assinado pelo colaborador Agapito Bicudo, em que poderão ler: “Circula em S. Paulo uma publicação periódica, o *Clarim da alvorada*, cujo fim é propugnar pelos interesses dos homens pretos. No Brasil? Evidentemente, não. A campanha em favor dos filhos de Cham deve visar a algum ou alguns paizes estrangeiros onde isso se faça necessário”.³³

Observando que “no Brasil, o preto é tão brasileiro, tão cidadão, quanto o branco, o amarelo, o verde e o azul” e que “desde 13 de maio de 1888 não há mais, felizmente, no sólo pátrio, nem senhores neve, nem escravos breu, mas absoluta, absolutíssima igualdade social e civil”, a coloração da pele, assim, não tem mais nenhuma importância e pode um cidadão de “epiderme chumbo” exercer todos os direitos dos quais usufruem os cidadãos de epiderme “clara d’ovo ou enxofre”. O Brasil, aponta o autor, resolveu como nenhuma outra jovem nação a questão econômica, humanitária, política e social do negro advindo d’África ou reproduzido no país. Ao invés de segregar, o atraiu ao convívio, se misturou com a criatura preta e, com ela, se identificou a ponto de serem escassos os “puros sangues”.³⁴

“Em condições taes, não havendo diferenciação alguma, não havendo mesmo preconceito algum, sendo liberalíssimo, além de tradicional, o criterio que rege a nossa exemplar fraternidade branco-pardo-óca”,³⁵ Agapito Bicudo pede licença para discordar de uma imprensa cuja proposta é especialmente a defesa dos interesses dos homens pretos, porque, no

³² *O Paiz* foi um jornal diário fundado no Rio de Janeiro, em 1884, por João José dos Reis Júnior. Folha com tiragens expressivas e ampla circulação, o periódico destacou-se por sua defesa da causa abolicionista e republicana no final do século XIX. Ao longo da primeira metade do século XX o impresso constituiu-se como importante órgão governista da Primeira República. Sua circulação foi interrompida entre outubro de 1930 e novembro de 1933 e suas atividades se findaram em 1934. Para mais informações sobre o periódico, consultar: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>

³³ BICUDO, Agapito. Não Concordo. *O Paiz*, num.15926-15927, 28 e 29 de maio de 1928, p. 02, (grifo do autor).

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

Brasil, seus interesses seriam tão respeitáveis quanto os das pessoas brancas, afirmando ele que “somos igualíssimos, brancos e pretos, ao extremo de, perante as leis, o preto ser branco, não havendo, em consequencia, azeite e vinagre, mas só vinagre, ou só azeite”.³⁶

É a partir dessa construção argumentativa que se desenham as linhas finais do texto do colaborador:

“[...] se o *Clarim da alvorada*, como succursal do *The Chicago Defender*, quer bater-se entre nós por um movimento de *sympathia humana* e humanitária em favor dos pretos *yankees*, será outra coisa, e não teremos senão palmas energicas e louvores entusiaticos para a sua nobre campanha. Provavelmente, o seu programma é esse, e não o de defender o negro brasileiro, porque este, graças a Deus, é direito e de brasileiro de facto, é brasileiro cidadão preto até debaixo d'agua”.³⁷

A argumentação desenvolvida por Agapito Bicudo insere-se em distintos debates levantados pela imprensa periódica no pós-abolição. Trata-se de percepções situacionais sobre o negro no Brasil, em constante paralelo com as condições experienciadas por homens e mulheres negras – em particular – dos Estados Unidos, das compreensões a respeito de raça, miscigenação, nação e progresso e das articulações ou contradições existentes nesses discursos.

Refletir a respeito da legitimidade de uma imprensa que defendesse os interesses de indivíduos categorizados como negros e brasileiros, em comparação com a luta realizada pelos afro-americanos, vincula-se a uma forma de compreender as relações raciais estadunidense e brasileira no pós-emancipação e nos permite questionar: Quais interesses envolveram a publicação do jornal *Clarim da Alvorada*? Quais ações seriam capazes de justificar uma necessidade de autodefesa dos negros brasileiros? Como esses debates se relacionaram à publicação do *Chicago Defender* e à luta empreendida pelos negros estadunidenses? Os caminhos para elucidar a essas questões começa pela última delas, retomando as relações raciais desenvolvidas no Norte e Sul da América, a partir das notícias veiculadas no periódico *Chicago Defender* e em impressos brasileiros.

1.1.1 – O paraíso fictício das raças

Na trajetória de quase quatrocentos anos de tráfico de escravos, entre o final do século XV e meados do século XIX, mais de 12 milhões de seres humanos de beleza negra foram embarcados em navios negreiros alocados nas costas marítimas africanas e transportados rumo

³⁶ *Ibidem.*

³⁷ *Ibidem.*

ao outro lado do Atlântico.³⁸ Distribuídos ao longo do continente americano, aqueles que sobreviveram foram lançados em sistemas múltiplos de exploração na condição de escravos, na qual muitos pereceram e outros tantos lutaram arduamente por liberdade. Tecer uma análise comparativa entre as formas de marcar a (não) existência política dos indivíduos escravizados e os processos envolvidos na abolição da escravatura, significa reconhecer as similaridades e especificidades que constituem as sociedades escravistas.

Neste sentido, quando se volta o olhar aos processos de escravização, abolição e pós-abolição nos Estados Unidos e Brasil, a quantidade de escravos absorvida por esses países,³⁹ as dimensões internas da concentração de escravizados, os caminhos eleitos para se alcançar a independência política, a amplitude social do sistema escravista, a experiência com imigrantes europeus e as diferenças religiosas em decorrência das particularidades do povoamento são elementos que permitem uma reflexão acerca dos projetos abolicionistas desenvolvidos em cada país.⁴⁰

Ciente da atenção solicitada por cada elemento mencionado, aqui o que se pretende é antes destacar as singularidades da formação racial desses países vinculada a uma idealização de pátria. Neste cenário, ao pensarmos a história estadunidense, desde a Revolução Americana, em 1776, os Estados Unidos foram pensados por suas elites como um país formado por homens brancos, descendentes de europeus, responsáveis por guardar para seu grupo os privilégios da cidadania e do pertencimento nacional.

Estando os sujeitos negros, assim como os indígenas, excluídos da ideia de nação branca forjada pela elite branca estadunidense, a mistura racial ao longo dos anos representou uma ameaça a essa ideia, constituindo-se, neste sentido, como crucial nos debates sobre nação, escravidão e identidade nacional. No Sul dos Estados Unidos, onde a escravidão foi pensada como uma instituição que definia a sociedade sulista, políticos, cientistas, religiosos e intelectuais elaboraram um complexo argumento que vinculava a existência do cativo à própria identidade meridional, de modo que mesmo após a abolição a região manteve-se como saudosa da escravidão, implementando normas de segregação racial que se estenderam pelo

³⁸ REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. Tradução Luciana Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.12.

³⁹ Enquanto o Brasil absorveu mais de 5 milhões de indivíduos traficados, nos Estados Unidos foram desembarcados cerca de 472 mil africanos concentrados na região sul do país, nas fazendas de produção de tabaco e algodão. Sobre os dados da escravidão na América, conferir: <https://www.slavevoyages.org/>.

⁴⁰ AZEVEDO, Célia. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003, p.24-26.

século XX.⁴¹ No Sul estadunidense, ser negro significava necessariamente ser escravo, a cor da pele era um importante marcador do status de homens e mulheres. À medida que a população escravizada foi se tornando mais clara e a escravidão mais ameaçada, a regra de “uma gota de sangue” (*one-drop rule*)⁴² tornou-se cada vez mais adotada para delinear racialmente a população.

O Norte do país, por vezes veiculado como o paraíso da raça negra nos Estados Unidos, também apresentava tensões raciais. A exemplo, a cidade de Chicago instaurou, no ano de 1819, as denominadas *Black laws*. Este conjunto de leis obrigava a população negra a apresentar certificado de liberdade para fixar residência, proibia-a de votar e restringia suas viagens para lugares que deveriam ser especificados previamente. Removidas após a Guerra Civil, em 1865, as medidas adotadas revelavam um ambiente hostil à população negra que se repetia em outros espaços dos Estados Unidos.⁴³

No início do século XX, com o aumento da migração de pessoas negras rumo ao Norte do país em busca de refúgio, práticas segregacionistas como os cinturões negros (*black belts*) e os guetos negros (*black ghettos*) ganharam força. A população negra, em algumas cidades, ficava restrita a bairros específicos, os quais não cresciam de acordo com o aumento da população e possuíam aluguéis e preços exorbitantes em áreas menores, quando comparado aos bairros habitados por imigrantes de origem europeia. As restrições se estendiam a ambientes públicos, como a demarcação de espaços que poderiam ser ocupados em áreas de lazer, e reverberavam nos espaços de trabalho fabris, em que os negros eram considerados mão-de-obra inferior.⁴⁴

A adoção de políticas segregacionistas como forma de proteger um projeto de pureza racial foi não apenas um ideal nacional sobre si mesmo, mas também uma imagem sobre o outro, considerando que estavam em curso nos países latino-americanos, incluindo o Brasil,

⁴¹ BRITO, Luciana da Cruz. O crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil escravista e a ameaça à pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição. *Revista Brasileira de História*, v. 36, n. 72, p. 107-130, 2016.

⁴² A regra de “uma gota de sangue”, adotada nos Estados Unidos, define como negra uma pessoa com uma única gota de “sangue negro”. Essa noção derivou-se da crença de que cada raça tinha seu próprio tipo de sangue, que estaria relacionado à aparência física e comportamentos sociais. *The one-drop rule* é um princípio de hipodescendência. Consultar: HOLLINGER, David A. The one drop rule & the one hate rule. *Daedalus*, v. 134, n. 1, p. 18-28, 2005, WRIGHT, Lawrence. One drop of blood. *The New Yorker*, v. 25, n. July, p. 46-55, 1994.

⁴³ A divulgação de Chicago e do Norte dos Estados Unidos como um espaço benéfico para a população negra foi um tema comum nas páginas do periódico *Chicago Defender*. Sobre essa temática, o historiador Flávio Francisco aborda como se construiu uma imagem positivada ao mesmo tempo em que as cidades nortistas se mostravam como ambiente hostil. Para um aprofundamento dessa questão consultar: FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O novo negro em perspectiva transnacional. Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p.42.

⁴⁴ *Ibidem*, p.43-47.

outros projetos nacionais que objetivavam a homogeneização da população a partir da mistura racial como uma forma de fazer desaparecer os sujeitos negros e indígenas.⁴⁵ Essas diferentes concepções dos usos e efeitos da miscigenação foram amplamente debatidas na imprensa estadunidense – seja pelos grupos que defendiam a importância da pureza racial, seja pelos grupos que enxergavam no povo brasileiro miscigenado uma referência na luta pela integração e igualdade racial. Este último é o caso do periódico *Chicago Defender*.

Com o intuito de advogar em favor da população negra na luta contra o racismo na sociedade estadunidense, em um cenário em que a grande imprensa se dedicava à difusão de imagens que reforçavam um retrato depreciativo dessa população, o *Chicago Defender*, fundado por Robert Abbott, em 1905, procurou se contrapor a este cenário, evidenciando a figura de negros prósperos, indivíduos que se destacavam em suas atividades apesar da discriminação racial. Atingindo uma tiragem de expressão nacional em pouco mais de cinco anos, o impresso denunciou em suas páginas a violência sistêmica sofrida pelos afro-americanos nas grandes metrópoles.⁴⁶

A receptividade do periódico pelo público negro, por sua vez, deveu-se não somente ao interesse pelas publicações relativas às agressões sofridas, mas também pela divulgação de um universo negro. Informações sobre a vida social em diferentes cidades, notícias sobre esportes, eventos culturais, cinema, teatro, política, sessão destinada à fofoca, colunas voltadas às mulheres, a criação de um espaço exclusivo para crianças, todos esses elementos dialogaram com a ampliação e a consolidação de um público leitor. Para o historiador Flávio Francisco, a junção desses elementos permitiu ao *Chicago Defender* construir um projeto político em luta pelo reconhecimento e a integração plena dos negros à nação dos Estados Unidos.⁴⁷ Neste sentido, em favor de uma sociedade em que fosse possível a convivência entre brancos e negros, foram articuladas em suas páginas imagens e discursos a respeito da experiência dos indivíduos negros em outras nações como contraponto ao ambiente de hostilidade estadunidense. Entre os países mencionados, estava o Brasil.

Apresentado como um espaço para a ascensão dos negros, lugar onde não existia qualquer obstáculo físico ou social, o território brasileiro consagrou-se nas publicações do *Chicago Defender* como um paraíso idílico das relações raciais,⁴⁸ o país ideal para os homens

⁴⁵ BRITO, *Op. cit.*, p. 112 e 126.

⁴⁶ FRANCISCO, *Op. cit.* p.14-15.

⁴⁷ *Ibidem*, p.20-22.

⁴⁸ *Ibidem*, p.89.

negros.⁴⁹ Nesse cenário, as notícias a respeito do Brasil se associaram a três questões centrais: o potencial econômico do país, a mobilidade social dos indivíduos negros e o fenótipo dos brasileiros, analisado a partir da lente das dinâmicas raciais estabelecidas nos Estados Unidos. Considerando a existência de homens e mulheres negras em espaços públicos e na execução de atividades em bancos, comércios ou como carteiros, motoristas e, em menor grau, jornalistas e advogados, o Brasil supostamente teria desenvolvido uma sociedade que permitiu à sua “população de cor” ascender socialmente.⁵⁰

Após a publicação de uma série de notícias sobre as relações raciais no Brasil, Robert Abbott desembarcou no país em 1923 como parte de uma viagem pela América Latina. Em sua estadia, o jornalista reafirmou nas páginas do periódico a oportunidade de melhores condições de vida para os negros brasileiros – servindo-se de exemplos de sujeitos “bem sucedidos”, aos quais foi apresentado durante sua passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo – e a diversidade racial brasileira. Não obstante a positividade retratada nas edições do *Chicago Defender*, a experiência do redator no Brasil foi marcada por episódios de racismo. Tanto na sua visita à capital carioca quanto à capital paulista, Abbott foi solicitado a se retirar dos hotéis nos quais esteve hospedado com sua esposa, o que se deu em função da exigência de pessoas brancas que também estavam nesses espaços. Para Robert Abbott, esses episódios não eram expressões de um racismo brasileiro, mas de uma má influência norte-americana.⁵¹

As imagens e discursos construídos em torno das relações raciais brasileiras foram incorporados como parte de um projeto político que procurava uma representação alternativa para os Estados Unidos, capaz de se distanciar da narrativa de superioridade do homem branco.⁵² O paraíso idílico, livre de tensões raciais, construído nas páginas do *Chicago Defender*, foi revisitado por alguns periódicos no estado de São Paulo, logo após a passagem do Abbott pelo Brasil. Interessados em pensar as relações raciais brasileiras, os impressos *Getulino* e *Kosmos* teceram críticas à visão de plena harmonia entre as raças no país.

Neste cenário, a visão a respeito do redator do *Chicago Defender*, bem como a compreensão dos seus interesses no Brasil, não foram completamente positivas, como

⁴⁹ “BRAZIL IDEAL COUNTRY FOR BLACK MAN”, trecho destacado do artigo “Spanish language key to progress”. *Chicago Defender*. (Chicago, 22 de janeiro de 1916), p.5. In: FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O novo negro em perspectiva transnacional. Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p.87.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 87-95.

⁵¹ Abbott atribui tanto a violência no Norte dos Estados Unidos, quanto as que ele vivenciou no Brasil as influências dos brancos sulistas estadunidenses. *Ibidem*, p.112-120.

⁵² *Ibidem*, p.93.

demonstram três cartas de um colaborador enviadas ao periódico *Getulino*. Publicadas entre os meses de setembro e outubro e assinadas por Benedicto Florêncio, as cartas versavam sobre os interesses de Robert Abbott pelas terras brasileiras e a última, em particular, voltava-se ao discurso proferido pelo redator norte-americano, em que se afirmava:

As conferencias do dr. Robert Abbot, o chamado campeão da raça negra norte-americana, e redactor proprietario do 'Chicago-Defender', não resistem [sic], absolutamente, a uma analyse rigorosa, porque têm fundo vasio.

Não passaram mesmo de simples palestras de programma pomposo, com assumpto fatigante e insipido, que não conseguiram producir sensação e nem provocaram admiração alguma.

Póde-se quasi affirmar, que os melhores attractivos do illustre visitante negro, foram a sua presença curiosa, o seu vulto herculeo, a sua côr lusidia, a sua estupenda intelligência e o seu muito dinheiro!...

Na phrase feliz de Patrocínio Filho, 'essas conferencias foram puramente embaladoras e só podem ter feito mal aos negros do Brasil'.⁵³

As críticas às conferências de Abbott fundamentavam-se em elementos como o temor de estar em andamento um projeto de imigração de negros estadunidenses para o Brasil, o que significaria um risco de aprofundamento das questões raciais no país. De acordo com a segunda carta de Benedicto Florêncio, após a sua passagem pelo Brasil, Robert Abbott enviou uma carta ao presidente da Associação da Imprensa, para anunciar que ele estava à frente de uma indústria que gostaria de adquirir terras brasileiras e enviar mão-de-obra especializada na lavoura de algodão.⁵⁴

Essa afirmação vai ao encontro das informações acerca do *Brazilian-American Colonization Syndicate* (BACS) que, no ano de 1921, mobilizou um projeto de imigração de afrodescendentes norte-americanos para o Brasil. Fortalecido por manifestações nas páginas de periódicos, como o *Chicago Defender*, o BACS manifestou interesse em adquirir terras no estado do Mato Grosso para serem colonizadas por afro-americanos. Apesar de a proposta não ter sido efetivada e das reações adversas entre distintos grupos sociais no Brasil, o interesse da organização fez parte de uma busca por lugares onde o tratamento destinado aos negros estadunidenses poderia ser mais digno, dado o acirramento da violência racial contra os negros nos Estados Unidos e, principalmente, na cidade de Chicago. Reconhecido como um país em que imperava a harmonia racial já no século XIX, o Brasil esteve incluso em planos do governo

⁵³ FLORENCIO, Benedicto. Cartas d'um negro III. A immigração negra norte-americana, prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação. *Getulino*, num.13, 21 de outubro de 1923, p.03.

⁵⁴ *Ibidem*, num.11, 07 de outubro de 1923, p.02.

dos Estados Unidos para receber populações afro-americanas livres ou escravizadas, como nos “projetos de colonização”, durante a Guerra da Secessão (1861-1865).⁵⁵

A forma com que o redator do *Chicago Defender* construiu sua análise sobre as relações raciais brasileiras também foi pauta nas publicações no *Getulino*. Reivindicando uma cordialidade entre os indivíduos, Abbott elaborou uma percepção baseada nos princípios da igualdade humana que, para Florêncio, era um erro, considerando que,

quem chega aqui ás préssas e vê a mistura por cima sem conhecer das substancias componentes, illude-se facilmente com a côr da chita.

Quem testemunha essa harmonia, quase essa confusão de raças e cores, essa completa confraternisação de brancos e pretos nas ruas, nos theatros, nos hotéis, nos bailes, e nos vehiculos ; quem entra numa repartição publica, num banco, numa grande casa commercial e observa a existencia de pretos ocupando cargos de destaque; quem encontra nos grandes collegios e estabelecimento de ensino official professores e cathedaticos pretos leccionando para brancos, tem a natural impressão de estar num paiz de direitos e conquistas excepcionaes, onde não existe preconceito de cor nem distincção de raça.

[...] S. S. que, como dissémos já, entrou aqui pela porta da rua e sahiu pela janella da cosinha, entendeu ir dizer aos nossos irmãos norte-americanos que aqui predomina a verdadeira egualdade humana, que aqui não ha preconceito [sic] e a lei é um evangelho social rigorosamente igual para todos na sua ampla applicação [...].

Nós, porém, os negros brasileiros não endossamos de fórmula alguma os sugestivos entusiasmos do Sr. Abbot, porque ninguém mais apto para falar da injustiça do que a própria victima.⁵⁶

Ao questionar as noções de igualdade noticiadas pelo jornalista estadunidense, Florêncio aparentava compreender que embora as experiências dos negros no Brasil não fossem marcadas por violências tão explícitas e amparadas na própria legislação, como era o caso dos negros no território norte-americano, isso não alterava o cenário de assimetria entre as raças no solo brasileiro, posto que,

A situação do negro no Brasil comparada com a ~~de~~ da Norte America será o supremo idéal, isso porém para aquelles que como o dr, Abbot, vêm de um paiz onde o preto é considerado um leproso moral, é tratado como cão mais que despresivel, faltando-lhe toda defesa desde as paginas da lei até as camadas sociaes.

Aqui, felizmente, o ódio contra o negro não assume proporções tão barbaras, pois não somos queimados vivos em fogueiras publicas, nem lynchados pelas multidões sedentas de vinganças.

⁵⁵ Sobre a temática, Cf.: GOMES, Tiago de Melo. “Problemas no paraíso: a democracia brasileira frente à imigração afro-americana”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n.2, 2003, pp.307-331; SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Não diga que não somos brancos: os projetos de colonização para afro-americanos do governo Lincoln na perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos 1860*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁵⁶ FLORENCIO, Benedicto. Cartas d’um negro III. A imigração negra norte-americana, prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação. *Getulino*, num.13, 21 de outubro de 1923, p.03.

Mas, daí a vir afirmar-se que não existe preconceito de cor no Brasil, é como negar a derrota da Alemanha...⁵⁷

A insatisfação do colaborador do *Getulino* em torno das falas proferidas por Abbott se basearam, portanto, na idealização construída pelo redator-chefe do *Chicago Defender*. Embora compreensíveis, quando comparadas as relações raciais estadunidenses e as brasileiras, tais falas acabaram por ocultar as formas de existência do “preconceito de cor” no Brasil.

Na esteira das críticas à visão racial de Robert Abbott, o jornal *Kosmos* foi responsável por enfatizar as ações que permitiam a afirmação da existência de um preconceito racial no território brasileiro. Assinado pelo redator Abílio Rodrigues, o artigo “Preto e Branco” retoma comentário publicado no periódico carioca *A Pátria*, proferido por José do Patrocínio Filho, cujo pai era o abolicionista José do Patrocínio. Destacando as boas intenções do fundador do *Chicago Defender* ao estabelecer um confronto favorável entre as duas nações, Patrocínio Filho sustentou que as palavras proferidas por Abbott antes reforçavam uma igualdade puramente fantasiosa do que tratavam de experiências reais. Nas palavras de Patrocínio Filho,

Nota-se em toda carreira da vida, que o preto carece de um esforço triplo para chegar conseguir uma posição melhor.

[...] Resignada ao desprezo piedoso do branco, que lhe faz crer que a luta de raça não existe entre nós, nunca mais produziu um visconde de Jequitinhonha, nem um Rebouças, nem um Cotegipe, nem um Tobias Barreto.

Infelizmente há quem esconda a sua origem negra como opprobrio. Porque?

Há corporações que se impede que o negro suba aos postos de destaque e de commando. Porque? [...] O sr. Eloy de Souza é uma excepção singular no Congresso Nacional. Porque? Ao sr. Juliano Moreira e o sr. Evaristo de Moraes, as portas da sociedade só se abrem a contra gosto, constrangidos pelo seu insuperável valor mental. Porque?

Foi excluído da fundação da Academia de Letras, Cruz e Souza, chefe da escola que renovava a poesia brasileira. Actualmente na Liga Metropolitana de **foot-ball**, os jogadores de cor escura, são excluídos dos **matches** representativos.

A cada passo deparamos com o preconceito que exclue, que humilha, que esmaga o homem de cor.

E nós continuamos minado pela illusão de que **“a verdadeira democracia é a brasileira, porque ella repousa sobre os principios estabelecidos pela egualdade humana.”**⁵⁸

Em um país em que os indivíduos negros escondiam sua origem racial, onde “homens de cor” eram impedidos de assumir postos de destaque e comando, em que pessoas como Juliano Moreira e Evaristo de Moraes (citados nas reportagens de Robert Abbott como exemplos da ascensão dos negros no Brasil), eram aceitos pela sociedade a contragosto e jogadores de futebol negros eram excluídos dos times, pensar uma igualdade entre as raças,

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ RODRIGUES, Abílio. Preto e Branco. *Kosmos*, num. 11, 18 de abril de 1923, p.01 (grifo do autor).

como o fez o redator do *Chicago Defender*, era uma ilusão na percepção não apenas de Patrocínio Filho, mas também de Abílio Rodrigues.

Ao publicar no *Kosmos* o artigo veiculado nas páginas do impresso *A Pátria*, Abílio Rodrigues não apenas concordou com as afirmações de José do Patrocínio Filho e as difundiu para um público que ainda não tivera a oportunidade de ler a reportagem, como também elucidou sua perspectiva. Relembrando a passagem do redator-chefe do jornal norte-americano pelo Rio de Janeiro e São Paulo, ao mencionar as situações em que Abbott e sua esposa foram convidados a se retirar dos hotéis, Rodrigues comentou que mesmo tendo sido essa ação atribuída aos hóspedes brancos e estadunidenses, as atitudes dos proprietários brasileiros foram a de acatarem os pedidos. Seria essa, então, a igualdade racial brasileira?⁵⁹

A essa pergunta, o dono do jornal *O Bandeirante*, Gastão Silva, oferece resposta nas páginas do seu impresso. Ao resgatar que os “homens de cor preta” no Brasil sempre foram vítimas da polícia, Gastão Silva denunciou as dezenas de barbaridades dos mantenedores da ordem pública, os quais prendiam e esmurravam “homens de cor” que, por vezes, não possuíam ninguém para os acudir. A constatação do redator deu-se diante do ocorrido em agosto de 1918 em que, após enterrarem um amigo, quatro homens tiveram prisão decretada sem justificativa quando retornavam às suas casas.

Em 15 do corrente saíu da rua Major Diogo o enterro, a mão de um pobre preto que, tendo morrido pauperrimo, não podia seguir a ultima morada em coche de luxo. Levaram-no ao cemiterio do Araçá, em sentimento e piedade, alguns colegas e amigos. Na volta, appareceram de subito, aos conductores do morto quatro individuos que, sem motivo algum e alegando a sua qualidade de secretas, lhes deram voz de prisão, só porque se tratava de gente de côr, pobre, vezada ao trabalho nas oficinas e sem relações nenhuma com a policia. Houve protestos das partes dos sitiados, mas os que mais protestaram, em numero de quatro, foram presos.

[...] E um abuso, sr. redactor, que precisa ter um fim, e immediatamente. Já um pobre não pode morrer, porque ficará preso, naturalmente porque fez um acto de caridade foi dar o ultimo adeus ao seu amigo e colega.

É uma necessidade, com efeito que o sr. Dr. delegado geral ponha termo a semelhante estado de coisas.

Os agentes de policia estão exorbitando dos poderes que lhes foram conferidos.

As prisões succedem-se, sem motivo algum e os que são inocentes nem sempre podem manter a calma necessaria ante o vexame a que os submettem.

Os tempos ignominiosos de effectuar prisões por palpíte já vão longe.⁶⁰

A violência policial contra os negros, denunciada pelo periódico *O Bandeirante* não era uma ação isolada e associava-se a um discurso que procurava inferiorizar esses indivíduos,

⁵⁹ *Ibidem*, p. 02.

⁶⁰ SILVA, Gastão Rodrigues. Os agentes de policia em acção. *O Bandeirante*. São Paulo, num.4, abril de 1919, p.02.

como reafirma a publicação “Prefere-se branca”, no *Getulino*. Salientando a atuação da polícia nos cortiços a fim de obrigar as mulheres residentes nesses espaços a procurarem serviço porque “ali elas não se preocupam em fazer nada, como se os serviços do lar fossem nada”, a reportagem comentava sobre como essa atitude seria positiva para as donas de casa que lutavam contra a falta de empregadas, exceto pela lembrança de que, ao se conferir os jornais, rapidamente eram encontrados pequenos anúncios em que se lia: “precisa-se de empregada, prefere-se branca”. Na perspectiva do periódico, seria mais prudente a inserção desses anúncios sem essa nota, uma vez que ela não apenas deprimia os “indivíduos de cor”, como reivindicava um espírito escravocrata.⁶¹

O Alfinete também comentou a atuação da imprensa em relação às empregadas domésticas negras. Dessa vez, porém, não se tratou de apontar como as donas de casa preteriam mulheres negras em favor das brancas, mas da parcialidade da imprensa e, em especial, do jornal *Gazeta* ao versar sobre o ambiente de trabalho doméstico. Publicada na coluna “Vida Doméstica”, a matéria “Boas empregadas, nem por um decreto!” discutia como as criadas eram preguiçosas, exigentes, melindrosas e, às vezes, ladras. Reclamava-se de que elas chegavam até a pedir dinheiro para o bonde e ironizava-se dizendo-se que, com o tempo, elas também solicitariam um automóvel. Em função disso, defendia-se que o trabalho das arrumadeiras deveria ser regulamentado para se ter uma caderneta de identificação que pudesse controlar os roubos.⁶²

Na percepção do *Alfinete*, ao considerar um abuso as criadas pedirem por passe para o bonde e não apontar os abusos no ambiente de trabalho, cometidos, por exemplo, contra as mulheres negras que, contratadas apenas como cozinheiras, também exerciam outras atividades como lavar e limpar sem receberem a mais por isso e sem direito a reclamação, por temor de serem taxadas como ladras, a crítica da *Gazeta* omitiu como as empregadas negras muito trabalhavam e pouco recebiam. Neste sentido, seria realmente necessária uma caderneta de identificação, não para evitar roubos, mas para estabelecer obrigações recíprocas, já que as domésticas não possuíam leis que regulamentassem seus serviços.⁶³

O encontro entre a recepção crítica por parte dos periódicos *Getulino* e *Kosmos* em relação à harmonia entre as raças no Brasil e os apontamentos a respeito da violência policial e a exploração das pessoas negras pelo *Bandeirante* e o *Alfinete* não parece ser um acaso. Interessados em refletir sobre as relações raciais no Brasil, esse conjunto de jornais se identifica

⁶¹ Prefere-se branca. *O Getulino*. Campinas, num.16, 11 de novembro de 1923, p.01.

⁶² Boas empregadas, nem por um decreto. *Gazeta*. São Paulo, num. 4698, 9 de setembro de 1921, p.01.

⁶³ ASUOS. Reparando. *O Alfinete*. São Paulo, num. 75, 25 de setembro de 1921, p.03.

como “órgãos em defesa da classe de homens de cor”, reivindicando melhores condições de existência, dadas as adversidades experimentadas por homens e mulheres negras no período anterior e posterior à abolição. Assim como eles, inúmeros outros impressos reconheceram-se como combativos contra as distinções raciais, entre eles, o *Clarim da Alvorada*, mencionado na crítica tecida por Agapito Bicudo. A esse conjunto de jornais voltados à defesa dos indivíduos negros, escritos por e para homens e mulheres negras, atribui-se a classificação de Imprensa Negra.

1.2 – Imprensa Negra em São Paulo

Nas trilhas das esperanças fomentadas pelo pós-abolição e o alvorecer de um novo século, inaugurou-se, no ano de 1903, em Campinas, uma associação beneficente denominada Centro Literário dos Homens de Cor. Entre os seus projetos constava socorrer os sócios em momento de enfermidade, procurar empregos para os “homens de cor” que fossem dignos dessa proteção, educar e estabelecer um curso noturno para aqueles que necessitassem de instrução primária e “publicar mensalmente em Campinas a folha denominada «O Baluarte», destinada exclusivamente a defender os interesses da classe dos homens de cor, sem distinção alguma de crenças religiosas e políticas.”⁶⁴

Publicado entre os anos de 1903 e 1907, sob direção de Benedicto Florêncio, em seu primeiro número, veiculado em 15 de novembro de 1903, *O Baluarte* delineou os seus objetivos, destacando que,

O nosso aparecimento na arena do jornalismo brasileiro, será considerado para a critica moderna, um facto de suma importancia social.

O pessimismo sempre crescente dos seculos, preso á ignorancia das gerações incultas, negou em absoluto ao homem de cor a parcela de racionalidade de que são possuidores todos os seres pensantes, condemnando-o ao suplicio cruento de muitos seculos de escravidão e, excluindo-o systematicamente do convívio social com a soberania d’um dogma, a decadencia intellectual da raça e o aniquilamento moral da classe.

[...] E assim sendo, é de nosso dever prosseguirmos na campanha defensiva da raça negra; cuidando da sua educação civica, do seu equilibrio moral, da sua independencia social.

É de nosso dever libertal-a definitivamente do pezo da critica a que está sugeita pela força criminosa dos preconceitos da sociedade contemporanea.

Assim pensando porém, não somos exclusivistas e nem fanaticos obsecados: estaremos sempre ao lado dos opprimidos e dos infelizes sejam quem seja e por ele combateremos baseados no Direito, inspirados na Justiça.

[...] Não queremos a lucta – ambicionamos a paz; mas, não recuaremos diante da affronta porque sonhamos ainda a nossa completa emancipação.

Eis em synthese o nosso programma.⁶⁵

⁶⁴ PROJECTO DOS ESTATUTOS. *O Baluarte*. Campinas, num.01, 15 de novembro de 1903, p.03.

⁶⁵ A REDACÇÃO. NOSSO PROGRAMMA. *O Baluarte*. Campinas, num.01, 15 de novembro de 1903, p.01.

Preocupado em defender a população negra, vilipendiada pelos anos de escravização e pela exclusão social, *O Baluarte* enxergava como seu dever cuidar da educação, da moral e da independência social dos negros, baseando-se na legitimidade dos direitos desses indivíduos enquanto cidadãos.

Aos esforços em prol dos direitos e educação dos negros, defendidos pelo *Baluarte* somou-se, no ano de 1907, *O Propugnador*. Pertencente à Sociedade Propugnadora 13 de Maio, o jornal estabeleceu como propósito “reunir elementos esparsos na certeza que, d’entre estes virá um ou mais que tomando a frente o eleve as alturas que desejamos.”⁶⁶ O intento desse periódico, como sinaliza seu programa, não estava firmado sob os mesmos aspectos do Centro Literário dos Homens de Cor, mas na união e conscientização dos negros em torno das causas que lhes eram importantes.

Os projetos delineados pelos periódicos *Baluarte* e o *Propugnador* permitem rastrear parte das concepções que forjaram os periódicos da imprensa negra paulista nas três primeiras décadas do século XX. Entre elas, destaca-se a atuação do associativismo negro e suas vinculações com a fundação de jornais.⁶⁷ Como apresentado em seus subtítulos, ambos os órgãos eram expressões de sociedades formadas por pessoas negras e interessadas na prestação de auxílios para a “classe de cor”. Outros jornais, como *O Bandeirante* (1918-1919), pertencente ao Grêmio Bandeirante, *O Kosmos* (1922-1925), vinculado ao Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos e *Elite* (1924), órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário “Elite da Liberdade” também se inseriram em uma perspectiva de defesa da população negra em São Paulo e atuaram como representantes de associações negras.

Em seu aniversário de um ano de publicação, *O Bandeirante* destacou em suas páginas o êxito da sua bandeira de combate, voltada para o estabelecimento da concórdia entre os negros. Nas palavras de seus redatores, “como bandeira de combate, alçada em defesa de nossa classe, não foi arriada uma só vez; como promessa de paz, estabelecendo a concórdia em nosso meio, tornou-se uma realidade – porque nunca aceitou e nem tampouco ateou a guerra em o seio de irmãos.”⁶⁸ Procurando por meio da serenidade, promover a fraternidade entre os negros, ainda que, por vezes, incompreendido, o periódico reuniu em suas páginas, sob direção de

⁶⁶ E’... A TAL COISA... *O Propugnador*. Campinas, num.02, São Paulo, 06 de outubro de 1907, p.01.

⁶⁷ A importância atribuída pelos indivíduos negros à imprensa como espaço de construção e difusão de ideias será discutida no subcapítulo 1.3.

⁶⁸ EM MARCHA... *O Bandeirante*. São Paulo, num.4, abril de 1919, p.01.

Antônio dos Santos e D'Alencastro, artigos que denunciavam a ação abusiva das autoridades⁶⁹ e a participação de redatores de outros impressos, como Frederico Baptista, fundador do Grêmio Kosmos e responsável pelo *Elite* e Gastão Silva, fundador do *A Liberdade* (1919-1920).

Na São Paulo da década de 1920 existiam várias associações negras. Treze de Maio, Brinco de Princesa, 28 de Setembro, Paulistano e o Kosmos são exemplos de algumas dessas sociedades. Todas elas, como menciona José Correia Leite, “promoviam bailes, embora tivessem nascido com a ideia de serem beneficentes para ajudar negros. Entretanto, uma das poucas que mantinham esse objetivo era o Kosmos.”⁷⁰ Formada em 1908, pela família de Frederico Baptista de Souza, essa sociedade possuía um corpo cênico, além de um jornal, sendo reconhecida por sua seriedade e por exigir de seus associados os bons comportamentos morais, como demonstra a publicação de janeiro de 1924, em que se diz “o Gremio por sua lei basica intervem nos actos particulares e muito mais aos que se tem passado não só nas immediações da séde nos dias de festas, ensaios ou reuniões, como ainda o que se tem passado em logares afastados.”⁷¹ O jornal *O Kosmos* como um representante da associação homônima lembrou aos seus leitores o acordo social entre o grêmio e outras sociedades com o intuito de fiscalizar os sócios e sócias “eliminados por falta de pagamento e outro motivos que venham a *prejudicar a moral*.”⁷²

A atuação do *Kosmos* em torno da moral, em determinada medida se vinculou as percepções sobre a defesa da classe levantada por Frederico Baptista. Descrito como funcionário da Faculdade de Direito e lutador incansável pela causa negra, Baptista “chegou a vender uma casa para manter a sociedade dentro dos padrões de seriedade, onde não tinha ambiente para buscar mulher ou tomar bebedeira. Era uma sociedade para a família.”⁷³ As contribuições de Abílio Rodrigues, na mesma medida, foram centrais para a formação do periódico, uma vez que ele fora responsável não apenas pela direção do impresso, mas também pela coordenação do grêmio e das peças teatrais apresentadas pelos sócios.

Rodrigues, assim como Baptista, atuou como redator-chefe do jornal *Elite*, órgão da sociedade paulistana *Elite da Liberdade*, fundado “por um encorajado que assim como outros,

⁶⁹ SILVA, Gastão Rodrigues. Os agentes de policia em acção. *O Bandeirante*. São Paulo, num.4, abril de 1919, p.02.

⁷⁰ LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007, p.33.

⁷¹ SOUZA, Frederico Baptista de. Observando. *O Kosmos*. São Paulo, num.20, 20 de janeiro de 1924, p.02.

⁷² *Ibidem*. ACCORDO SOCIAL.p.03 (grifo nosso)

⁷³ LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007, p.33.

deseja a comunhão completa dos homens de côr”.⁷⁴ A união proposta pelo periódico pode ser encontrada em suas páginas através das publicações que elogiavam as atividades desenvolvidas por outros homens negros em benefício da classe, como Gastão Silva. Apresentado como um batalhador incansável, Gastão

foi um dos fundadores do Club Recreativo de São Paulo, do saudoso Club Athletico Paraiso, Centro Recreativo Smart, onde tem sido eleito e reeleito presidente; [...] Recreativo Kosmos, onde igualmente occupou cargos na Directoria; teve a ideia da fundação do jornal ‘A Liberdade’, e tem occupado cargos nas directorias de outras sociedades, prestando a todas o concurso vallioso de sua intelligencia, pugnando pelo levantamento do nome dos homens de côr”.⁷⁵

O periódico *A Liberdade*, fundado por ele, circulou entre os anos de 1919 e 1920, possuindo como objetivo “tratar da defeza dos homens de côr, quando no direito dessa defeza.”⁷⁶

O colaborador Deocleciano Nascimento também foi estimado nas páginas do *Elite*, que destacou: “inicia hoje a sua collaboração no Elite, o mavioso poeta de cor, snr. Deocleciano Nascimento, um dos mais querido collaborador do ‘Getulino’ de Campinas, do ‘O Kosmos’ daqui e de varios jornaes e revistas, em que o seu nome é occultado sob pseudonymos.”⁷⁷ “Deoclé”, como por vezes era mencionado nos impressos negros, não somente foi um dos mais expoentes poetas da classe entre as décadas de 1910 e 1930, como também foi fundador do jornal *O Menelik*.

Publicado entre os anos de 1915 e 1917, na cidade de São Paulo, *O Menelik* “buscou adquirir um nome, que não deveria mas era esquecido dos Homens de côr, é esse nome, o de Menelik II, o grande rei da raça preta, fallecido em 1913”.⁷⁸ Intitulado como órgão mensal, noticioso, critico e literario, em seu primeiro número o impresso procurou elucidar o que cada uma dessas palavras exercia como função no interior do jornal. Assim,

- a) E’ mensal, porque destina aparecer de mez a mez.
- b) E’ noticioso para travarmos conhecimentos de factos que se dão e passam sem prévio conhecimento da classe nossa.
- c) E’ critico (só entre a classe) para colher os ditos philosophicos que navegam nos labios desse povo.
- d) E’ literário para mostrar ao mundo as sabedoria que occultamente vaguea no cerebao da classe.
- e) E’ dedicada aos homens de cor para prestar-lhes homenagens.⁷⁹

⁷⁴ RODRIGUES, Abilio. Commentando. *Elite*. São Paulo, num.02, 20 de janeiro de 1924, p.02.

⁷⁵ GASTÃO RODRIGUES DA SILVA. *Elite*. São Paulo, num.04, 02 de março de 1924, p.01-02.

⁷⁶ Souza, Frederico Baptista de. “A Liberdade”. *A Liberdade*. São Paulo, num.01, 14 de julho de 1919, p.01.

⁷⁷ A’ UM PASSARINHO. *Elite*. São Paulo, num.02, 20 de janeiro de 1924, p.02-03.

⁷⁸ O MENELIK. *O Menelik*. São Paulo, num.01, 17 de outubro de 1915, p.01

⁷⁹ *Ibidem*. DESTINO. p.01-02.

As homenagens prestadas pelo *Menelik* aos “homens de cor”, a começar pelo seu título, integrou os projetos de outros periódicos da imprensa negra paulista, como o piracicabano *O Patrocínio* (1928-1930), cujo nome fazia alusão à figura de abolicionista e jornalista José do Patrocínio e o campinense *Getulino* (1923-1926), em virtude do abolicionista Luiz Gama.

Editado em oficina própria, o *Getulino* intitulava-se como “órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos”. Possuindo como redator-chefe o jornalista e escritor Lino Guedes, “moço de côr dos mais esforçados e nosso presado companheiro, a quem deve a classe assinalados serviços”⁸⁰, e como secretário da redação Gervásio de Moraes, visto como “uma promessa de sua raça”,⁸¹ seus diretores proprietários, inicialmente, eram os senhores Martinho Andrade e Alcino Moraes, “dois elementos que optimos serviços têm prestado á gente de sua raça”.⁸² O *Getulino* foi um dos principais periódicos da imprensa negra paulista entre 1900 e 1930. Marcado por uma longevidade expressiva, diante das circunstâncias possíveis para os impressos negros, e por apresentar publicações como os romances-folhetins, o campinense atuou como um órgão combativo em benefício de homens e mulheres negros no interior paulista.

Em consonância a atividade empreendida pelo *Getulino*, na capital paulista, a partir de 1924, passou a circular o impresso *O Clarim*. Fundado pelos amigos Jayme de Aguiar e José Correia Leite, que viriam a ser importantes representantes dos negros em São Paulo, em seu primeiro número o periódico se afirmava como um “órgão que surge hoje, pobre, mas cheio de esperanças, apesar de ser redigido por rapazes inexperientes, mas de bons intentos, vem respeitosamente a presença dos bons amigos e leitores apelar pelo seu bom acolhimento.”⁸³ Dividido em três fases 1924-1927, 1928-1932 e 1940, a partir do quinto número do ano de 1924 o jornal passou a ser chamado de *O Clarim d’Alvorada*.

Entre o final de 1927 e o início de 1928, *O Clarim d’Alvorada* passou por uma reformulação

O Clarim d’Alvorada, o pequeno e único porta-voz dos homens pretos desta capital, hoje, após um involuntário descanço, reaparece, com novo programma de acção: – quer tudo fazer, para o bem estar da nossa gente; não olvidará um só instante do seu desederatum e assim sendo, será o porta-voz noticioso, literario e de combate; não para combater ideaes irrealizaveis, que se não enquadrem com as suas posses e dos leitores assiduos e da classe nossa em geral; mas sim demonstrar cabalmente, com

⁸⁰ O NOSSO APARECIMENTO. *Getulino*. Campinas, num.02, 05 de agosto de 1923, p.01.

⁸¹ O NOSSO APARECIMENTO. *Getulino*. Campinas, num.02, 05 de agosto de 1923, p.01.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ A REDACÇÃO. Apresentação. *O Clarim*. São Paulo, num.01, 06 de janeiro de 1924, p.01.

todos os requisitos precisos, as inúmeras demonstrações e irregularidades que se não se deparem quotidianamente.

[...] A' 6 de Janeiro de 1924, lançávamos a publicidade um porta-voz, restricto na sua feitura e nas suas idéas, porém, de uma sinceridade condigna, com asseveridades justas; oxalá, agora, com o seu ressurgimento possamos reafirmar aqueles ideaes nobres, valorosas, com o amparo de todos aquelles sensatos patricios que leem, e meditam, nas associações diversas, em todos os recantos das collectividades nossas, nos meios cultos, principalmente onde se reúnem aquelles que desejam melhores dias para nossa sociedade, para o nosso patrimonio representativo!...

Queremos o convívio moral e social da nossa gente na jornada que se não póde medir as vicissitudes, educando os nossos filhos na religião de Deus e na do amor, vencer todos os obstaculos se permitir a vida nova.⁸⁴

A nova fase do jornal se reafirmou em seu subtítulo. Ao contrário dos números anteriores em que o impresso se apresentava como órgão literário, noticioso e humorístico, a partir de 1928, *O Clarim* atuava “pelo interesse dos homens pretos. Noticioso, literário e de combate.”⁸⁵

Outros periódicos como *O Xauter* (1916), *A Rua* (1916), *O Alfinete* (1918-1921), *A Protectora* (1920), órgão da Associação Protectora dos Brasileiros Pretos, *Progresso* (1928-1931) e *Auriverde* (1930), integraram a imprensa negra paulista. Atuando como difusores de ideias e ideais no meio negro, esses periódicos além de estudados sob a ótica de suas criações e das relações tecidas entre os seus redatores, podem ser analisados quanto aos seus colaboradores, formato, sua periodicidade, longevidade e circulação.

Ao debruçar-se sobre os indivíduos que participaram da produção dos periódicos da imprensa negra, Paulina Alberto elucida que as pessoas que se juntaram às associações literárias e recreativas no estado de São Paulo faziam parte de uma parcela da população que poderia ser nomeada como “classe média negra”, isto era, “professores de escolas públicas, secretários ou funcionários de cargos modestos no governo federal, estadual e municipal, soldados ou funcionários nas forças militares e policiais.”⁸⁶ Figuras como Benedicto Florêncio e Lino Guedes, redatores de jornais negros, mas também de jornais de nível empresarial, como o *Diário do Povo* e *Correio Popular*, respectivamente, se encaixam nessa perspectiva. Igualmente, Frederico Baptista, funcionário da Faculdade de Direito, Deocleciano Nascimento, contador e Jayme de Aguiar, que trabalhava na Seção de Datiloscopia do Gabinete de Investigação.⁸⁷

Espaço predominantemente masculino, Regina Pahim Pinto, em seu estudo sobre o movimento negro em São Paulo, destaca que, entre 1900 e 1937, do total de 244 colaboradores da imprensa negra por ela computados, apenas 15 eram mulheres. Nos cargos de chefia, apenas

⁸⁴ VIDA NOVA. *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, num.01, 05 de fevereiro de 1928, p.01.

⁸⁵ *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, num.01, 05 de fevereiro de 1928, p.01.

⁸⁶ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017, p.50.

⁸⁷ *Ibidem*, p.49-55.

uma mulher integrou o corpo editorial no jornal *Clarim*, em 1935, exercendo a função de redatora.⁸⁸ Estudos mais recentes, no entanto, apontam uma participação mais intensa das mulheres no campo das colaborações.⁸⁹ Entre os anos aqui estudado, ao menos 27 mulheres publicaram artigos, prosas e poesias nos jornais analisados.⁹⁰ A primeira publicação de autoria feminina se deu no campinense *O Baluarte*, com o texto “Manhãs”, de Lucia Gonzaga, publicado em 1903. A recorrência maior de suas produções, no entanto, se deram no *Menelik*, no *Clarim d’Alvorada* e *O Patrocínio*, voltando-se, sobretudo, para colaborações literárias. No *Clarim*, em especial, as mulheres ganharam uma seção literária feminina, onde elas poderiam publicar suas produções e também lerem textos dedicados a elas.

Em relação a sua diagramação, os periódicos da imprensa negra aparentam ter sofrido uma influência da imprensa operária e estrangeira, tanto em seus aspectos formais, quanto em seus objetivos. De acordo com Ubirajara Motta, os jornais negros e operários apresentavam uma diagramação semelhante e ambos se destinavam a denunciar os problemas de seus públicos alvos.⁹¹ Correia Leite corrobora com essa proposição ao destacar que “a comunidade negra tinha necessidade dessa imprensa alternativa. Não se tinha outro meio a não ser copiar o que as colônias estrangeiras faziam”, todas elas tinham jornais e sociedades, de modo que as publicações dos periódicos negros seriam responsáveis por dar “informações que não se obtinha em outra parte”.⁹² Importante salientar, não obstante, que a eleição da imprensa como forma de luta pelos direitos dos negros data do século XIX, como aponta o estudo de Ana Flávia Magalhães Pinto.⁹³ Dessa forma, os periódicos da imprensa negra paulista não foram

⁸⁸ Regina Pahim Pinto, em *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Fundação Carlos Chagas, 2013.

⁸⁹ Quanto a isso, ver: AQUINO, Ingrid Andresa Neles de. *Mulheres negras que não podem passar em branco: Trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de "O Clarim da Alvorada" (1924-1940)*. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020 e REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

⁹⁰ As análises dos periódicos nos permite afirmar que o número de colaboradoras era maior do que a quantidade que conseguimos ter acesso por meio da documentação. Isto porque em alguns jornais consta que em sua próxima publicação os redatores tinham expectativas de receberem produções de colaboradoras específicas. No entanto, em virtude da conservação dos impressos e das possibilidades de acessá-los, muitos desses números foram perdidos ou não se encontram disponibilizados para consulta. A edição de número 03, do *Menelik*, publicada no dia 01 de janeiro de 1916, em sua seção “A caixa e o balaio” faz referência aos textos das senhoritas M. Gonçalves, Alice e Janinha Pereira, que “ornamentariam seu próximo número”.

⁹¹ MOTTA, Ubirajara Damaceno da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. Dissertação de Mestrado, Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1986, p.78.

⁹² LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007, p.33.

⁹³ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

impactados somente pelas produções operárias, mas também pelas outras formas de associações e reivindicações já existentes no meio negro.

Os jornais da imprensa negra paulista eram, normalmente, formatados em folhas A4, distribuindo suas produções ao longo de quatro páginas, chegando a seis, oito ou mais em datas comemorativas, como os aniversários dos periódicos ou o treze de maio⁹⁴. A periodicidade, no entanto, variava de acordo com os projetos de cada redação, existindo jornais mensais, quinzenais e semanais.⁹⁵ As tiragens desses jornais variaram, ao longo dos anos de 1915 e 1931, entre 1.000 e 2.000⁹⁶ exemplares. Todavia, considerando-se a taxa de analfabetismo e a possibilidade da leitura compartilhada, esses jornais podem ter atingido um público leitor estimado de 4 a 10 mil pessoas.⁹⁷

Aqueles interessados no conteúdo dos periódicos negros, encontravam em suas duas primeiras páginas artigos e notícias consideradas importantes para o conhecimento e instrução da classe. Este espaço estava reservado nos impressos para a publicação dos editoriais, textos críticos e analíticos. Os mais curiosos e ávidos pelas notícias alheias, no entanto, poderiam se direcionar para as páginas de número três e quatro, voltadas para informações da vida social, como batismos, falecimentos, matrimônios, bailes, eventos esportivos, reuniões e publicidade.

Compreendida como elemento de adjetivação da existência e exercício desses jornais, os quais se intitulam como “jornais dedicados aos homens de cor, noticioso, literário e de combate”, a literatura esteve presente em ao menos uma edição de todos os periódicos negros paulistas, publicados entre o ano de 1903 e 1930, a exceção de *O Propugnador*. Sem possuir uma página específica para sua veiculação, nos jornais eram encontrados poesias, contos, crônicas e anedotas.

Para adquirir um periódico da imprensa negra, o leitor interessado deveria dispor de quantias entre 100\$ e 200\$ réis para números avulsos e 4\$000 e 5\$000 réis para as assinaturas anuais, a depender do periódico. *O Kosmos*, por exemplo, vendido a 200\$ réis, em 1921, significou um investimento mais caro do que o seu colega *O Alfinete*, que até a sua edição de número setenta e quatro circulava pelo valor de 100\$ réis. A análise dos valores dos jornais da

⁹⁴ A publicação de 13 de maio de 1929 do *Clarim da Alvorada* conta com 6 páginas em função das comemorações pela abolição. O número 12, do *Getulino*, que circulou a partir do dia 13 de outubro de 1923, por sua vez, possui 10 páginas.

⁹⁵ A exemplo o *Clarim da Alvorada* era um órgão de publicação mensal, *O Patrocínio* quinzenal e *Getulino* semanal.

⁹⁶ FERRARA, Miriam N. A imprensa negra paulista, 1915-1963. FFLCH-USP, 1986, p.56

⁹⁷ REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p.48.

grande imprensa permite entrever que estes preços não eram tão altos. *A Gazeta*, órgão fundado por Casper Líbero, possuía como valor avulso 100\$ réis, valendo sua assinatura anual 50\$000 réis.

Mencionados regularmente nas páginas dos jornais, os bailes, ensaios e *soirées*⁹⁸ não significavam apenas um divertimento para homens e mulheres negras, na medida em que também eram espaços possíveis de construção de uma sociabilidade e solidariedade entre as pessoas negras, revelando-se essenciais à vendagem dos periódicos.⁹⁹ Os eventos promovidos pelas associações, bem como seus ambientes sociais eram propícios para a venda dos jornais, como demonstra os agradecimentos no *Clarim d'Alvorada* as “senhorinhas Iracema dos Santos, Valentina Miranda, Maria de Lourdes, Herminia Cruz e Nair Cruz, que se encarregaram de vender no XV de Novembro” o periódico.¹⁰⁰ *O Kosmos*, igualmente, agradeceu as “senhoritas Maria de Lourdes Lopes e Maria de Lourdes Castro, que attenciosamente aceitaram a incumbencia feita pela Directoria, para a venda desta folha, no recinto social do Gremio; cooperando assim pelo progresso da mesma.”¹⁰¹ Essas passagens permitem entrever que, além da importância destinada às sociedades como espaço do público leitor desses impressos, as mulheres possuíam papel central em sua distribuição.

A circulação dos periódicos da imprensa negra, bem como seu tempo de vida, dependia de diferentes fatores. A possibilidade de dedicação do grupo redator ao periódico é um deles. Ao relembrar as circunstâncias de publicação do seu impresso, José Correia Leite, destacou que, para fundar uma entidade eram necessárias três ou quatro pessoas dispostas a lutar, do contrário os impressos não teriam vinda longa.¹⁰²

Tanto esforço se vinculava à questão financeira, como destaca a notícia veiculada em *O Xauter*. Ao relatar a suposta morte d'*O Binóculo*, jornal que pertencia ao meio da imprensa negra paulista, os colaboradores afirmaram que “um jornal é feito pelos redactores que escrevem e pelo dinheiro com que se paga a officina. Estas duas cousas são que formam a estrutura. Faltando uma delas, o Jornal deve morrer”.¹⁰³ Considerando que esses impressos não significavam um empreendimento lucrativo, os indivíduos responsáveis por sua edição

⁹⁸ Reunião social que ocorre em período noturno.

⁹⁹ José Correia Leite, redator do *Clarim da Alvorada*, aponta que, nas primeiras décadas do século XX, apesar de circularem nos espaços onde os negros se concentravam aos finais de semana, como praças e parques, a distribuição dos periódicos negros se dava sobretudo em bailes. Cf. LEITE; CUTI, *Op. cit.*, p. 45.

¹⁰⁰ AGRADECIMENTOS. *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, num.02, 03 de fevereiro de 1924, p.01.

¹⁰¹ O, P. Trabalhando pelo progresso do jornal “O Kosmos”. *O Kosmos*. São Paulo, num.11, 18 de abril de 1923, p.04.

¹⁰² LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007, p.47.

¹⁰³ A morte “d’O Binoculo”. *O Xauter*. São Paulo, 16 de maio de 1916, n. 02, p.02.

dedicavam-se a outras atividades que pudessem oferecer retorno financeiro. Na mesma medida, ausentes os recursos para se manter um jornal, as publicações eram suspensas, temor que se revelava pelas frequentes notícias que lembravam aos assinantes a necessidade de manterem em dia o pagamento mensal, sob aviso de terem seus nomes expostos ou o envio da próxima edição cessado.

À vista disso, a presença de anunciantes nas páginas dos jornais ofereciam condições à manutenção dos impressos. O *Getulino*, por exemplo, alcançou situação consideravelmente estável, lançando 64 edições de maneira ininterrupta, entre julho de 1923 e dezembro de 1924. Com tiragem mensal estimada em 1500 exemplares, o periódico dedicava suas duas últimas páginas a propagandas de barbearias, lavanderias, estacionamentos, quitandas, farmácias, funerárias e lojas de calçados.¹⁰⁴ Manter os anunciantes era, portanto, uma via importante para angariar recursos, ao mesmo tempo em que isso significava a existência de demanda pela fidelização de um público leitor para consumir o que ali era publicado.

O *Clarim da Alvorada*, por sua vez, apesar das dificuldades financeiras, trocava correspondências com periódicos da imprensa negra estadunidense, como o *Chicago Defender* e o *The Negro World*¹⁰⁵, além de possuir representantes nas cidades de Botucatu, Pindamonhangaba e Santos e circular pelos estados de Pernambuco, Paraíba, Bahia e Rio de Janeiro, dispondo de colaboradores em algumas dessas localidades.

Os exemplos mencionados, se não correspondem a uma predominância entre os jornais da imprensa negra, possibilitam, ao menos, o questionamento sobre a curta existência desses periódicos. A insistência em sua publicação, o esforço de seus redatores e as estratégias criadas para que seus números se prolongassem demonstram que, ao fazer uso desse formato de veiculação de ideias, eles atribuíam relevância a atuação impressa. Em vista disso, quais seriam as percepções dos redatores e colaboradores quanto aos significados da imprensa? Como a partir dela eles procuraram defender a “classe dos homens de cor”? O que estava em jogo para esses indivíduos?

1.3 – Em defesa dos interesses da “classe dos homens de cor”

Ao se retomar o século XIX, com o acirramento dos debates a respeito da abolição da escravatura no Brasil, multiplicaram-se nos jornais discursos sobre a figura dos indivíduos

¹⁰⁴ Sobre a relação entre a imprensa negra e anúncios publicitários, Cf.: CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

¹⁰⁵ Jornal fundado por Marcus Garvey, porta-voz do movimento Pan-Africanista na América, como expoente da *Universal Negro Improvement Association* (UNIA), Associação Universal pelo Progresso dos Negros (em tradução livre).

negros no Brasil. De acordo com a antropóloga Lilia Schwarcz, se durante as primeiras décadas da segunda metade do Oitocentos, as reportagens de periódicos paulistas como *A Província* e o *Correio* buscaram afirmar sobre os negros o seu, suposto, caráter violento, dependente e dado à feitiçaria, a partir de 1888 e até o início do século XX, as notícias procuraram se firmar nas concepções “científicas” do período, associando os negros à imagem de degenerados, cheios de vícios e voltados hereditariamente à vadiagem. Os jornais, nesse cenário, enquanto espaço de criação de verdades e conceitos universais, fortaleceram uma visão de inferioridade de pessoas negras em relação às pessoas brancas e os colocaram na condição de não-lugar, uma vez que os seus distúrbios eram frutos de suas heranças africanas, das quais não poderiam se desvencilhar e as quais o Brasil não gostaria de absorver, tornando-os, portanto, simultaneamente, excluídos e estrangeiros não-aceitáveis.¹⁰⁶

Em contraposição a este cenário, nas páginas do *Getulino* construiu-se uma narrativa a respeito do que fundamentava o atraso dos indivíduos negros e a perpetuação das distinções entre as raças:

Somos viciados, somos incultos, somos atrasados e analfabetos?
A culpa não é nossa: interrogae os quatrocentos annos do nosso ferrenho captivo
interrogae o miserável [?] regimer de obscurantismo em que fomos creados,
interrogae a lei do atavismo e da hereditariedade.
O nosso livro foi a chibata e a nossa escola foi a senzala!
E depois da nossa emancipação feita, sem regulamentação methodica, o phenomeno
typico da inercia do povo negro era um facto inevitavel e ate muito natural de baixo
do ponto de vista scientifico e de acordo com os ensinos da moderna sociologia.¹⁰⁷

As colocações de Florêncio ressaltam o impacto histórico da escravidão e da sistemática falta de oportunidades para a população negra. Tendo em vista os discursos sobre hereditariedade, nas palavras do jornalista, os vícios e atrasos dialogavam com as condições postas durante o período escravagista e com a inexistência de uma política em favor da alfabetização de livres e libertos. A nação estadunidense nesse ponto foi recuperada como um modelo político à medida que vinculou alfabetização e emancipação. Neste sentido, “[...] os Estados Unidos foram sabiamente previdentes, pois quando pensou-se á moda de um sonho, na libertação dos negros foi imediatamente decretada a rigorosa obrigatoriedade da alfabetização do preto”.¹⁰⁸ Como resultado, “quando os negros norte-americanos foram

¹⁰⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 2020.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

libertos não existia um so analphabeto!”. No Brasil, as circunstâncias se deram de modo diferente, por isso:

[...] vive o preto brasileiro cultuando a ignorancia abarrotando os botequins, augmentando as estatisticas das prisões e edificando templos ao vicio! Tudo isso é verdade mas a culpa não é nossa repetimos e repetiremos. E sendo assim ninguem tem o direito de nos enxotar e perseguir, mormente quando a nossa situação está perfeitamente garantida pela Carta Constitucional de 24 de Fevereiro. Precisamos, pois, agir com altivez e desassanho [?] contra essa criminosa infracção das leis brasileiras, agir pela palavra, pela penna e até pelos tribunaes, visto que as afrontas contra a nossa raça toman vulto serio.¹⁰⁹

Reconhecendo as situações que colocavam os homens e mulheres negros em uma posição de inferioridade moral, o jornal campinense destacou como o álcool e a violência não se explicavam apenas por questões raciais, mas por um processo de desamparo em relação aos negros. Impedi-los, por isso, de usufruírem de seus direitos reconhecidos pela Constituição seria uma violação. A imprensa, neste cenário, atuaria como uma forma de denunciar essa infração.

Outra percepção existente nos jornais a respeito da imprensa era sua relação com o progresso e com a civilização. Como sinalizou o *Auriverde*, cabia aos negros compreenderem que “o jornal é o transmissor de ideias, é o arquivo da palavra escripta, portanto, é necessario a sua existencia no seio dos povos civilizados.”¹¹⁰ Essa concepção também esteve endossada nas páginas de *O Propugnador*, que expressou,

A imprensa verdadeiro glaudio ao serviço da justiça, do progresso e do direito: – é ella que prepara os espíritos para adoptarem todas as novas ideias, grandiosas e fecundas; é ella a arma formidavel contra a prepotência-abusos e tyramnia; foi ella o pharol divino com que os nobres e intemeratos abolicionistas, espargindo luz iam do palacio do rico ao tugurio do pobre e senzala do escravo, pregando a verdade, avassalando consciencia até que um dia – 13 de Maio de 1888, *Izabel a Redemptora* – mostrara a nós outros a estrada livre do progresso e civilisação. Caminhemos pois, Avante! – Avante! não devemos parar nem retroceder.¹¹¹

No contexto de debates em torno dos direitos da população negra no Brasil, em um momento em que esses indivíduos eram questionados do ponto de vista da sua moral, como elucidado pela reportagem do *Getulino*, a imprensa aparentou estar imbuída de um duplo significado. Em um primeiro momento, a exemplo dos abolicionistas que fizeram uso da pena para promoverem a justiça e auxiliarem no progresso do país, ele atuaria como difusora de

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ A NOSSA FOLHA. *Auriverde*. São Paulo, num.02, 08 de abril de 1928, p.01.

¹¹¹ Comezaina. *O Propugnador*. São Paulo, num.02, 6 de outubro de 1907, p.01.

concepções que pudessem vir a auxiliar os negros. Em um segundo momento, como uma forma de afirmação da intelectualidade, colocando os negros em um espaço de civilidade, a medida em que eram capazes de transmitirem suas ideias por meio da palavra impressa.

Com o intuito de contribuírem para o progresso do país e de sua própria classe, os colaboradores da imprensa negra a usaram como forma de denunciar as desigualdades sociais experienciadas pelos negros. Em um artigo intitulado “Carta sem cor”, para *O Alfinete*, Benedicto Florêncio destacou que,

parece até que ser preto neste paiz, é um defeito de moral!
Não se quer saber as grandesa dos sentimentos, da nobresa do character, da elevação de vistas, da brancura do coração ou da honra no proceder: sendo preto, está condemnado!
E’ assim que vivemos neste meio que foi formado e regado com o suor dos nossos maiores; è assim que vivemos nesta terra onde tudo se nos negam, desde os direitos políticos-sociaes até a entrada em certas e determinadas congregações religiosas!
A sociedade nos odeia, o povo branco nos persegue, e a religião nos exclue do seu completo patrimonio espiritual!!
[...] Somos por acaso responsaveis pela côr que Deus entendeu que devemos ter?
Não é verdade que um branco marmoreo, de nariz aquillno e cabellos loiros, sendo ladrão, bebedo e imoral, è peor que um negro retinto honrado e digno?¹¹²

Florêncio elucidou em sua crítica que, para a sociedade branca, não importava as qualidades que uma pessoa negra poderia ter. Marcados pela cor de sua epiderme, as exclusões sociais e políticas pelas quais passavam os indivíduos negros se alastravam pelos diversos setores sociais, sendo reafirmadas em ambientes que, em tese, deveriam ser acolhedores, como as igrejas. Ignorando as contribuições prestadas pelos escravizados para a construção do país, a população negra, ainda que digna e honrada, era vista de maneira menos valiosa do que um branco com características “imorais”.

O campinense *O Propugnador* também fez uso da imprensa para evidenciar a discriminação racial. Noticiando as prisões sobre o crime de vadiagem, de acordo com o periódico,

Nestes ultimos mezes, – a imprensa tem noticiado diversos processos por vagabundagem: entre os quaes estão alguns pretos nossos conhecidos: precisamos gritar e gritar bem alto *é erro*. Não são e não somos vagabundos nem intruso em nossa pátria!...
Os poucos que vaguea pelas ruas, é simplesmente porque faltamlhes trabalho.
Ninguém ignora a dificuldade com que luctam principalmente o — preto — para adquirir um empregosinho nesta Capital. — O eminente advogado e jornalista snr. Dr.Celso Garcia, por ocasião das eleições para deputados e senadores, no seu programma em ton de palestra disse:

¹¹² FLORÊNCIO, Benedicto. Carta sem cor. *O Alfinete*. São Paulo, num.77, 1921, p.03. Este número do jornal se encontra danificado e, por isso, não foi possível precisar a sua data de publicação.

«As crianças de côr são as mais sacrificadas. Os velhos de côr depois de annos de captiverio, ahi estão sem abrigo, sem proteção, sem familias ; nós lhe desprezamos a familia para vendel-a como gado,...»¹¹³

Enfático tanto a respeito do erro que estariam cometendo as autoridades em prender os cidadãos negros, que estavam a lutar contra a falta de oportunidades empregatícias, quanto do tratamento que a infância e velhice negra recebiam, minando seus direitos em função de torná-los gados para vendagem, o impresso dá continuidade ao seu artigo enunciando:

E' este o motivo pelo qual luctamos com difficuldade; de quem é a culpa? para lavarem se desse peccado comettido contra Deus e contra o próximo, não precisa penitenciarem-se muito: basta que, envez de processos, deemnos emprego que garanta o sustento a nossa familia; ajudem-nos um pouco e vereis que ha urgentes necessidade de poupar, instruir e multiplicar o numero de pretos nas repartições publicas, nos bancos e em todas os ramos da actividade humana. — O preto é digno de proteção...¹¹⁴

Enunciado nas reflexões do *Alfinete* e do *Propugnador*, a figura divina explicitava para aqueles que se mostravam preconceituosos quanto aos negros que “todos eram iguais diante do pai”. Tendo Deus criado os homens, diferenciá-los por sua origem e cor era cometer um pecado contra Deus e seus mandamentos de “amar o próximo como a ti mesmo”. Para os redatores do *Propugnador*, a resolução dos problemas referentes à vagabundagem não passaria pelas prisões, mas pela ofertas de empregos aos negros, viabilizando seu sustento familiar. A vadiagem, neste contexto, era sintoma da falta de espaço do negro no mercado de trabalho e de sua exclusão social.

A segregação socio-racial dos negros também foi retratada nas páginas do periódico *A Liberdade*. Em sua coluna “Vagueando”, localizada na primeira página do periódico, o colaborador Matuto, ressaltou os abusos dos aluguéis nos bairros onde se concentravam a população negra, expondo:

Dizem, e é verdade que os proprietarios de casas de aluguel tem especulado com as propriedades as miserias da classe desprotegida da fortuna; e a coisa não é só isso: augmentam o aluguel de 40\$ para 100\$, e assim successivamente, como sou testemunha de um acto deste ouvindo o proprio prejudicado.
[...] a mais, proprietarios há, como o da Villa Conde de Sarzedas, que diz ou quer banir dalli o elemento de côr. Ora, alguns annos atraz, davam graças em alugar seus predios (porões) para as cozinheiras, porque não paravam em casa e havia muitas casas para alugar; hoje esquecem que esse elemento muito ajudou a pagar as dividas contrahidas para a edificação, porque o elemento mais elevado na sociedade ha bem pouco tempo não iria residir em villas e porões.¹¹⁵

¹¹³ Comezaina. *O Propugnador*. São Paulo, num.02, 6 de outubro de 1907, p.01. (grifo do autor)

¹¹⁴ Comezaina. *O Propugnador*. São Paulo, num.02, 6 de outubro de 1907, p.01.

¹¹⁵ MATUTO. Vagueando. *A Liberdade*. São Paulo, num.15, 09 de maio de 1920, p.01

De acordo com a denúncia apresentada no jornal, a especulação imobiliária na Vila Conde de Sarzedas atuou como uma forma de excluir os negros daquele ambiente a partir do preço exorbitantes dos aluguéis. Matuto também evidenciou em seu artigo que, os indivíduos negros apesar de tratados com indiferença e descaso pelos proprietários dos porões, no passado se não responsáveis, ao menos auxiliaram esses proprietários a conseguirem uma renda de aluguéis, uma vez que a classe abastada não se interessava pelos ambientes que esses donos de imóveis ofereciam aos negros.

O apelo do colaborador, não obstante, veio acompanhado de medidas cabíveis que os leitores poderiam tomar diante dos abusos dos proprietários, indicando que o inquilino que passasse por situação similar poderia levar o caso à “Recebedoria de vendas para o pagamento do imposto devido ao aumento”,¹¹⁶ ainda, quanto a elevação dos valores “o inquilino que faz o seu pagamento em dia, e para extorquir mais um pouco, marcam um prazo de 30 dias, o que é lei, esquecendo que este prazo com a ameaça de elevação de preço. Deve ser notificado por autoridade competente”.¹¹⁷

Na página seguinte, constava entre as publicações de *A Liberdade* uma notícia sobre o salão da rua Glycerio. Descrevendo seu dono como ganancioso e apontando que recentemente o salão tinha voltado a funcionar, o texto era pontual quanto a relação dos negros com esse espaço, destacando que

A nossa raça precisa compreender que os bailes alli foram suspensos por sua causa: lembrem se que lá existia um cartaz que dizia: *Aqui não dança pretos!* E' bom evitar de frequentar esta casa, tão mal vista; deveis procurar outro logar para divertirem-se, eu compreendo que, todo o homem que tem brio e vergonha, passando por uma outra não torna.¹¹⁸

Diante de discriminações como promovidas pelo salão mencionado, uma das atitudes tomadas pelos negros era a organização de ambientes próprios, como os grêmios cênicos, literários e times de futebol. Para alguns dos redatores da imprensa negra, no entanto, mais do que formar esses espaços, os negros deveriam fortalecerem-nos, como indica o artigo “Ilusão”, veiculado no *Alfinete*.

Existe em São Paulo, grande numero de Sociedades de homens de côr, umas dramaticas recreativas, outras recreativas dançantes; entre as dramaticas só vemos o nome; entre ellas a que mais tem apresentado alguns espectaculos, mada a verdade

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ Salão da rua Glycerio. *A Liberdade*. São Paulo, num. 15, 9 de maio de 1920, p.02 (grifo do autor).

que ennumeremos: a “Kosmo” e a “28 de Setembro”, que, lutando com dificuldades, esforçam-se em proporcionar esse divertimento a alguns de seus associados e convidados, digo alguns, porque, no nosso meio, raros são os apreciadores dessa arte. [...] Pensamos que as Sociedades, como ponto de reunião familiar, não devem ser formadas unicamente para dançar; precisamos progredir, e, para isso, precisamos agremiações que possam sustentar uma escola, uma biblioteca, etc. [...] Precisamos mostrar que não é somente os *Ones-steps*, *Ragtime* e *Picadinho*, que sabemos cultivar, também sentimos amor e boa vontade para as cousas instructivas. Os bons livros de litteratura, poesia e moral.¹¹⁹

O Menelik também endossou essa perspectiva acerca da necessidade de aprimoramento dos indivíduos negros. Em sua análise, o periódico sinalizou para o papel das instituições negras com a classe, em suas palavras: “a possibilidade de nosso aperfeiçoamento depende dos esforços de cada uma das instituições que fundarmos, a pratica da imprensa, do magisterio, do parlamento, das escolas dirigidas por bons pedagogos.”¹²⁰

Unidos pelas narrativas e projetos que conceberam, os jornalistas da imprensa negra mantiveram vínculos que permitiram a proliferação de debates nos impressos negros. Mais ainda, a participação de colaboradores em dois ou mais periódicos e/ou agremiações permitiu a formação de novos centros e entidades em nome da luta contra a discriminação racial e pelo reconhecimento dos indivíduos negros, como foi o caso do Centro Cívico Palmares e, posteriormente, da Frente Negra Brasileira (F.N.B).

Vinculado à atuação da imprensa negra, o Centro Cívico Palmares foi fundado em 1926 por um grupo de intelectuais negros que se reunia nos espaços públicos da cidade de São Paulo para discutir os “problemas da raça”. Empenhado, inicialmente, em criar uma biblioteca que possibilitasse o acesso de pessoas negras à leitura, o Palmares acabou voltando-se para uma série de outros trabalhos, cujo fim era a união de homens e mulheres negros, para que esses tomassem consciência das desigualdades raciais.¹²¹ Os esforços em prol da unificação resultaram na promoção de palestras, peças teatrais e outras atividades culturais protagonizadas por indivíduos negros, bem como na criação de escolas, biblioteca e de um curso secundário que permitiu acesso a melhores oportunidades sociais e econômicas.¹²²

A dissolução do Centro Cívico em 1928, em virtude do dissenso entre grupos de associados, enraizou as condições de existência da Frente Negra Brasileira - União Político-Social da Raça. Formada em São Paulo, em 1931, por homens e mulheres negros que

¹¹⁹ SOUZA, Frederico Baptista de. *Ilusão*. *O Alfinete*. São Paulo, num.08, 09 de março de 1919, p.01-02.

¹²⁰ MAUREPAS, Dr. Não sei porque. *O Menelik*. São Paulo, num.14, 11 de fevereiro de 1917, p.01

¹²¹ LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007, p.73-74.

¹²² DOMINGUES, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2008, v. 13, n. 39, set./dez. 2008, p.517-534.

almejavam unir a raça, possuir um espaço para sociabilidade e um órgão que buscasse lutar pela efetivação e ampliação dos seus direitos sociais, a F.N.B usufruiu das experiências adquiridas com a associação Palmares,¹²³ fortalecendo as iniciativas outrora empreendidas e expandido os debates em curso. Não havendo um consenso a respeito do tamanho da organização, é possível, no entanto, estimar que a Frente Negra Brasileira agrupou milhares de homens de cor pelo país e apesar de sua base e maior força localizar-se no estado de São Paulo, foi capaz de se difundir pelo território brasileiro, com delegações nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.¹²⁴

Diligente em promover a união da raça e viabilizar a plena inserção social de negros e negras, A Frente Negra ofereceu múltiplos serviços a fim de abarcar as necessidades do meio negro. Neste sentido, foram criados barbearia e salão de cabelereiro, bar, postos de alistamento eleitoral, oficinas de confecções, espaço para jogos, ações beneficentes. A organização também formou departamentos com o intuito de atender demandas específicas. Surgiram, nesse processo, os departamentos culturais e de instrução, voltados à alfabetização e formação, alas musicais, esportivas, dramáticas, espaços médicos e o setor encarregado da imprensa, responsável por publicar o periódico *A Voz da Raça*, representante da Frente Negra, que circulou entre 1933 e 1937.¹²⁵ Extinta em 1937 em função da instauração do Estado Novo varguista e a proibição de organizações sociais, a Frente Negra Brasileira, que chegou a fundar um partido no ano anterior, expressou parte das expectativas políticas e sociais construídas ao longo das primeiras décadas do século XX por homens e mulheres negros.

A articulação dos colaboradores e colaboradoras negras em torno dos periódicos e as resultantes desse processo, como a construção de escolas, bibliotecas e os centros cívicos, fizeram parte do que os jornais denominaram como “reerguimento da classe de cor” ou “elevação social da classe de cor”. A imprensa negra foi um espaço privilegiado da formulação e difusão de propostas e projetos tomadas como capazes de findar a desigualdade racial e permitir a inclusão plena dos negros na sociedade brasileira. Sua disseminação no meio negro, neste sentido, era importante pois, como sugeriu Frederico Baptista, em *O Bandeirante*, “si deixassemos um sabbado de frequentar um dos tantos benefícios, seria uma assinatura, teria vida esse jornal e quem sabe os benefícios que prestaria á classe, e nenhum mais elevado de

¹²³ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Fundação Carlos Chagas, 2013, p.88.

¹²⁴ DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, vol. 12, núm. 23, julho, 2007, p. 106.

¹²⁵ PINTO, R., *Op. cit.*, p.93-104.

que a palavra imprensa, quando verdadeira, despida de paixões, ella nos eleva.”¹²⁶ O que significava, entretanto, essa “elevação social”?

A essa pergunta, Baptista ofereceu uma resposta em *O Kosmos*, na seção “observando”, em que ressaltou

Para conseguirmos alguma cousa precisamos não esmorecer, temos agora ‘O Clarim’, ‘Elite’, ‘Princeza do Norte’ e ‘O Kosmos’, devemos chamar a attenção destes melhoramentos aos nossos homens de côr: façamos como Christo que prégou a religião em todas as Villas, Cidades e logares da judéa, imitemol-o nos jornaes apontados, nas sessões solennes de sociedades recreativas, embora desgoste alguns, ou em conferencias para tal fim organizadas; apontar aos homens o que devemos fazer para a nossa elevação perante a sociedade e aqueles que nos julgam, não o fazendo com exaltação para não sermos humilhados, mas com humildade para os esforços empregados tenham bons proveitos, pregar o necessario deixando de parte banalidades que só servem para desgostos; colligar o nosso povo para que as tristezas revertam-se em alegrias; demonstrar os feitos dos homens de côr a favor da raça e o que eles fizeram a favor da patria; demonstrar que a raça separada ha de por força perecer sem a defesa de uns aos outros com a pratica das boas acções; sem odio e sem vingança, falar às verdades que se impõem, porque dos nossos exemplos poderão colher alguns fructos os nossos filhos, não esquecendo o Amor, a Virtude e a Caridade pela nossa raça opprimida pelos maus, que é uma pequena parcela nesta nossa patria. Então poderemos combater os vicios; arrancar da lama os fracos de espirito, soccorrer os desprotegidos de sorte, indicando o verdadeiro caminho do bem á mocidade.¹²⁷

Para além das denúncias contra as discriminações raciais, na concepção de Frederico Baptista, a imprensa, assim como os outros espaços associativos negros deveriam agir em prol da união dos negros e da demonstração das suas contribuições no passado e presente para o engrandecimento da pátria. A imprensa negra, portanto, deveria agir como uma ferramenta de luta dos negros contra os preconceitos raciais, não apenas apontando as desigualdades, mas traçando estratégias que pudessem inseri-los socialmente.

¹²⁶ Souza, Frederico Baptista de. O Passado. *O Bandeirante*. São Paulo, num.04, abril de 1919, p.01.

¹²⁷ Souza, Frederico Baptista de. Observando. *O Kosmos*. . São Paulo, num.22, 16 de março de 1924, p.01

CAPÍTULO 2

NEGROS INSTRUÍDOS CONSTROEM A PÁTRIA: A FORMULAÇÃO DA RESPEITABILIDADE NEGRA NOS PERIÓDICOS

2.1 – “Não somos africanos, somos brasileiros”: a nacionalidade em debate

A imprensa negra revelou-se como núcleo de argumentação, divulgação e consolidação de práticas que visavam o desenvolvimento de estratégias que permitissem a superação dos obstáculos à plena integração de homens e mulheres negros. Inseridos em uma rede de vínculos, acordos e dissensões, os periódicos da imprensa negra paulista estabeleceram um contínuo diálogo entre si,¹²⁸ resgatando e transformando suas ideias e ideais. Eles congregaram debates sobre a necessidade de defesa dos interesses da “classe dos homens de cor” e revelaram a pluralidade de leituras dos cotidianos dos cidadãos pretos na capital e no interior paulista, não obstante orientaram-se para uma política similar: o reerguimento da raça.

Há, neste cenário, formas distintas de compreensão de quais seriam os problemas enfrentados pelos negros. Na reportagem “Grave erro”, veiculada nas páginas de *O Bandeirante*, no ano de 1918, destacam-se as impressões do redator a respeito do que significa a elevação da “classe dos homens de cor”:

Muitos há que dentre nós, formam uma ideia erronea do que seja o reerguimento de nossa classe ; muitos ha que adulterando completamente o fim elevado que todos devemos ter em vista, pensam e pregam, sem nenhum fundamento, simplesmente a separação de raças, seleccionando a nossa da raça branca !...
E’ o cumulo do disparate ! E’ um grave erro, sinão um verdadeiro crime de leza-Patria !
Pretender estabelecer igual paralelo entre nós e os pretos norte-americanos, é desconhecer unicamente a athmosphera de prevenções, de rancores de desprezos e de persiguições em que vivem aquelles nossos irmãos na côr; é provar a mais crassa ignorancia sobre o assumpto.
Si nossos ante-passados tiveram por berço a terra africana, é preciso que se note, nós temos por berço a Patria este grande Paiz... Não somos africanos, somos brasileiros!
[...].¹²⁹

Nota-se na proposição de D’Alencastro, diretor literário do jornal e responsável por assinar esse artigo, que a ascensão dos negros não significava segregação entre as raças, mas

¹²⁸ Constituindo-se como um conjunto de produções que possuíam um interesse comum, em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, era comum que jornais da imprensa negra mencionassem outros em suas páginas, seja por levantar uma pauta importante para o grupo, seja pelo surgimento de um novo impresso negro na arena jornalística. Por isso, a análise dos jornais permite compreender que os homens e mulheres de cor voltados à produção dos periódicos liam outros impressos que se dedicavam à causa, colaborando, por vezes, em mais de um deles.

¹²⁹ D’ALENCASTRO. GRAVE ERRO. *O Bandeirante*. São Paulo, num.03, setembro de 1918, p.02

reconhecimento de brancos e negros enquanto indivíduos que partilhavam do mesmo berço pátrio. A fala do jornalista também sinalizava para as tensões existentes quanto ao reconhecimento dos afrodescendentes enquanto indivíduos legitimamente brasileiros. D'Alencastro buscava, neste sentido, reafirmar a nacionalidade de sua classe.

O campinense *Getulino*, igualmente, se debruçou sobre as razões por trás da discriminação contra os “homens de cor”, indicando que

[...] a todo momento verificamos nas grandes e pequenas cidades do Interior paulista, os descendentes de Cham estão aqui sendo estúpida e geitosamente alijados da convivência social.

Essa perversidade criminoso não é feita abertamente em nome de uma determinação legal mas, se a leva a efeito disfarçadamente, em nome de um princípio miserável, que começa na mais crassa ignorância e termina na mais nefanda vingança de raça. Isso é uma selvageria social, creada no bojo dessa serpente da nossa história contemporânea e que na linguagem dos dicionários se denomina – **preconceito**.¹³⁰

Reafirmando que as experiências de homens e mulheres negros na capital e no interior paulista estavam marcadas por desigualdades raciais, por vezes silenciosas, dissimuladas e ocultas, Benedicto Florêncio não apenas assinalou a designação que se dava a esse fenômeno, como também questionou a legitimidade dos preconceitos raciais, uma vez que a Constituição estabeleceu aos “homens de cor” condições de igualdade perante a lei. Sendo assim,

[...] absolutamente ninguém, poderá nos afrontar com esse princípio de separação de classe.

Somos brasileiros filhos legítimos deste colossal paiz desta formidável nação de mares, serras e vales; berço de um povo heroico que tem a sua grandesa cimentada com o sangue dos nossos avos, com o suor, enfim, dos nossos maiores.

Elles aqui viveram illuminando a história patria com o seu secular martyrio e nos, herdeiros desse sangue dessa gente, ainda continuamos vivendo neste mesmo scenario do Novo Mundo, dando a vida e o melhor das nossas energirs [*sic*] para o engradecimento dessa mesma história!¹³¹

A defesa de que os direitos dos homens negros se fizessem cumprir esteve baseada, neste sentido, tanto no reconhecimento de uma concreta cidadania brasileira e dos esforços desses sujeitos para o crescimento do país, quanto por um fator histórico, a importância de africanos e seus descendentes para a prosperidade do território brasileiro. Esse discurso se construiu em oposição aos preconceitos que sofria a população negra. Descendentes de negros africanos que foram escravizados, as reportagens nos periódicos (re)afirmando a cidadania

¹³⁰ FLORÊNCIO BENEDICTO. Os pretos em São Paulo. *O Getulino*. Campinas, num. 54, 28 de setembro de 1924, p.02, (grifo do autor).

¹³¹ *Ibidem*.

negra sinalizava para aparente questionamento da legitimidade da nacionalidade desses indivíduos. Reforçar as contribuições pátrias dos escravizados e dos seus descendentes era uma forma de demonstrar que os negros que aqui viviam era verdadeiramente brasileiros e lutavam pelo progresso de sua pátria.

As faces da discriminação racial eram múltiplas. Além das questões acerca da hereditariedade e dos costumes dos homens negros, existiria uma motivação para os preconceitos raciais fundamentada na “igualdade inesperada que colocou o preto ao nível do branco na escala social e, inesperadamente, provocou um abalo profundo na classe branca escravocrata”.¹³² Segundo se pode ler nas colunas d’*O Getulino*, o desaparecimento intempestivo do direito secular de avoenga origem que autorizava senhores a dominar com a chibata, com a qual despedaçavam almas, martirizavam mulheres, manchavam honras e retalhavam corpos, por vezes matando-os, provocou um descontentamento dessa classe e um preconceito de caráter voraz. Esse processo, no entanto, teria fim com a morte natural dos antigos proprietários de escravos, não significando uma ameaça contínua para os negros. Os descendentes dos fazendeiros, por outro lado, perceberiam nos indivíduos negros não uma propriedade usurpada, mas um cidadão brasileiro com quem dividiam valores patrióticos.¹³³

Neste contexto de disputas em torno da legítima cidadania brasileira, as relações raciais nos Estados Unidos foram recuperadas como forma de desvelar um cenário controverso de adversidades enfrentadas pelos negros e apontar suas formas de superação. A série de publicações “O preto em São Paulo”, do *Getulino*, adotaram essa perspectiva. Provocada pela carta publicada no jornal *A Gazeta*, escrita por Bernardo Vianna, homem negro que recentemente havia se mudado do Rio de Janeiro para São Paulo, o escrito tratava da falta de oportunidades para os sujeitos negros na capital paulista, onde o indivíduo “vae ás fabricas, mas não lhe dão serviço, muitas vezes nem lhe deixam falar com os gerentes. Procura annuncios nos jornaes, acorre pressuroso aonde precisam e embora chegue primeiro do que outro qualquer candidato, por ser de côr é posto á margem e recusado.”¹³⁴

Apontando a forma discreta com que *A Gazeta* se ocupou do assunto, o *Getulino* debruçou-se sobre a questão, ampliando a denúncia iniciada por Vianna. Não se tratando de uma situação comum apenas à cidade de São Paulo, estendendo-se aos espaços interioranos, o periódico questionou: “devemos ficar inermes e silenciosos deante dessa anormalidade? Não

¹³² FLORENCIO, Benedicto. Os pretos em São Paulo. *O Getulino*. Campinas, num.55, 5 de outubro de 1924, p.01.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ *Idem*. *O Getulino*. Campinas, num.53, 21 de setembro de 1924, p.01

será justo procurarmos quaes os motivos dessa grave e ameaçadora situação?, “Não é intuitivo que devemos lutar desesperadamente contra essa persiguição que cada vez mais se accentua [...]?”¹³⁵ Considerando que muitas vezes os homens negros se informavam mais detalhadamente sobre esportistas estadunidenses ou campeonatos de várzea do que a respeito das necessidades de sua classe, um convite contra a inércia dos homens negros era, para o periódico, uma forma de lutar contra a possibilidade da consolidação de uma sociedade violenta com atos próximos aos da Ku Klux Klan nos Estados Unidos.

O resgate das relações raciais nos Estados Unidos, em *O Bandeirante*, ganhou novos contornos. Para o periódico, as experiências dos afro-americanos não deveriam estar no horizonte das argumentações acerca dos significados das experiências de homens e mulheres negros no Brasil, uma vez que,

Si nos Estados Unidos existem preconceitos de raças, aqui, felizmente, não ha desse tremendo flagello. E’ preciso que exemplifiquemos ?

Lá, em América do Norte, o preto constitue um elemento detestado á margem da sociedade branca, é odiado; Academias e Repartições Públicas, Gremios e Casinos, Pharmacias e Lojas, Theatros e Recreios, Barbearias e Wagons de Estradas de Ferro existem lá exclusivamente para os brancos, nos quaes é puramente vedado o ingresso aos pretos; [...].

Aqui existe disso?

Onde o rancor, perseguições e guerra de morte contra nós?

Onde os lynchamentos e os preconceitos? Si alguém se sentir estribado em argumentos que nos contradigam, que nos dê testemunho então.¹³⁶

As experiências dos homens de cor estadunidenses de marginalização e violência marcaram percepções referentes às formas como se desenvolveram as relações interracialis no solo brasileiro. Para D’Alencastro, muito mais do que não serem excluídos, perseguidos e assassinados, os pretos brasileiros tinham a possibilidade de exercer seus direitos e sua cidadania,

Aqui, o preto é empregado nas Repartições Publicas, é auxiliar de confiança nas casas mais importantes de commercio do Paiz, é servente de conceituadas casas da aristocracia, e tem ingresso nas Academias onde o branco estuda, goza dos mesmos direitos e regalias que aquelle e é cidadão brasileiro.

[...].

Lembre-mo-nos de que pretos e brancos, irmanados pelo amor a esta terra teem vindo lutando pelo seu engrandecimento, tanto no comercio como na vida particular e publica, tanto na politica como nas industrias, tanto na guerra como na paz. Em todos os casos – sempre ao lado de um preto está um branco!

Portanto, de que nos queixamos?¹³⁷

¹³⁵ FLORENCIO, Benedicto. Os pretos em São Paulo. *O Getulino*. Campinas, num.53, 21 de setembro de 1924, p.01

¹³⁶ D’ALENCASTRO. GRAVE ERRO. *O Bandeirante*. São Paulo, num.03, setembro de 1918, p.02.

¹³⁷ *Ibidem*, p.02.

A suposta inclusão dos negros brasileiros nas atividades econômicas e o acesso à educação afastaria a realidade destes das condições estabelecidas no espaço norte-americano. O realce da participação dos homens negro nos campos do público e do privado em prol do florescimento da pátria, novamente, age como uma forma de afirmação da importância dos sujeitos negros para o progresso nacional e de seu reconhecimento como indivíduos brasileiros. Se esses sujeitos partilhavam do universo dos direitos civis, quais seriam, então, as causas que norteariam a existência de uma imprensa negra? Quais os obstáculos e interesses que se procuravam superar e defender, respectivamente?

A resposta fornecida pelo *O Bandeirante* enunciava que:

Devemos nos queixar de nos mesmos, de nossa própria negligência, de nossa falta de commuunhão de vistas, em vivendo, como vivemos, em um vasto meio cosmopolita como este... Em esta Capital, o elemento nacional se confunde com o estrangeiro e, como este tem seus centros de socorros e de assistência geral, nós, os nacionais, cada um na sua esfera, devemo-nos aggremiar afim de prestarmos mutuos auxílios.

O que devemos fazer é isso e mais o seguinte:

Não pretender perpetuar a nossa raça, mas, sim, infiltrarmo-nos em o seio da raça privilegiada – a branca, pois, repetimos, não somos africanos, mas, puramente brasileiros.

Para isto conseguirmos mais rapidamente, é nos necessario procurar, por todos os meios, elevar o caracter de nossos homens, obrigar os nossos filhos, irmãos e amigos a frequentar escolas, incultar em o espirito de nossas filhas, irmãs ou noivas a compreensão exacta do que seja a honra e o apreço por si mesmas. E' o que nos compete fazer. E' este o reerguimento de nossa classe que nós compreendemos !

[...].

Elevar o nosso caractèr, constituir família legitima e legal, crear homens de bem –é o que nos cumpre.¹³⁸

Delineia-se nessas linhas uma das visões acerca da problemática que permeia o meio negro, a desunião. Vivendo em um meio cosmopolita, marcados por um intercâmbio ininterrupto com outros sujeitos, suas culturas e identidades, os homens de cor precisariam se congregarem para promoverem sua ascensão social. Prejudicada pela falta de esforços do próprio grupo em relação ao seu aprimoramento, o reerguimento da classe assume um duplo processo: a necessidade de união da raça negra em benefício da educação, que é, simultaneamente, escolar e moral, e a integração a uma sociedade branca, seja pela absorção de seus costumes, seja pela miscigenação racial.

A imputação das obstruções políticas e sociais como frutos da ausência de interesse dos homens e mulheres negros pela elevação da classe é uma das variáveis do caleidoscópio formado pela imprensa negra paulista. Essas interpretações sobre o cotidiano da classe negra,

¹³⁸ D'ALENCASTRO. GRAVE ERRO. *O Bandeirante*. São Paulo, num.03, setembro de 1918, p.02-03.

que passam pela recusa das práticas discriminatórias, atentando-se para o problema de o negro ser o próprio negro, dialogam com o temor de uma exclusão social, tal como se estabeleceu no Norte da América. Nessas condições, o negro teria as mesmas oportunidades que os indivíduos brancos, mas a adoção de um discurso inflamado acerca dos preconceitos e dos tratamentos distintos destinados aos brancos e aos negros poderia incitar à segregação e à violência que não estavam postas em lei, mesmo que por vezes se efetivassem nas práticas cotidianas.

Na concepção do *Getulino*, a discriminação verdadeiramente intolerável era promovida pelos estrangeiros contra o negro brasileiro. Assim,

Que o velho fazendeiro carrança seja contra nos, que parte da sua geração tenha antipathias para conosco ainda se compreende sendo mesmo admissivel mas, que estrangeiros, simples hospedes aqui em nossa terra, tenham a criminosa petulancia de nos perseguir isso é verdadeiramente barbaro, ultrapassa os limites da estupidez e merece ser repellido, se preciso for até a ferro e a fogo!
Que tem elles que ver com a nossa situação e existencia aqui?
A única coisa a fazer será procurarem outras patrias, se transportarem para outros paizes onde não existam exemplares de pretos [...].
Deixem-nos aqui tranquillos e ignorantes; mudem-se para os grandes nucleos civilisados, pois que até existe um aforismo que dá esse sabio conselho, aos incommodados....¹³⁹

O preconceito estrangeiro, na percepção do periódico, buscava tornar os negros forasteiros em sua própria pátria. Não se tratando cidadãos legitimamente brasileiros, para o *Getulino* esse comporta, por parte dos imigrantes, era inadmissível. nisso se ampararia a inadmissibilidade dessa forma de distinção racial. Sem precisar especificar o tipo das perseguições de alguns imigrantes contra os negros brasileiros, posto que ele seria variado e amplamente conhecido, iniciando-se em alguns barbeiros e alcançando algumas casas de bebidas,¹⁴⁰ o silenciamento dos homens negros frente às discriminações raciais promovidas por brancos europeus provocaria uma sanção social. O impresso, assim, alertava seus leitores, assinalando que,

Não teremos barbeiros, não teremos sapateiros, nem alfaiates, não poderemos entrar nos hotéis, nos bars, nos cinemas; nas lojas, nos theatros, enfim séremos expulsos dos bondes e enxotados dos trens, ficando mesmo sem o direito de transitarmos pelas calçadas.
‘Quem cala consente’, e por isso é que precisamos agir sem termos e com segurança de ação,
Ate dentro do proprios templos estamos sendo victimas, pois existem cidades onde a moça de cor não pode ser filha de Maria e, nem menino preto pode sahir vestido de anjo nas procissões!!¹⁴¹

¹³⁹ FLORENCIO, Benedicto. Os pretos em São Paulo. *O Getulino*. Campinas, num.55, 5 de outubro de 1924, p.01.

¹⁴⁰ *Ibidem*.

¹⁴¹ *Ibidem*.

Em treze de maio de 1920, a associação protetora dos brasileiros pretos, da cidade de Campinas, publicou o primeiro número de seu jornal, *A Protectora*. Expressando a intenção de defender os interesses dos “homens de cor”, estreitar os laços entre a classe e incentivar as disposições sociais e patrióticas, o primeiro número do periódico destacou as exclusões raciais que vivenciavam os negros. Assim argumentou o colaborador Albino Aranha:

Como podemos admitir, hoje, depois da grande reforma social de 15 de Novembro de 1889, que estrangeiros venham implantar a separação e exclusão do homem preto do homem branco, si de principio já vêm unidos pelo sangue da negra amamentando o branco..

Ora si a nossa bandeira [...] tem este lemma, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, como podemos admitir que um estrangeiro venha nos affrontar, a ponto de colocar em salões de seus estabelecimentos, taboletas com os seguintes dizeres:

< Não se aceitam homens de cor, > e outros proprietários de bårs, terem a audacia de proceder da mesma forma ?

Entretanto, alguma razão ha para isso, porque alguns brasileiros, despidos de patriotismo e do amor aos seus proprios irmãos de patria, são os primeiros a aconselhar, de um modo desabonante, o homem preto, esquecendo-se de que o homem negro colabora com elles [...] sempre agindo a bem da patria e do progresso.¹⁴²

A denúncia de Albino Aranha na página do periódico campineiro fundamenta-se em situações de exclusões raciais como a que ocorreu na Casa Tolle, no mês de março de 1920. Situada na rua Barão de Jaguará, na cidade de Campinas, nela os homens negros, como indicou a reportagem publicada no jornal independente *O Combate*, só eram aceitos a custa de muitos esforços, uma vez que, de acordo com os garçons da casa, ali não se aceitavam pessoas de cor.¹⁴³

Com o intuito de recolher mais informações sobre o caso, *O Combate* se dedicou a ouvir representantes negros sobre um possível boicote à Casa Tolle. Como resposta obteve que: “os homens de côr são tão brasileiros como os mais brancos”. Assim, se o senhor Machado (dono do estabelecimento) não gostava de negros, a ação dos homens de cor deveria ser a de frequentar a casa, promovendo um movimento em que “50 pretos decentemente trajados, sem estarem embriagados”, “invadiriam” a Casa Tolle, “armados” de niqueis, com a objetivo de ocupar o bar, bebendo refrescos e mais refrescos. Como castigo, nesse dia, a saída para o senhor Machado seria fechar a casa, pois se “o preto é jurado, é eleitor, é tudo, porque não pôde ser freguez de qualquer casa”.¹⁴⁴

¹⁴² SOUZA, Albino Aranha de. O dia de hoje. *A Protectora*, Campinas, num.01, 13 de maio de 1920, p.02.

¹⁴³ ZINISKY, Pauloff. *O Combate*. Campinas, num.1442, 17 de março de 1920, p.02.

¹⁴⁴ *Ibidem*. Os homens de côr vão “invadir a Casa Tolle? – Uma lição de mestre! Campinas, num.1445, 20 de março de 1920, p.02.

As respostas fornecidas pelos representantes da classe, não obstante, tornaram-se caso de polícia. Sentindo-se ameaçado, Machado recorreu à polícia alegando que “a casa é minha e eu não sou obrigado a tolerar a ‘invasão’ dos pretos”. Em acordo, o delegado, Ribas D’Ávila, saiu em defesa do proprietário anunciando que se negros penetrassem na Casa Tolle, soldados seriam enviados para colocar-lhes ao fresco.¹⁴⁵

Assim como no *Getulino*, *A Protectora* invocou a legítima nacionalidade dos negros, bem como seu patriotismo para tornar ilegítima a discriminação dos imigrantes. Para os colaboradores dos jornais, o que estaria posto não era uma oposição entre brancos e negros, mas uma questão voltada para a relação entre brasileiros e estrangeiros. Filhos legítimos da pátria, na luta pelo seu progresso, os negros eram tão cidadãos quanto os brancos, não devendo, portanto, serem discriminados por indivíduos que não partilhavam dos valores brasileiros.

O contexto de debates empreendidos pelos periódicos negros paulistas pode ser compreendido à luz do desmantelamento da instituição escravista, no Brasil, e o que representou para os significados de cidadania, direitos sociais e liberdade. Se, antes de 1888, existia uma linha que separava os senhores de seus escravos e a ascensão social para aqueles que eram livres ou libertos acontecia de forma controlada por aqueles que detinham a hegemonia política e social, a dissolução da ordem escravocrata casou uma ruptura nesses parâmetros.¹⁴⁶ Os embates em prol do reestabelecimento das antigas hierarquias ou em benefício de uma nova organização social que acompanhassem as demandas dos novos grupos que emergiam, conduziram ao desenvolvimento de concepções racializadas.

Racializar, como explica a historiadora Wlamyra Albuquerque, trata do ato de pôr em ação a ideia de raça, de estabelecer distinções a partir de concepções de raça. Neste sentido, ainda que existisse uma recusa em se afirmar a existência de preconceitos raciais no Brasil, tanto Oitocentista quando Novecentista, Albuquerque aponta que existiu um processo de ocultação, um jogo da dissimulação, em que, se fazendo uso de uma linguagem que denotava a inexistência de discriminação “racial” de direitos, aqueles que mobilizaram esses discursos usufruíram de ou promoveram políticas discriminatórias.¹⁴⁷

As reivindicações seguidas ao pós-abolição e os sentidos atribuídos à igualdade e liberdade não eram homogêneos entre os grupos e, principalmente, não foram os mesmos em todo o território brasileiro. Na observação atenta da pesquisadora Kim Butler, sem o status civil

¹⁴⁵ *Ibidem*. Em torno da Casa Tolle. Campinas, num.1452, 29 de março de 1920, p.02

¹⁴⁶ GATO, Matheus. O massacre dos libertos: sobre república e raça no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2020.p.39

¹⁴⁷ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. *História Social*, n. 19, p. 91-108, 2010 e ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 319 p.

da escravidão como justificativa para uma exclusão política, econômica e social, as sociedades desenvolveram novos mecanismos baseados em seus contextos históricos e em especificidades demográficas¹⁴⁸ capazes de atuar em favor da manutenção de privilégios.

Estudiosa do campo de pós-abolição no Brasil, Butler busca compreender as especificidades dos mecanismos criados para perpetuação de privilégios nas cidades de São Paulo e Salvador, entre o ano de 1888 e a década de 1930. A proposta da autora, neste sentido, é elucidar como os indivíduos negros, ainda que brasileiros, ao ocuparem espacialidades distintas também foram capazes de conceber estratégias diferentes de lidar com o preconceito racial. Esses procedimentos, por sua vez, variam em um espectro entre polos de segregação e integração, dividindo-se em três: integracionismo, marcado pelo uso de mecanismos de acesso sancionados pelos setores dominantes; integracionismo alternativo, localizado nas ações da Frente Negra Brasileira, que buscaram criar um espaço para os negros na sociedade sem, necessariamente, serem condenados pela elite; e o separatismo, evidenciado em Salvador, onde as questões raciais não se concentravam no tratamento ao negro “apenas” como distinção de cor, mas de origem e pertencimento.¹⁴⁹

Neste cenário, por exemplo, enquanto as exclusões em São Paulo podem ser pensadas sob a perspectiva “brancos que discriminam negros”, em Salvador as experiências se voltam às discriminações de “brasileiros” contra “africanos”. Essas circunstâncias foram elaboradas a partir das vivências de negros e negras nesses respectivos espaços. Enquanto em São Paulo a imigração europeia e o crescimento numérico expressivo a partir do século XIX significou um acirramento de tensões raciais fundamentadas na cor da pele, em Salvador a grande quantidade de africanos entre os séculos XVI e XIX viabilizou que as redes de solidariedade se construíssem entre “nações” e, com o tempo, estivessem assentadas em uma identidade cultural africana, contrastante com uma identidade branca e europeia.¹⁵⁰

O processo que buscou preservar a hegemonia também proporcionou a emergência de novos grupos e mobilizações contra os preconceitos raciais.¹⁵¹ As experiências espaço-temporais desses inúmeros indivíduos negros, por sua vez, exerceram influências múltiplas e mútuas por todo o Atlântico Negro, conceito central nos estudos do historiador britânico Paulo Giroy acerca da formação de culturas e identidades negras. Pensando essencialmente a partir

¹⁴⁸ “Lacking the civil status of slavery as a justification for social, political, and economic exclusion, societies devised new mechanisms based on their specific demographic and historical contexts”. BUTLER, Kim. *Freedoms givens, freedoms won. Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998, p.60.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p.60-63

¹⁵⁰ *Ibidem*, p.48-60.

¹⁵¹ *Ibidem*, p.61

das experiências afro-americanas e europeias, Gilroy argumenta que a identidade negra como um modo de construção política e histórica é marcada pelas trocas culturais entre os dois lados do Atlântico, em uma forma transnacional de intenso intercâmbio político e intelectual. Neste contexto, a historicidade e a pluralidade da constituição de culturas negras caracterizam-se por um processo dinâmico entre as memórias traumáticas da escravidão, as experiências com o racismo e o desenraizamento implacável.¹⁵² O contato com os distintos modos de opressão social exercidos na parte norte e sul da América – bem como em outras partes do globo – permitiu aos grupos formados por homens e mulheres negras, do mundo do Atlântico, refletir a respeito das suas realidades e traçar estratégias e projetos para a superação das desigualdades étnicas.

Diante de situações como o caso da Casa Tolle, que explicitavam uma segregação racial, os indivíduos negros buscavam em seus jornais formas de lutar contra a discriminação racial. Assinalando que,

Pois bem, como querem nos excluir dos bairs, das bitaculas, é justo que nós, em vez de irmos para esses logares, nós reunamos e vamos frequentar as aulas nocturnas para o nosso adiantamento e o de nossos filhos. E com isso nada perdemos, proporcionemos aos nossos, a educação physica, civica e moral, que será o unico meio de combatermos.¹⁵³

Orientados pelas aspirações que traduziam os princípios constitucionais brasileiros, ao retomarem as noções de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, ao longo do século XIX e XX, à vista da violação desses fundamentos, homens e mulheres negros reivindicaram seus direitos através da imprensa. Se os imigrantes europeus não tratavam os negros como iguais e os brancos brasileiros endossaram as mesmas práticas, distanciando-se da percepção do sujeito de cor como um irmão de pátria, ainda que alimentados pelo mesmo seio materno, mais do que fundar um espaço propriamente seu, os “homens de cor” deveriam procurar superar as discriminações das quais eram alvo. A educação assumiu, assim, lugar central nos projetos que buscavam acabar com as desigualdades raciais.

2.2 – A educação “física, cívica e moral” do povo negro

¹⁵² Sobre o Atlântico Negro e suas potencialidades enquanto conceito, Cf.: GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001; MATTOS, Hebe Maria. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. *Estudos afro-asiáticos*, v. 24, n. 2, p. 409-413, 2002. Aqui, a Hebe Mattos fez uma resenha do livro do Gilroy?

¹⁵³ SOUZA, Albino Aranha de. O dia de hoje. *A Protectora*, Campinas, num.01, 13 de maio de 1920, p.02.

O censo demográfico de 1920 aponta que os dados acerca do grau de instrução da população brasileira constituíam-se como temática de indiscutível relevância não apenas para os dirigentes nacionais, mas também para todos aqueles que se preocupavam, verdadeiramente, com o futuro do país.¹⁵⁴ Não se tratando, portanto, de uma questão abordada exclusivamente pelos jornalistas negros da imprensa paulista, o assunto para eles, entretanto, assumia um lugar ainda mais fundamental porque central para a luta contra os preconceitos raciais. Nesses termos, a educação era tomada como decisiva para promover a inclusão social plena, para permitir com que os negros se desvencilhassem da imagem de portadores de uma imoralidade inata. Cabe notar, quanto a isso, que, compreendida de maneira plural nas páginas dos periódicos negros, a educação enquanto ideal referia-se tanto aos aspectos escolares, quanto à conduta moral.

Na via de resgate das experiências estadunidenses para refletir sobre o contexto brasileiro, a forma como a alfabetização foi implementada no território norte-americano foi retomada como modelo e argumento em prol do ensino dos homens negros no Brasil. Nas páginas de *O Clarim da Alvorada*, destacava-se que mesmo diante da violência sofrida pelos pretos nos Estados Unidos, em 1910 a população de cor atingia cerca de 10.200.638 indivíduos, dos quais cerca de 70% sabiam ler e escrever. Os dados de inscritos no sistema escolar apontavam que os estudantes da raça de cor significavam aproximadamente 1.920.927 alunos nos EUA, ao passo que no Brasil este contingente traduziria quase o dobro de toda a população matriculada em escolas.¹⁵⁵ E aqui, o que se fizera dos negros?

A este questionamento, o periódico ofereceu uma resposta: “pretendendo ser mais humanos que os americanos, nós não lynchámos os negros, mas fizemos mais ainda e extinguímos completamente a raça negra, abandonando-a á ignorancia, á degradação, ao analfabetismo, á promiscuidade, á cachaça, á syphillis, á ociosidade”.¹⁵⁶ Para os jornais negros, a educação tornava-se um caminho para a superação das obliterações raciais na medida em que, tomando o exemplo dos Estados Unidos, ao instruir os negros, os estadunidenses permitiram com que a população negra se tornasse forte, trabalhadora, próspera e tivesse seu valor fosse reconhecido socialmente, ao passo que o desmazelo brasileiro levou o negro à cachaça e à morte.¹⁵⁷ A instrução seria, portanto, uma ruptura com um passado de negligências e um convite às oportunidades e às garantias de direitos sociais.

¹⁵⁴ DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento do Brazil: população do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instruccão, por idade, sexo e nacionalidade. Volume IV, 1920.

¹⁵⁵ *Ibidem*. Congresso da Mocidade Negra. São Paulo, num.20, 28 de setembro de 1929, p.04.

¹⁵⁶ *Ibidem*.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

Os artigos presentes nas páginas dos periódicos tencionaram não apenas refletir sobre os significados da educação para os negros, como constantemente reforçaram a importância da alfabetização, do ambiente escolar, da leitura e da criação de espaços que a favorecessem. A escola, para alguns dos colaboradores da imprensa negra, seria o “recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as sciencias, artes, musica, etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos novos irmãos”.¹⁵⁸ Espaço de aprendizado intelectual e cultural, para os redatores, não restavam dúvidas quanto à necessidade de negros e negras estarem matriculados em instituições de ensino, por isso eram enfáticos ao recomendar aos pais que enviassem seus filhos ao “templo da instrução intelectual”, a escola, e que não deixassem, como outrora, sua prole analfabeta. Para esses redatores, tratava-se de aproveitar o tempo, inclusive em período noturno – em vista das dificuldades geradas pelo trabalho – como forma de se instruir e engrandecer a classe e o país.¹⁵⁹

Pensar os projetos que foram construídos e defendidos pelos impressos negros requer considerar os diálogos empreendidos entre a identificação dos problemas da classe, as soluções apontadas pelos jornalistas e a busca pela validação das contribuições históricas de seus antepassados, o que permitiria aos negros nascidos no Brasil reivindicar sua identidade enquanto brasileiros e o reconhecimento desta por seus pares. Em vista disso, a compreensão da educação como caminho para reerguer a classe dos homens de cor esteve permeada, simultaneamente, por um sentimento patriótico de enobrecimento da nação. A conexão se estabelece na medida em que, instruídos, negros e negras poderiam colaborar com a diminuição das taxas de analfabetismo do país, compor o mercado de trabalho, alavancar a economia nacional e incluir o Brasil entre o seleto número de países civilizados.

O combate ao denominado “monstro do analfabetismo, espectro da miséria das almas, causa do retrocesso de uma raça forte”,¹⁶⁰ passava pelos caminhos da escrita e da leitura, pelo incentivo aos estudos escolares e ao pertencimento ao universo do livro. Esses ideais foram expressos em artigos como o de Euclides Oliveira, publicado no *Getulino*, em que seu autor convoca:

Espalhemos livros as criancinhas, e teremos, não muito longe, moços capazes para todos os embates da vida! Espalhemos livros aos moços e nesses moços veremos os cidadãos de amanhã, conscios dos seus deveres de esposo, de pae, de patriota !

¹⁵⁸ *Ibidem*. Instrução. São Paulo, num.02, 03 de fevereiro de 1924, p.02.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Euclides. A Theoria do Preconceito. *Getulino*. Campinas, 5 de outubro de 1924, p.01

Espalhemos a instrução por todo o vastissimo territorio da nossa patria, e quando for menor o numero de analphabetos, teremos uma Patria unida e cohesa e não mais nos veremos mutuamente, com máos olhos...¹⁶¹

No intuito de promover a instrução de mulheres e homens negros, muitas foram as sociedades que se congregaram em prol da criação de escolas e de bibliotecas. Dedicados ao ensino de adultos e crianças, esses espaços atuaram como efetivação dos projetos instaurados por e para indivíduos negros. O aceno que o texto no jornal campinense faz à necessidade da difusão de livros independia de um espaço propriamente escolar, mas indicava a importância da instrução como promotora da união e da dissolução das desigualdades. Igualmente, o ensinamento escolar vinculado à perspectiva moral permitiria aos negros ciência sobre seus papéis no interior da comunidade na condição de cidadãos, esposos e patriotas.

A construção discursiva e imagética dos indivíduos negros capazes de promover a elevação da raça negra percorria o campo do saber e da moralidade. Se a educação atuou como um caminho possível para superar os obstáculos sociais, a inserção dos dispositivos educacionais seria afetada pelas questões de ordem moral. Neste contexto, o incentivo à instrução dos homens negros deu-se simultaneamente à sanção da imoralidade no meio negro, por exemplo do alcoolismo.

Em quinze de abril de 1928, o dominical *Auriverde*, publicado na capital paulista, defendeu em sua primeira página a necessidade de a comunidade opor-se ao alcoolismo. De acordo com o periódico, presente em quase todos os países civilizados, empecilho do progresso, a ação do álcool no sistema digestivo seria violentíssima, atingindo os principais órgãos e predispondo a um grande número de enfermidades, tais como: arteriosclerose, lesões no coração, queimaduras no esôfago, tuberculose e loucura. Os descendentes daqueles que faziam abuso do álcool, por sua vez, nasceriam, por vezes, com doenças como meningite ou “imbecis”, pagando assim pela insuficiência moral de seus progenitores. Na percepção dos redatores do impresso, o álcool seria responsável por obstruir o cérebro, destruir a moral e a inteligência e abrir as portas a todas as horrendas moléstias que se manifestavam sob a terra. Os seus adeptos, portanto, eram elementos desprezíveis, vis e incompatíveis com a sociedade.¹⁶²

Na tentativa de banir o álcool do meio social, foram apresentados projetos na imprensa negra que defenderam severa fiscalização e taxação dos insumos alcoólicos. A proibição da venda de bebidas em bailes também foi uma problemática levantada nos jornais da classe, porque esses eram não apenas ambientes recreativos, como também familiares. Os bailes, para

¹⁶¹ *Ibidem*.

¹⁶² BARBOSA, Luiz. Alcoolismo. *Auriverde*, São Paulo, num.03, 15 de abril de 1928, p.01.

as sociedades de “homens de cor”, apareciam como forma de arrecadação de fundos, congregação da comunidade e, por conseguinte, vitrine moral. Os excessos nas festividades eram, nesse sentido, criticados nos periódicos negros.

Atendendo-se à importância dos bailes para a classe, sem deixar de considerar o caráter de entretenimento e o potencial educativo da dança, como o desenvolvimento físico e a educação dos gestos, os impressos negros alertaram sobre a necessidade de manter certa reserva em relação a eles. *O Alfinete* destacou em seus artigos a relação entre os bailes e os excessos. Haja vista a frequência com que alguns homens e mulheres negros compareciam às danças, “muitos começam e terminam semanas exclusivamente bailando, sem se preocupar em assistir uma conferência, um espectáculo, onde poderão facilmente encontrar proveitos para o seu desenvolvimento intelectual e que muitas das vezes, tem sido prejudicial a saúde”.¹⁶³

Preocupada com o aprimoramento moral e intelectual da classe, a crítica do jornal alicerçou-se sobre a concepção de que a atenção destinada somente ao aspecto do divertimento e da dança inibia outras atividades valorosas para o seu reerguimento. Em vista disso, o jornal destacou que:

recreativo è todo o divertimento que uma sociedade pode proporcionar aos socios, como sejam: bailes, pic-nics, etc... Porem, acresce o seguinte: totalmente as sociedades sò desenvolve debaixo do thema recreativo, a arte de Terpsichore. O vicio está tão enraigado que verdadeiramente não se preocupam em preparar o intellecto e rarissimas são as sociedades que levam a effeito um sarau litterario. E se alguma tentar levar uma sessão solemne, um entre-acto, poucos são os que comparecem e isso com muito empenho dos directores. Sò uma conheço que é frequentada nessas ocasiões: é o <<G. D. R. Kosmos>> porque desde a sua fundação vem incutindo no seu meio social, os saraus litterarios. Ah! si todas seguissem o mesmo exemplo, veríamos os Gremios e os Centros, fundidos em uma só collectividade e teríamos os dias para as danças e os dias para o cultivo intellectual.¹⁶⁴

Para o redator de *O Alfinete*, o debate sobre os bailes não dizia respeito à dissolução desses, mas à ampliação da atuação das sociedades, de seu caráter recreativo. Em benefício da classe, conseguir desenvolver centros que promovessem tanto a diversão quanto a instrução permitiria aos homens negros a união e o fortalecimento do grupo.

Se, por um lado, o desenvolvimento de outras atividades recreativas, para além dos bailes, era importante para a classe, por outro, valorosos para a formação de laços no meio negro, o funcionamento dos ensaios e festas era perpassado por questões morais relacionadas ao comportamento dos seus participantes. A condenação de atitudes consideradas imorais

¹⁶³ RODRIGUES, Abilio. Alfinetadas. *O Alfinete*. São Paulo, num.76, 30 de outubro de 1921, p.01.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

forjou-se como lugar-comum nas páginas dos periódicos dedicadas aos bailes. Elogiosos quando as condutas nos treinos e nas festividades eram adequadas ou positivas para a imagem dos negros, os impressos negros não foram condescendentes em relação aos maus procedimentos, os excessos alcóolicos, os abusos para com as damas, as confusões, os roubos e as danças indecorosas, como foi o maxixe.

O maxixe foi, ao longo do final do século XIX e início do século XX, considerado imoral, atentatório aos bons costumes, sendo proibido nos círculos familiares e sofrendo sanções policiais, de modo que algumas sociedades que praticavam a dança foram condenadas como inadequadas, sendo proibidas e fechadas. Exigindo dos seus dançarinos envolvimento corporal, agilidade nos passos, mobilidade dos quadris, o maxixe se distanciava dos preceitos apreciados na valsa.¹⁶⁵ Em diálogo com os debates acerca da imoralidade desse estilo de dança, os jornais da imprensa negra repudiaram aqueles e aquelas que frequentaram as sociedades que se abriam à sua prática.

Neste contexto, *A Liberdade* defendeu que “as Sociedades recreativas, que queiram a sua boa ordem e respeito nas suas sociedades durante os ensaios, não devem aceitar como socias e convidadas as senhoras que tem dançado maxixe no Colombo”.¹⁶⁶ O Centro Recreativo Smart, por sua vez, foi além, eliminando de sua sociedade as senhoritas Benedicta Vasconcellos e Bicota, por frequentarem os bailes públicos de maxixe, no Colombo.¹⁶⁷ A punição social aplicada às duas mulheres e, possivelmente, às outras que tiveram seus nomes publicados nos jornais, atrelava-se à moral que deveria reger os ambientes recreativos dos negros, mas também à construção do papel das mulheres no interior da classe. A imoralidade não cabia aos negros e, em especial, não às mulheres.

As mulheres negras ocuparam espaço fulcral na formulação dos projetos delineados na imprensa negra. Responsáveis por atividades como a divulgação dos jornais e a organização de bailes e eventos beneficentes, idealizadas sob a pena masculina a partir da imagem materna, a união da classe não poderia ocorrer sem a presença da figura feminina, uma vez que parte do êxito da instrução para a classe estaria relacionada à criação e educação promovida pelas mães no ambiente doméstico. Diante disso, a conservação moral das mulheres negras era fator determinante para a construção de políticas de respeitabilidade negra e elevação social e intelectual desses indivíduos.

¹⁶⁵ EFEGÊ, Jota. *Maxixe - a dança excomungada*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1974.

¹⁶⁶ O pessoal do Colombo. *A Liberdade*. São Paulo, num.01, 14 de julho de 1919, p.02.

¹⁶⁷ Centro Recreativo Smart. *O Alfinete*. São Paulo, num.08, 9 de março de 1919, p.03.

Conceito forjado pela historiadora Evelyn Brooks Higginbotham, as políticas de respeitabilidade referem-se às estratégias formuladas por mulheres negras vinculadas às Igrejas Batistas estadunidenses, entre 1880 e 1920, a fim de contestar a supremacia branca, a estrutura social e combater as práticas racistas no país por meio da mudança de comportamento do próprio grupo negro. Em um cenário em que as mulheres negras não eram vistas como dignas de qualquer forma de respeito ou proteção, porque seriam promíscuas e imorais, as mulheres batistas ousaram tomar para si um lugar da domesticidade, atribuído às mulheres brancas.

Para Higginbotham, as políticas de respeitabilidade enfatizavam transformações nas ações e atitudes dos indivíduos como um objetivo pessoal e uma estratégia de reformulação de todo o sistema de relações raciais estadunidense. Em um período em que os estereótipos sobre pessoas negras permeava a sociedade e o racismo “científico”, na forma do darwinismo social, prevalecia nos ambientes educacionais e entre os intelectuais, os negros estadunidenses, ao reivindicarem respeitabilidade, tornavam-se necessariamente subversivos.¹⁶⁸

A ênfase dada pelas mulheres negras batistas ao comportamento respeitável encontrava expressão nas produções da maioria dos líderes negros do período. Homens e mulheres que, de maneira parecida, observavam como essencial a busca por dignidade e autoajuda da população negra. Na perspectiva desses grupos que apoiaram a importância das boas maneiras e da moral, o conceito de respeitabilidade significava autoestima, orgulho racial e algo mais. Essa busca por um terreno comum - ser negro e estadunidense – ocorria em uma nação que trabalhava arduamente para negar essa possibilidade isolando o “lugar do negro” fisicamente e simbolicamente em espaços de inferioridade.¹⁶⁹ (tradução nossa)

Neste viés, a respeitabilidade negra não significa reprodução de comportamentos brancos ou impotência frente às circunstâncias raciais, mas uma maneira de lutar contra a perspectiva de que os negros seriam, de maneira inata, degenerados. Ao se apoderarem de valores prezados por pessoas brancas, os indivíduos negros procuraram demonstrar serem tão merecedores ou tão iguais quanto aos seus irmãos de pátria, construindo um lugar social para si e buscando o reconhecimento do outro.

¹⁶⁸ HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. *Righteous discontent: The women's movement in the Black Baptist church, 1880–1920*. Harvard University Press, 1994.

¹⁶⁹ The Baptist women's emphasis on respectable behavior found expression in the writings of most black leaders of the time, male and female alike, and was perceived as essential to racial self-help and dignity. From the perspective of the Baptist women and others who espoused the importance of “manners and morals,” the concept of respectability signified self-esteem, racial pride, and something more. [...] This search for common ground—to be both black and American— occurred as the nation worked assiduously to deny this possibility by isolating the “Negro's place” within physical and symbolic spaces of inferiority. *Ibidem*, p.188.

Considerando este viés, a imagem feminina foi edificada nos periódicos como sinônimo de ternura e símbolo da “verdadeira força moral”.¹⁷⁰ Nas páginas do *Getulino*, a influência social da mulher foi discutida porque “um país para ser grande e próspero precisa de boas mães”, de modo que, para este impresso, a solução para um estado de anarquia social passava pela promoção de um reflexo do coração da mulher na sociedade, isto é, por fazer com que a educação de sua alma se conhecesse, governasse, vivesse e vivificasse para os seus filhos, de maneira física e moral. Em outros termos, por fazer da mulher o que a natureza indicava que ela deveria ser. A salvação da civilização, bem como a felicidade do homem e do mundo, encontrar-se-iam, pois, no exercício e na atuação social das mulheres.¹⁷¹

Essas mulheres, além de boas mães, deveriam ser casadas. A divulgação dos casamentos nas colunas dos impressos negros não significavam apenas um momento de celebração do afeto entre indivíduos, mas uma forma de consagração dos preceitos morais e da constituição de um ambiente familiar socialmente e religiosamente benquisto. Nesta perspectiva, *O Menelik* argumentou:

desempenhando papel importantíssimo nesta avalanche imensa, as mães das proles, porque a educação materna é o início e ao mesmo tempo o principal elemento de nossa civilização. A instrução sem a educação do lar (de nada vale!) faz das mulheres perniciosas messalinas e dos homens libertinos da mais vil categoria. Assim vimos que sem o apoio das mulheres não há harmonia e sem havel-a não pode existir evolução. A base principal de nosso engrandecimento depende do matrimônio, sem o qual não pôde haver família, e não existindo esta é lógico que não possa medrar as flores da educação materna, que faz parte integrante da lei moral, sendo portanto o sustentáculo do progresso.¹⁷²

A família enquanto espaço primeiro de sociabilidade entre os indivíduos age como ambiente de formação e reprodução de fenômenos sociais. Para os jornalistas negros, pensar a instituição familiar significava também refletir sobre a importância dos papéis masculinos e femininos na constituição dos lares. Se, quanto aos homens, a ênfase esteve na necessidade de sustento da casa, quanto às mulheres, a maternidade foi tomada como alicerce educacional e moral fundamental para o aprimoramento da classe. Sem elas, então, o progresso do grupo seria inviável, já que a formação dos homens e mulheres negros deveria passar necessariamente pelas aptidões “naturais” da criação materna.

¹⁷⁰ A influencia social da mulher. *Getulino*. Campinas, num.06, 2 de setembro de 1923, p.01.

¹⁷¹ *Ibidem*.

¹⁷² MAUREPAS, Dr. Não sei porque. *O Menelik*. São Paulo, num.14, 11 de fevereiro de 1917, p.01

Defensores do valor da participação feminina no reerguimento da classe negra, os jornais dedicaram às mulheres artigos, poemas e contos voltados para sua atuação social. Na figura de divulgadoras e leitoras, elas cooperaram com a ampliação e a manutenção dos periódicos negros paulistas. A colaboração dessas personagens estendeu-se, ainda, ao campo da escrita desses impressos.

Sem desconsiderar a preponderância da participação masculina e seu impacto na produção dos jornais da imprensa negra, recuperar a autoria de mulheres negras nos impressos paulistas permite rastrear parte das percepções dessas colaboradoras a respeito dos projetos que se delinearão nos periódicos e investigar a inscrição dessas mulheres no universo da autoria jornalística e literária.

2.3 – “Uma legião de mulheres sensatas”: a construção da respeitabilidade negra pela ótica negra feminina

A inscrição de homens e mulheres negros no universo da escrita jornalística e, em especial, das produções literárias na imprensa negra paulista construiu-se por meio de um processo em que esses sujeitos “deixaram de se apresentar como líderes comunitários, poetas e ensaístas ocasionais e passaram a ser, como disse apropriadamente um escritor, ‘modernos pensadores’, na vanguarda do ativismo social”.¹⁷³ A forma como esses indivíduos, por sua vez, buscaram refletir e questionar sua exclusão social, na mesma medida em que apresentaram projetos que fossem capazes de inseri-los socialmente a partir de uma perspectiva de integração, ora sancionada pelo grupo dominante branco, ora pela subversão e formulação de suas próprias práticas, os colocam em uma posição de intelectuais.

O intelectual é uma figura representativa, que marca a defesa de um ponto de vista, ainda que existam barreiras. Reconhecer a intelectualidade de um grupo relaciona-se, neste sentido, a percepção de que eles assumem um papel público e simultâneo de compromisso, ousadia, risco e vulnerabilidade.¹⁷⁴ A imprensa negra consolidou o papel dos intelectuais negros em um duplo movimento: a partir da valoração de escritores e pensadores como Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza e André Rebouças e da sua luta em prol dos direitos sociais dos indivíduos negros.

¹⁷³ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017, p.93.

¹⁷⁴ SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de*. São Paulo : Companhia das Letras, 2005, p.27.

O reconhecimento das personagens negras que se dedicaram com afinco pela emancipação dos escravizados no Brasil, assim como o enaltecimento das virtudes dessas figuras enquanto homens que combateram o preconceito racial e se empenharam pela inclusão dos negros na sociedade pós-abolição, cumpriu nos impressos negros uma maneira de instruir a classe através do exemplo. Em um contexto de racialização, em que os negros eram inferiorizados em função de sua cor, ao elucidarem para os seus leitores os homens ilustres negros, os jornais criaram um espaço de afirmação das possibilidades e capacidade de sua “raça”. Neste cenário, ao invés de endossarem os discursos racializados a respeito de sua imoralidade e incapacidade intelectual, ao se projetarem nesses representantes da classe, os negros poderiam reformular sua autopercepção, procurando a partir disso se instruírem e lutarem por sua ascensão.

O resgate da importância dos intelectuais negros abolicionistas se delineou no programa de alguns jornais da imprensa negra através de seus títulos. O *Getulino*, periódico campinense, assim foi nomeado em homenagem ao advogado e literato Luiz Gama. Nascido em junho de 1821, filho de Luiza Mahin, africana livre da Costa de Mina, e de um fidalgo português que se tomava por branco, Luiz Gama foi vendido por seu pai em 1840 como escravo, conseguindo advogar em favor de sua própria liberdade no ano de 1848. A nomeação evocada pelo impresso negro faz alusão às *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, um conjunto de sátiras que teciam críticas aos costumes e instituições, escritas por Gama e publicadas em 1859.

Sua condecoração como paladino da classe, no entanto, se consolidou em vista de sua defesa pela liberdade dos escravizados. O estilo ativista de Gama, consistiu na exploração das ambiguidades e lacunas da legislação acerca da escravidão. Valendo-se do tratado de 1831 e da Constituição de 1824, apesar de não ter se formado como advogado, Luiz Gama, de maneira eloquente fez uso da palavra e do discurso para salvar os seus iguais, ilegalmente feito de escravos, assim como ele fora.¹⁷⁵

O piracicabano *O Patrocínio*, publicado a partir de 1928, igualmente procurou honrar a figura de um intelectual negro, escolhendo como patrono José do Patrocínio. Compreendido nas páginas do jornal como “grande tribuno e publicista negro, que ao lado de Joaquim Nabuco e outros, muito fez para a extinção do captiveiro”,¹⁷⁶ Patrocínio foi constantemente reverenciado nos impressos negros não somente por sua árdua atuação em prol da libertação

¹⁷⁵ ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015, p.103-104.

¹⁷⁶ José do Patrocínio. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.46, 20 de outubro de 1929, p.01

dos indivíduos escravizados, mas, simultaneamente, por usar a imprensa como forma de difusão e defesa dos seus ideais, sendo proprietário do periódico fluminense *Gazeta da Tarde*.

Patrocínio, no Rio de Janeiro, assim como Gama, em São Paulo, buscou através das brechas e da própria lógica estrutural, combater a escravidão. Ao lado de André Rebouças, levou os debates a respeito da abolição para a arena pública, modificando a condução da luta a favor da liberdade dos cativos. Nas palavras da historiadora Angela Alonso, “o abolicionismo se pôs a partir daí como uma política da rua, voltada à mobilização de massas urbanas”.¹⁷⁷ Em nome da manutenção da memória de personagens que foram tão significativas para a emancipação dos negros no Brasil e que atribuíram sentidos novos ao que representava ser negro, os jornais da imprensa negra paulista reivindicaram de maneira constante os seus feitos, lembrando aos seus leitores a atuação dos seus defensores, publicando seus escritos, homenageando-os em suas datas de falecimento e lutando pela construção de monumentos em sua memória.¹⁷⁸

O prestígio conferido aos intelectuais negros nas páginas desses impressos, por vezes, partiram também da falta de valorização conferida a eles pela classe hegemônica. Como indica o colaborador J. Luiz de Mesquita, no *Getulino*,

[...] no folhear de tantas e de tantas obras que enriquecem a bibliotheca nacional, mui raramente aparece o valor da raça negra na cooperação de todos esses surtos de patriotismo que tanto enobrecem e elevam a nossa nacionalidade. Não há podemos dizer sem receio de contestação factio algum que fulgure nos annaes da Historia, em que não tenha a cooperação incansavel da raça negra.¹⁷⁹

Reafirmando a importância histórica dos indivíduos negros para o Brasil, Mesquita vai além indicando momentos em que esses intelectuais foram centrais para a formação artística, literária e científica do país, destacando que

Sinto agitar-me o coração em convulsões de alegria quando ao ler a Historia Patria, encontro um negro como Henrique Dias e José do Patrocínio, aquelle defendendo o Brasil nos campos de batalha e este trabalhando dia e noite na imprensa e na tribuna pela liberdade da raça opprimida. Eu me **ufano do meu paiz** quando vejo illustrando as letras nacionaes um negro como Cruz e Souza, um Luiz Gama e outros.

¹⁷⁷ ALONSO, Angela. Op. cit, p.149.

¹⁷⁸ Em razão do centenário de nascimento de Luiz Gama, o jornal *O Progresso* divulgou que patrocinaria parte das comemorações em memória ao advogado das causas abolicionistas, entre elas, a inauguração, em 21 de junho de 1930, de uma herma a Luiz Gama. Sobre o centenário do autor e a herma a ser inaugurada, conferir? Centenário de Luiz Gama. *O Patrocínio*, op. cit, p.02.

¹⁷⁹ MESQUITA, J. Luiz de. A raça negra no Brasil. *Getulino*. Campinas, num.51,7 de setembro de 1924, p.01

[...] São motivos de glórias para a raça negra vendo se destacar na engenharia uns homens como o foi Rebouças, em quem a Nação confiou as mais difíceis empresas a quaes elle soube desempenhar com invejável pericia...

[...] Na imprensa, na tribuna, nas sciencias, nas artes, essa raça tem a sua corôa de louros conquista á custa de grandes e sobrehumanos esforços.

A raça negra merece, portanto, um lugar de honra entre as demais que trabalham para o engrandecimento da sociedade.

Embora, predomine ainda em parte o despeito ferrenho das outras raças amarellas ou brancas, contra o evoluir dos negros jamais poderão deter o passo célere do progresso humano [...] que há de destruir todos os preconceitos sociaes e egualar o rico ao pobre, o preto ao branco e o nobre ao plebeu.¹⁸⁰

O ingresso dos intelectuais negros nas instâncias sancionadas de poder não foram ações livres de esforços. As experiências das figuras ilustres da classe, ainda que dignas de todas as honras, revelavam ao público negro as dificuldades que eles vivenciarão em uma sociedade que permanecia marcada por critérios raciais. O progresso construído por esses homens deveriam, por conseguinte, ser continuado. Inspirados por suas contribuições em todos os espaços de intelectualidade, ao seguirem seus passos, os negros continuariam a lutar pela plena igualdade entre as raças e contra as distintas formas de desigualdade.

A recuperação das problemáticas enfrentadas e combatidas pelos “ilustres de cor” permitiu ainda aos redatores da imprensa negra refletirem sobre os sentidos de suas escritas e como os impressos poderiam fornecer a eles possíveis caminhos no campo das disputas pelos direitos sociais da classe. Neste contexto, os escritores de jornais como *Getulino* e *O Clarim*, em meados da década de 1920,

Se viam na incumbência de continuar o trabalho de ativistas negros anteriores, como os abolicionistas Luiz Gama e José do Patrocínio. [...] Eles se tornaram intelectuais ativistas que usavam a caneta para lutar contra injustiças e usavam o conhecimento – de etnografia, história, direito e política – para dissipar ideias sobre sua estrangeiridade e lutar por sua inclusão simbólica.¹⁸¹

Ao fundarem um ambiente para questionar as narrativas hegemônicas em curso e formularem estratégias de superação dos preconceitos raciais, os colaboradores da imprensa negra paulista se concretizaram como intelectuais negros. Neste cenário, eles constituíram “um grupo de homens e algumas mulheres de certo grau de instrução e *status* que tinham orgulho de sua herança racial ou cultural africana e que desejaram representar outros brasileiros negros nos debates sobre raça e identidade nacional”.¹⁸²

¹⁸⁰ *Ibidem.* (grito do autor)

¹⁸¹ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017, p.16.

¹⁸² *Ibidem.*, p.03.

bell hooks dialoga que o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas ou exploradas.¹⁸³ Para parte dos intelectuais negros paulistas das primeiras décadas do século XX, a fusão dos usos da escrita com a compreensão situacional do negro no Brasil e as reflexões a respeito das obstruções aos direitos sociais, planejadas e edificadas pela classe branca e hegemônica, permitiram a eles formularem suas políticas de respeitabilidade. Os elementos que possibilitam o reconhecimento dos homens como intelectuais e representantes da classe, não obstante, não se aplicam da mesma forma às mulheres.

A legitimidade do conhecimento e atuação das mulheres negras passam pelos crivos das perspectivas de gênero, raça e classe. Em um cenário em que os negros são percebidos como sujeitos não-rationais, retirando-lhes as capacidades intelectuais, e que a mulher negra, objeto de desejo e fruto do pecado é antes objetificada, tomar para si a noção de intelectualidade constituiu-se uma barreira. Não somente, as mulheres negras, como destaca hooks, estiveram inseridas em ambientes os quais muito precocemente elas tiveram que responsabilizar-se pelos seus, de modo que o esforço do trabalho intelectual, seja pelo tempo exigido ou pelas dinâmicas sociais as quais ele se impõe, por vezes significaram um empecilho para esse grupo.¹⁸⁴

Sem a intelectualidade das mulheres negras, todavia, não há verdadeiro progresso. Seja, na atualidade, porque se reconhece que essas personagens históricas ocuparam e ocupam posições de subalternidades ou no contexto dos impressos negros em que a educação moral e cívica das mulheres estava vinculada a imagem da criação materna. As produções das mulheres na imprensa negra, neste sentido, ainda que diminuta em relação as publicações masculinas, marcam um espaço de intelectualidade negra feminina, uma vez que elas fizeram uso da escrita para representarem as perspectivas de uma parcela instruída da população negra. Essas podem ser compreendidas à luz de seus artigos e cartas veiculados nos impressos ou dos usos da literatura como forma de percepção das vivências raciais e de gênero da época.

Posto isto, a partir do ano de 1928, o *Clarim da Alvorada* dedicou em algumas de suas edições uma seção específica para suas leitoras, convocando-as também a serem colaboradoras. Fruto da segunda fase de existência do periódico¹⁸⁵, intitulada inicialmente como “seção

¹⁸³ HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995.

¹⁸⁴ HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995.

¹⁸⁵ A primeira, que foi de 1924 a 1927, compreende um conjunto de 37 periódicos; a segunda, de 1928 até o ano de 1932 contém cerca de 41 exemplares. Em 1933, após desavença com militantes da Frente Negra, *O Clarim d'Alvorada* foi extinto, só voltando a existir em 1940, data de início de sua terceira fase. “Exemplar” é diferente de “número” ou “edição”, Maria. Um número de jornal podia ter até 100.000 exemplares, por exemplo.

feminina”, essa parte do jornal passou, a partir de sua quinta edição, a ser nomeada como “página feminina”. Na visão do *Clarim*, a página feminina estava

destinada a todas senhoras ou senhoritas, que queiram nella colaborar, porém, sugereitendo as nossas exigências; isto é, não queremos aqui, banalidades inuteis e cousas infastiosas aos leitores inteligentes. Devido a grande falta de espaço, não podemos ventilar o nosso intento, que, publicaremos vagarosamente e parcelladamente nesta columna. Podemos adiantar tambem, que, estamos dispostos a dar um modesto premio, a qualquer senhora ou senhorita que nos enviar um trabalho mais ou menos solido, sobre a « Mãe Preta », ou a questão da « Mulher na [po]lítica militante.¹⁸⁶

Ao voltar-se para o público feminino, o periódico procurou elencar quais seriam as suas expectativas em relação àquela seção. Neste cenário, as mulheres que desejassem colaborar deveriam apresentar produções que contribuíssem para a instrução não somente das leitoras, mas também do público em geral do *Clarim*. Importante salientar que os jornais da imprensa negra possuíam um cuidado com a seleção dos textos a serem veiculados, todavia o uso de expressões como “inutilidades” e “enfastiosas” não eram usadas na interlocução com os colaboradores masculinos. As senhoras ou senhoritas que quisessem contribuir com a seção deveriam, portanto, expressar as capacidades intelectuais do sexo feminino, ou não teriam seus textos publicados.

Embora o *Clarim* indicasse que a seção não seria regular, isso não diminuía o interesse do jornal em difundir produções que se voltassem para os interesses das colaboradoras. Ele pretendia, inclusive, premiar aquelas que redigissem um texto sobre duas temáticas fundamentais em relação à atuação das mulheres no passado e presente negro, respectivamente, a Mãe Preta e o seu papel na promoção união entre brancos e negros, e a mulher na política militante, evidenciando as contribuições possíveis e necessárias das mulheres negras para as lutas que estavam em curso.

Na edição de número doze, do ano de 1929, o *Clarim* novamente dialogou com suas leitoras e possíveis colaboradoras a respeito de sua seção feminina. Desta vez, o periódico ressaltou a importância da participação dessas mulheres não somente no âmbito da imprensa, mas, concomitantemente, da causa negra. Neste cenário, o jornal assim se expressou:

Prezadas leitoras do ‘Clarim d’Alvorada’ – Cumprimentos.
Foram felizes os dirigentes desta nossa pequena e despreziosa folha, quando tiveram a idéia de dedicar ás suas gentis leitoras, esta pagina literaria; sim, porque as nossas mocinhas, não estão bem ao par da nossa questão racial e, essa questão nunca será resolvida, sem o apoio das moças e das senhoras inteligentes, que formam a

¹⁸⁶ Pequena Nota. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.05, 3 de junho de 1928, p.03.

nossa família e zelam carinhosamente pelos interesses dos nossos lares. Portanto, era preciso que, alguma coisa se fizesse em prol da condução do entusiasmo feminino, e ‘O Clarim’, para concorrer, criou esta secção com este fito, porém, as nossas patricias ainda não vieram ao nosso encontro; não temos obtido o apoio necessário das nossas leitoras, e sabemos que, entre todas existem muitas que são preparadas e cultas e, há muito deviam estar ao nosso lado com a penna na mão, como fazem as moças e senhoras das outras classes; e assim, vamos conseguindo o apoio geral de todas as senhoras e senhoritas, que é tão necessário, não sómente ao programma desta folha, como também, para os demais empreendimentos que têm surgido e os que estão para surgir.¹⁸⁷

A condução do apelo e do convite para suas receptoras desta vez foi outro. O *Clarim* buscou elucidar suas expectativas reforçando o potencial das mulheres negras como inteligentes, cultas, preparadas, reforçando uma imagem positiva no meio negro e para além dele. Além disso, a colaboração escrita seria um processo de união da classe já observado em outros grupos, ressaltando a importância de homens e mulheres negros construírem uma noção de moralidade conjunta, que seria reafirmada no meio familiar a partir da criação materna. A construção de políticas de respeitabilidade pelos jornalistas da imprensa negra, em São Paulo, passava pela reformulação dos sentidos atribuídos a ser negro em uma sociedade profundamente racializada. Em vista disso, os discursos em prol da instrução da classe, bem como da sua boa conduta em bailes e da necessidade de uma boa aparência fizeram parte de uma reconstrução do que era atribuído a ser negro.

A análise das cartas e artigos escritos por mulheres e publicados nos periódicos negros vão de encontro às preocupações e os projetos empreendidos em benefício da ascensão social da classe. A leitura, em sua instância, permite entrever que, mesmo não se autointitulado como intelectuais ou figuras centrais para que o “reerguimento racial”, as mulheres foram capazes de reconhecerem que sua atuação era necessária, tendo em vista que também estavam inclusas, como negras, nos discursos de inferiorização racial e nas práticas segregacionistas cotidianas.

Compreendo que a imprensa negra e as propostas por ela veiculada poderiam propiciar um progresso racial em torno das obstruções dos direitos sociais dos indivíduos negros, as escritoras negras atuaram em defesa da sua existência. Maria Augusta dos Santos, professora e colaboradora do *Getulino*, por exemplo, em sua edição de número cinco declarava: “apesar de não afeita, escrever para jornaes, movi-me a rabiscar estas linhas, após a leitura que fiz do ‘Getulino’, por ser elle fundado exclusivamente para defender os interesses da nossa raça, até então desprotegida e tratada com desdem”.¹⁸⁸

¹⁸⁷ TUCA. Bilhete. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.05, 3 de junho de 1928, p.03

¹⁸⁸ SANTOS, Mary. Luz e Liberdade. *Getulino*. Campinas, num.05, 26 de agosto de 1923, p.01

Elogiosa dos esforços promovidos pelos redatores do periódico, Mary Santos, como assinava, reconhecia, por sua vez, a importância da coletividade para a elevação da classe, uma vez que “as conquistas em prol da nossa raça, na consecução das iniciativas mais arrojadas dos projectos mais altos e nobres não dependeram do esforço de um só , mais de muitos homens, que trabalharam com afinco, sahindo victoriosos a 13 de Maio de 1888”.¹⁸⁹

A luta coletiva daqueles que se enveredavam pelas publicações dos jornais, nas proposições da colaboradora, não obstante, deveria ir além da força, devendo integrar-se à instrução. Assim como pensadores como Luiz Gama, José do Patrocínio, Henrique Dias e Cruz e Souza, os intelectuais da imprensa negra tinham como incumbência propagarem lições de civismo, semeando a liberdade e o progresso entre a classe, não devendo, portanto, desanimarem do processo, pois este significava um caminho tortuoso, sendo alcançado pelo diálogo entre a “luz e a liberdade”.¹⁹⁰

O empenho dedicado pelos jornalistas à superação dos obstáculos impostos aos negros não eram sempre recebidos, em unanimidade, como algo positivo pela classe, como demonstra o Congresso da Mocidade, em 1928. Idealizado pelos colaboradores do *Clarim da Alvorada* e endossado por outros periódicos da imprensa negra, o Congresso da Mocidade Negra foi uma proposta de unir os negros para que pudessem debater sobre questões pertinentes a mobilização social da classe. Não obstante, além de algumas entidades se absterem da conscientização dos seus membros sobre a importância do evento, o *Clarim* foi alvo de críticas, sendo acusado de tentar provocar um quisto racial, tendo em vista a existência do discurso do Brasil como país da igualdade entre as raças, não existindo, portanto, necessidade de os negros debaterem sobre ascensão social.

No contexto dos ataques direcionados ao *Clarim*, a colaboradora Laura Britto Santiago redigiu uma carta ao periódico, publicada como artigo sob o título “Vibrante gesto de Solidariedade”, em que proferiu: “na qualidade de mulher negra, não posso deixar de apresentar-vos a minha solidariedade, deante de vossa attitude, que sirva de incentivo, para que não esmoreças na luta, que, tão ardorosamente vos empenhasteis e que a passo ides conquistando os louros de uma victoria”.¹⁹¹

Na tentativa de encorajar o periódico em prol da luta pelos direitos dos negros, mesmo que em cenário desanimador, Santiago expôs que

¹⁸⁹ *Ibidem*.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ SANTIAGO, Laura de Britto. Vibrante gesto de Solidariedade. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.30, 28 de setembro de 1930, p.02.

[...] não admira vos que lutaes por uma causa verdadeiramente sacrosanta para nós, sejam taxados de exploradores sociaes, dessocupados, catervas, palavras essas que só podem ter abrigo, nos cerebros insensatos, e não em mim que ha cinco annos acompanho admirada, secretamente o vosso gigantesco progresso, que me enche de orgulho porque, como negra que sou, quero a victoria da minha Raça. Quizera poder lançar aos quatro ventos, este meu grito da revolta, para dar aos meus patricios uma noção verdadeira dos sacrificios *com* que vos dirigentes, tendes arrastado estoicamente o fardo da responsabilidade e do dever pela victoria do ideal, que é a vossa e nossa verdadeira victoria. [...] Credo ter cumprido um dever, subscrevo com toda estima e consideração de patricia.¹⁹²

Admiradoras da função social e instrutiva que os periódicos buscaram promover no meio negro, tanto Mary Santos, quanto Laura Santiago, mostraram-se como leitoras que acompanharam as publicações dos jornais e se apropriaram da pena para defender seus ideais. Nos momentos de descrédito e vulnerabilidade da existência desses impressos, essas mulheres procuraram reafirmar a importância da imprensa negra, elucidando a coletividade necessária para o progresso da “raça”, que se estabelecia, na teoria, pelas propostas firmadas pelos periódicos e, na prática, pelo reconhecimento da atuação desses jornalistas e das pautas por eles levantadas.

Ao se reconhecerem nessas proposições, as intelectuais negras elaboraram suas concepções a respeito dos caminhos os quais os seus pares deveriam trilhar para o desmantelamento dos preconceitos raciais e usaram a imprensa negra como forma de difundilas. Neste quadro, elas buscaram pincelar sobre temáticas plurais relacionadas a importância da abolição, da união da classe e do papel social da mulher negra. A exemplo, na ocasião do 13 de maio de 1929, o *Clarim da Alvorada*, publicou uma edição em comemoração ao pós-abolição, em que foi veiculada na seção “páginas femininas”, o artigo “O altruísmo”, assinado por Sarah de Oliveira.

Refletindo sobre a escravidão no Brasil e o processo que levou a emancipação dos escravizados, a colaboradora evidenciou que “o Brasil, berço de ideias nobres, e de sentimentos alevantados de liberdade, tempo houve que foi manchado pela noção da escravidão. Necessario, aqui se torna dizer que não foram seus filhos que assim o tingiram, mas sim os seus colonizadores”.¹⁹³ Na esteira dos discursos que buscavam unificar a identidade nacional e tirar da condição de estrangeiros os indivíduos negros em São Paulo, reafirmando sua “brasilidade”, ao discorrer sobre a mácula histórica representada pelo cativo, a colaboradora reforçou que

¹⁹² *Ibidem* (grifo da autora).

¹⁹³ OLIVEIRA, Sarah de. O Altruísmo. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.16, 13 de maio de 1929, p.04.

o Brasil era um espaço de liberdade e nobres ideais, sendo, portanto, os responsáveis por esta desonra não aqueles que nasceram em solo brasileiro, mas, exclusivamente, os colonizadores portugueses.

Na luta em prol da abolição, no entanto vários “brasileiros notáveis fizeram a propaganda contra ela. Foram elles: Ruy Barbosa, Luiz Gama, Ferreira de Menezes, José do Patrocínio, Manoel Pereira Guimarães, Joaquim Nabuco e outros”.¹⁹⁴ Ao elucidar os esforços empenhados por personagens ilustres, brancas e negras, em benefício da causa abolicionista, Sarah de Oliveira, articulou a respeito da união entre os brasileiros pela superação de problemas que não diziam respeito apenas a população negra, possuindo um caráter nacional. Tendo em vista que, na perspectiva da colaboradora, ao assinar a liberdade dos negros, os brasileiros souberam repelir a mancha da escravidão, ainda que em perigo de sua posição política e econômica, se tornando, por isso, um ato de altruísmo.¹⁹⁵

No contexto das disputas em curso no pós-abolição, ao demarcar o que eram as heranças dos colonizadores e as ações legítimas dos indivíduos brasileiros, Oliveira apontava para o diálogo que deveria existir entre brancos e negros a favor da construção de uma pátria livre das influências que não eram verdadeiramente fruto dessa terra, mas da maneira como ela foi pensada por “sujeitos que se percebiam como civilizados”¹⁹⁶. A união, todavia, era um elemento essencial no interior do meio negro para a promoção de ações que fossem capazes de possibilitar a dissolução das desigualdades sociais, como demonstrou a colaboradora Maria Amélia Leal.

Ainda no cenário das comemorações do treze de maio, em meio aos intensos debates e críticas destinadas ao primeiro Congresso da Mocidade Negra, anteriormente mencionado, Maria Amália reivindicou a relevância da convenção ao destacar que,

Como já se tem dito nestas columnas, o negro neste paiz não vive, vegeta; não devemos ficar nesta liberdade esparrapada; e não pense que é com fundações de partido e disputa das cadeiras legislativas vamos conseguir a nossa integralisação, nem tão pouco émotivo pra dar-se um chá dançante pela passagem do treze de maio. Não é isto. Os iniciadores da idea, apenas pedem que, devemos batalhar em favor do nosso maximo problema; “**A instrução**”, a formação dos negros dentro do lar, a obrigação sincera com a familia, porque só assim podemos ter elementos aptos para a defeza de nossas causas.

Negros congressistas do Brasil, que seja do nosso programma, este ponto de partida a instrução.¹⁹⁷

¹⁹⁴ *Ibidem.*

¹⁹⁵ *Ibidem.*

¹⁹⁶ *Ibidem.*

¹⁹⁷ LEAL, Maria Amália. O Congresso. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.16, 13 de maio de 1929, p.02, (grifo do autor).

Diante da condição de desigualdades vivenciadas pelos negros, Maria Amália chamou atenção para a situação de vida desses indivíduos, evocando que a liberdade da qual eles usufruíam ainda era muito restrita. Na concepção da colaboradora, conseguir a inclusão do negro não passaria, neste contexto, pela aquisição de cadeiras no parlamento ou a promoção de festas em comemoração ao significado da abolição. A instrução deveria ser o verdadeiro objeto da classe negra. A proposição de Leal estabelece profundo diálogo com os discursos propagados pela imprensa negra até a década de 1930 e, em especial, com a perspectiva veiculada pelo *Clarim da Alvorada*.

Receosos da atuação dos partidos políticos, considerados ineficientes seja pela falta de mobilização dos negros ou pela dificuldade em se aprovar legislações e projetos que beneficiassem o grupo, bem como críticos das celebrações de bailes ausentes do vínculo com o aspecto instrutivo, porque isso significaria um esvaziamento de pautas importantes para os negros, o argumento da colaboradora reafirmava a necessidade da educação moral e cívica como caminho para ascensão social. Compreendida em uma dupla dimensão, a instrução era importante pois permitiria a inclusão dos negros em espaços hegemônicos, na mesma medida em que vinculava esses sujeitos a uma nova imagem, de intelectualmente aptos, dotados de boas maneiras, distante da concepção de malandros, selvagens e indolentes.

Em acordo com a análise tecida por Maria Amália, a colaboradora Benedicta Correia Leite, dois números seguintes, argumentou sobre a relevância do Congresso da Mocidade. Sua percepção, todavia, não estava direcionada para a classe negra, mas para a atuação moral das mulheres. Assinando artigo intitulado “A mulher negra e o nosso congresso”, Benedicta iniciou sua argumentação relatando “sou mulher, sou mãe e sou esposa; são estas as razões que me levam a desejar, que o Congresso da minha raça seja realizado”.¹⁹⁸ Ao marcar seu espaço de enunciação, as palavras da intelectual sinalizaram para o ideal de mulher negra construído pelos periódicos. Benedicta não era apenas uma colaboradora, mas um exemplo feminino para a classe.

Considerando a relação entre a educação e o lar, a patricia expressou

discute-se em minha casa sobre os assumptos com respeito a questão negra, porém, eu vejo neste momento que, a influencia da mulher é necessaria neste grande movimento. Por que eu penso assim? Vejamos: em São Paulo há innumerables sociedades dansantes, na totalidade, estas agremiações são frequentadas por mulheres da minha raça e, essas damas gosam de grandes influencias sobre esses cavalheiros, que, ao envez, de amparal-as moralmente; enfiltrando em seus espirito como

¹⁹⁸ LEITE, Benedicta Correia. A mulher negra e o nosso congresso. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.18, 14 de julho de 1929, p.03.

cavalheiros do ideal, – essa corrente forte de desejos, para edificarmos o nosso ambiente moralizando, onde nossas filhas possam ter garantias de frequência. Eu vejo que as sociedades da raça a que pertenço, vão disvirtuando os grandes sonhos dos idealistas contemporâneos. E assim sendo, eles – os idealistas – nada conseguirão sem a ajuda de uma legião de mulheres sensatas.¹⁹⁹

A ampliação da participação das mulheres na produção de artigos para os impressos negros ocorreu em acordo com o refinamento das proposições levantadas pelos periódicos. Se, no início do século XX, as pautas discutidas pelos jornais da imprensa negra tratavam do problema da inserção do negro, de acordo com o avanço temporal, progrediram também os debates nesses periódicos, que passaram a debater não apenas os obstáculos raciais, mas a reivindicar maneiras de inserção, construído políticas voltadas para o meio negro e para a sua atuação frente a sociedade brasileira. O reconhecimento do valor do negro para a coletividade e elevação social e econômica do Brasil, na percepção dos periódicos, aconteceria ainda que a passos curtos. Esse processo reforçava, por sua vez, a demanda de união entre os negros e a adequação dos papéis desempenhados pelos homens e mulheres às políticas de respeitabilidade.

Situada neste contexto, Benedicta Correia afirmava, portanto, a relevância das mulheres negras na adesão à moral e instrução. Frequentadoras de bailes dançantes, cabia ao grupo feminino a consciência de que seus pares ali presentes tinham um dever a cumprir com a classe. A dança, o divertimento, não poderia estar desassociado da boa conduta e da compreensão de que, para além daquele espaço, o negro deveria lutar por outras formas de inclusão. Neste viés, as moças tinham como incumbência reforçarem as proposições dos paladinos contemporâneos da classe, congregando em prol dos negros e consolidando a figura da mulher moralmente instruída.

Conceição Evaristo, escritora e intelectual negra, ao pensar sobre a construção discursiva literária sobre o feminino, explica que as representações literárias das mulheres negras estiveram ancoradas em imagens vinculadas ao seu passado escravista, de modo que eram vistas ora como objeto de procriação, ora como corpo feito para o desejo. Considerando a literatura e a criação linguística como espaço privilegiado de produção e reprodução dos sentidos, Evaristo sinaliza que a figura da mulher atrelada à maternidade foi um perfil desenhado para as mulheres brancas. Personagens como Rita Baiana, de *O Cortiço*, por exemplo, não foram construídas como mulheres para gerarem descendentes.²⁰⁰

¹⁹⁹ LEITE, Benedicta Correia. A mulher negra e o nosso congresso. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.18, 14 de julho de 1929, p.03, (grifo do autor).

²⁰⁰ EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212.

Para a escritora, a observação do imaginário da cultura ocidental, permite identificar que a mulher é construída sob a dialética do bem e do mal, o anjo e o demônio, as quais têm como figuras simbólicas Eva e Maria e a maternidade atua como redenção. Ao vincular a representação da mulher negra a ausência da imagem materna, designa-se a ela o lugar de um mal não redimido.²⁰¹

A poeta, romancista e professora Mayra Santos-Febres, em consonância, ao dialogar sobre a liberação sexual feminina propiciada pela pílula anticoncepcional, reflete sobre os sentidos atribuídos a esse processo pelas mulheres negras, a partir da ótica da sua mãe, em que destaca: “para minha mãe, converter-se em uma boa mulher, fazendo-se de caseira, abnegada, delicada era um passo à frente: ver-se a si mesma como mulher, em vez de como burro de carga, empregada, mulher de uso, uma negra”. O controle de sua fertilidade, ganhava outros contornos para as mulheres de classes populares, porque “o feminino era um luxo, um privilégio, um acesso a um sistema de valorização exclusivo para as mulheres de classe mais alta. Quando chegou a liberação feminina, minha mãe e muitas outras mulheres como ela tomaram, mas não assumiram a liberação sexual”, porque isso significaria abandonar o sonho de converter-se, um dia, em “senhora”.²⁰²

Na construção de uma nova imagem para a mulher negra nas primeiras décadas do pós-abolição, marca-las em um espaço de maternidade, bem como associá-las a figura de esposa foram cruciais para aproximá-las das narrativas construídas para as mulheres brancas. Ainda que este lugar da mulher, mãe e esposa, indicasse um espaço da arena do privado, ele não era, até então, cedido às mulheres negras, que eram vistas como serviçais, subalternas e objetos de prazer e não como sujeitas maternais, formuladoras de uma instrução moral e cívica.

A defesa da mulher instruída e imbuída de valores morais na imprensa negra dialoga, portanto, com a formulação de uma outra imagem para as personagens femininas e negras. Neste cenário, as intelectuais negras procuraram edificar essa visão por meio de cartas e artigos que circularam nos impressos. À vista disso, o *Clarim da Alvorada* publicou, em março de 1928, a carta da colaboradora Maria Amália Leal, cujo título era “carta á uma noiva”. Desculpando-se pela ausência na vida de sua interlocutora, Maria Amália escreveu a sua amiga que a alegrava “muito a tua missiva de participação do teu noivado com o Joaquim”, pois “muito necessario é a união dos pensamentos dos conjuges para a formação d’uma familia,

²⁰¹ *Ibidem*.

²⁰² SANTOS-FEBRES, Mayra. Mais mulher que todas. *Revista da ABPN*, v.1, n.1, 2010, p.83.

principalmente nós, que somos, brasileiras da meia noite”,²⁰³ assinalando a importância do matrimônio e da constituição da família e de um lar para as mulheres negras.

Desejando bons votos para sua amiga, a colaboradora enunciou que “se tiveres algum descendente, estou certa, que o acompanhará perfeitamente, na formação e desenvolvimento educativo, para que mais tarde não venhas pronunciar a triste frase que a toda hora escuto: «não posso com esse menino!»”.²⁰⁴ A resposta à Leal não tardou, sendo publicada uma carta na edição seguinte do periódico assinada por Maria de Lourdes Silva. A interlocutora, grata pelas felicitações de sua amiga, teceu “querida amiga! A tua tão amável cartinha, a qual, bondosamente me enviaste, muito me sensibilizou. Na tua explanação tão meiga vi que ainda persistes com o nosso Ideal plantar a união dos nossos irmãos”.²⁰⁵

Pertencentes ao grupo de mulheres que se mobilizaram em torno da união da classe, as correspondências das colaboradoras chamavam atenção para o ideal de conduta feminina negra. Ao findar o diálogo com Maria Amália, Lourdes Silva buscou reforçar o papel feminino na instrução no lar, destacando que “com todo o ardor de sinceridade e pureza de coração afirmo-te que, da união que espero realizar, se viver algum descendente, podes ficar tranquila que, o farei um baluarte de defeza da nossa união”.

A publicação das cartas dessas colaboradoras podem ser compreendidas à luz dos sentidos positivos associados a consumação do casamento e a casa e família como ambiente formador de homens e mulheres negros preocupados com a ascensão de sua classe social, cientes dos trajetos que deveriam trilhar para acabarem com os preconceitos raciais. O matrimônio, em especial, deveria acontecer em um ambiente de similaridade de ideais. Sacramentado pela igreja, a união conjugal entre os pares seria um exemplo para a classe porque significava a boa conduta e o seguimento dos preceitos divinos.

As concepções sobre a atuação da mulher em prol do levantamento da classe também apareceram no periódico *Getulino*, em momento anterior aos debates empreendidos pelo paulistano *Clarim*. Em artigo intitulado “Pelo progresso: a missão da mulher para com a patria”, a colaboradora e professora Maria Rosa M. Ribeiro, assinalava que “na afanosa existencia da mulher, [...] sobresahe, dentre os seus tão numerosos quão complexos deveres, a missão extraordinaria, sympathica e louvavel de prestar o seu valioso, arguto e intelligente auxilio á

²⁰³ LEAL, Maria Amália. Carta á uma noiva. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.02, 4 de março de 1928, p.02.

²⁰⁴ *Ibidem*.

²⁰⁵ SILVA, Maria de Lourdes. Resposta de uma noiva. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.03, 01 de abril de 1928, p.03.

causa sacrosanta da Pátria”.²⁰⁶ Enaltecendo as qualidades do grupo feminino, Maria Rosa articulou o seu discurso evidenciando que as mulheres tinham muito a contribuir com a causa de sua classe.

Na percepção da colaboradora, as mulheres deveriam amar a sua pátria e prestar-lhes homenagens e atos de civismo de acordo como exigia a “delicadeza do seu sexo”. Isto significava que as patrícias possuíam atribuições distintas dos homens. Neste sentido, em um cenário de guerra, não caberia as mulheres pegarem em armas mas adaptar as suas habilidades individuais, cuidando da direção de hospitais, da preparação de alimentos, da higiene dos acampamentos e lavagem das roupas. Participando dessa forma, elas estariam empenhando-se pela vitória e afirmando sua nacionalidade tanto quanto os homens negros.²⁰⁷ Nos tempos de paz, Ribeiro sinalizou que a tarefa da mulher seria tão louvável que dela dependeria o futuro da pátria. A educação cívica e moral da criança resultaria do zelo e atenção destinados pelas mulheres, de modo que para atingir esse objetivo de maneira plena

não se torna necessario que a mulher seja uma grande literata... Basta que ella seja uma boa mãe, que compreenda os deveres mate nos e sacrifique-se pelo futuro do seu proprio filho; que, sendo elle um homem de bem, um bom patriota, a terra do seu berço será ditosa e caminhará na senda da paz e progresso.²⁰⁸

Na proposição da autora, o ideal de boa mãe se concretizaria na formação do filho que servisse bem à pátria, consciente da sua formação para contribuir pela paz e o avanço do país. Para tanto, não existiria a precisão das mulheres se dedicarem ao universo literário, pois a ela, como primeira função, caberia a formação de bons cidadãos.²⁰⁹

Nas circunstâncias de formação de uma nova imagem para a mulher negra que dialogasse com a promoção de sua respeitabilidade frente a sociedade hegemônica que a percebia sob a ótica da dupla inferiorização, negra e mulher, a dedicação à arena do privado, voltada para o lar, as atividades domésticas, a maternidade, foram cruciais para os discursos sobre reerguimento da classe. Neste sentido, tomar a posse da pena para si e ingressarem no campo da escrita e, especificamente, o literário, publicando seus textos, não seria necessário, tendo em vista que esse processo se constituía algo voltado para a atuação pública.

²⁰⁶ RIBEIRO, Maria Rosa M. Pelo progresso: a missão da mulher para com a pátria. *Getulino*. Campinas, num.07, 09 de setembro de 1923, p.01.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ *Ibidem*.

Mesmo diante desse cenário, dezenas de mulheres ousaram escrever prosas e poesias e publicá-las na imprensa negra paulista desde o início do século XX. Ainda que a figura das mulheres, em prol da ascensão da classe, estivesse reforçada do ponto de vista da maternidade e da constituição familiar, o espaço da escrita, marcado pela ação masculina, possuía uma carga de sentido social e intelectual para essas mulheres, sejam elas colaboradoras jornalísticas ou literárias. Ao integrarem a arena pública tomando posse da escrita literária, o que essas mulheres almejavam construir, elucidar e/ou reforçar?

Tais questionamentos nos permitem embarcar pelas v(e)ias literárias tecidas nos periódicos de cor, analisando as expectativas e anseios nelas expressos. O rastreio da importância que a literatura assume nesses impressos, por seu turno, nos possibilita entrever as formas de inscrição da escrita feminina negra nos jornais da imprensa negra paulista e os diálogos que as colaboradoras teceram em defesa dos interesses dos negros – e dos seus próprios interesses – no início do século XX.

CAPÍTULO 03

A POSSE DA ESCRITA: A PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA NEGRA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA

3.1 – Literatura e Imprensa Negra

AVANTE!

Avante! Homens de côr, á nossa idéa!
Formemos nosso «Centro», carinhoso,
Dar luz e instrucção é ter o gozo
De brilhante epopéa!...

Que importa a nossa côr, se a nossa raça,
Outro'ora maltratada, hoje ufanante,
Nas paginas da historia que ella traça
Levanta-se possante!...

Lembremos Patrocínio, o morto illustre,
E Gama, o grande heroe, em outros tempos,
Por isso, nós devemos com igual lustre
Seguir os seus exemplos!...²¹⁰

Em vinte e dois de junho de 1924, Augusto Marques publicou no *Getulino* seu poema “Avante!”. Destacando a necessidade dos “homens de cor” se unirem em benefício da instrução e retomando um duplo passado: o de escravizados que foram maltratados e dos “heróis da raça”, que lutaram por sua libertação, o colaborador convocava os leitores e leitoras a avançarem em prol do progresso de sua classe.

As temáticas levantadas pelo poema de Marques permearam os debates da imprensa negra paulista. Apresentada como proposta de moralização e promoção de uma respeitabilidade negra, a instrução foi compreendida como via de ascensão social, como demonstrado pelos artigos nos impressos a respeito do papel da educação no âmbito físico, cívico e moral²¹¹ e por produções literárias veiculadas em jornais como o *Auriverde*. Na ocasião da comemoração do 13 de maio, em seu número seis, no poema “Negro Velho” era possível encontrar os versos

Agora que somos livre
trabalhamos pra viver,
pensemos na instrucção
prum dia então, nois bem vê:
um home de intelligência
como Luiz Gama e Zé Bento
Embelleza nossa raça

²¹⁰ MARQUES, A. *Getulino*. Campinas, num.45, 22 de junho de 1924,p.02.

²¹¹ Conferir: INSTRUCÇÃO. *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, num.02, 03 de fevereiro de 1924, p.02; LORDELLO, Alvaro. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.03, 28 de setembro de 1929, p.03.

c'os brios do seu talento.²¹²

A recuperação das vivências dos negros outrora escravizados também compôs as pautas dos jornais e esteve presente em poemas, como “Aos palmares”, escrito por José Correia Leite, em que expressava,

Das solidões das selvas africanas,
os legendarios homens meadievaes
que nos legaram forças soberanas,
á conquistar as glorias actuaes;

Assombradores das raças humanas,
Pelos seus feitos foram immortaes:
– andaram sempre nas garras tyranas,
Do captiveiro que não volta mais!...

Hoje, cantamos, nesta nossa lyra
toda a grandeza dos antepassados
que a humanidade toda se admira.

Ao reviver, nas paginas da historia
encontraremos os feitos conquistados
que o grande povo só colheu victoria!²¹³

De maneira diferente do que foi apresentado em “Avante”, os antepassados negros não foram resgatados sobre a ótica dos maltrato que sofreram, mas dos combates que empreenderam. As lutas empreendidas pelos negros em Palmares, de acordo com Leite, possibilitou aos negros não somente colherem vitórias no presente, mas também herdar uma força que os instigassem a promover glórias futuras. Essas recuperações da imagem de indivíduos negros que lutaram pela libertação do seu grupo também se estendeu aos literatos e jornalistas abolicionistas.

Espiritos retrógados, mesquinamente apaixonados; cérebros entumecidos e carcomidos de inveja, nulidades em conhecimento historicos e despidos das ideas de altruísmo e de sentimentos de nobresa, costumam, as vezes, para fazer rir a outros tantos incompetentes, nos atirar esta phrase de gloriosa memoria: – *Os negros são burros e sem capacidade intelectual.*

Taes e taes asneiras fazem arrepiar os cabellos de quem quer que seja, que, com desinteresse e imparcialidade conheça ao menos os rudimentos da Historia Patria.

Apesar de em todos os tempos a escassez de escolas para o povo e a falta de recursos pecuniarios para os negros sempre foram os impecilhos que muito têm concorrido para que eles, em grande parte não fiquem conhecendo nem siquer as vinte e cinco

²¹² NEGRO VELHO. *Auriverde*. São Paulo, num.06, 13 de maio de 1928, p.05

²¹³ LEITE, José Correia. São Paulo, num.21, 13 de maio de 1926, p.02.

letras do alfabeto, essa raça symphatica na sua origem, digna de melhores considerações peo muito que fez está fazendo e continuará fazer pela formação e prestígio da nossa nacionalidade.

[...] o valor dos negros não podia ficar assim; estreito, entre os feitos da lavoura agrícola ou de um rasgo de heroísmo nos momentos melindrosos para a Patria, como acontecera nos tempos de Henrique Dias, era preciso que elle fosse mais alem...

Então, a literatura nacional, não podia des'sarte dispensar o concurso do negro... Teria um vacuo as letras brasileiras, se entre os seus mais illustres próceres, um negro não figurasse.

José Carlos do Patrocínio foi o eleito para na Academia de Letras, ocupar a cadeira Joaquim Serra...

[...] autor do primoroso *Motta Coqueiro de Os Retirantes – Pedro Hespanhol – As meninas Godin – Manifesto da Confederação Abolucionista*, algumas poesias, além de centenas de discursos e conferencias de propaganda abolicionista.

Litterato de fina tempera, Patrocínio, soube grangear a admiração dos intellectuaes, não so do Brasil mas tambem da Europa.²¹⁴

José Mesquita, colaborador do *Getulino*, ao retratar a forma como uma parcela da sociedade brasileira buscava inferiorizar a intelectualidade dos indivíduos negros, recupera as contribuições dos negros nas lavouras, na política e, especialmente, na literatura. Ao apresentar as produções literárias de José do Patrocínio, bem como seu reconhecimento internacional e sua eleição para a Academia de Letras, Mesquita situou os negros entre os grandes panteões da intelectualidade brasileira a partir de um ilustre representante da classe. A literatura, neste contexto, foi mobilizada pelo colaborador como uma forma de demonstrar as contribuições patrióticas para o engrandecimento do Brasil e, simultaneamente, legitimar a atuação negra como trabalhadores, políticos e/ou intelectuais.

Considerando, neste sentido, as temáticas abordadas pelas poesias de Marques e Correia Leite e o artigo publicado por Mesquita, a literatura se apresentou como uma forma de debater as questões pertinentes à elevação social dos negros e de demonstrar suas capacidades intelectuais, uma vez que o seu domínio exigia uma série de atributos, como aponta *O Kosmos* ao mencionar que “de todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancillas e ministras: ella soberana universal.”²¹⁵

Em diálogo com essas percepções a respeito da literatura e intelectualidade, o colaborador Amadeu Amaral escreveu para o *Getulino* que “a poesia è a florescia radiosa e divina da espiritualidade. E’ a mais fina e melindrosa expressão da vida intelectual, não direi a mais alta, porem com certeza a mais bella.” Em vista disso, Amaral deixava como conselho

²¹⁴ MESQUITA, José Luiz de. OS NEGROS e a literatura nacional. *Getulino*, Campinas, num.64, 20 de dezembro de 1924, p.08. (grifo do autor)

²¹⁵ COELHO, J. M. Latino. A palavra. *Kosmos*, São Paulo, num.09, 21 de fevereiro de 1923, p.01.

para os poetas “amae com religioso fervor a vossa arte, a mysteriosa, a augusta, a creepora e bemfazeja Poesia.” Amar com fervor poderia significar, neste sentido, manter atenção e cuidado com a forma, entregando à poesia, as exigências que ela fazia de seus poetas.

Em virtude desse reconhecimento atribuído ao domínio das letras podemos compreender as indicações do *Alfinete* ao seu colaborador Baptista, em que expressou “snr. Baptista: – seu soneto não póde ser publicado falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: – Leia tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos.”²¹⁶ As aspirações de *O Menelik*, que se apresentou como um jornal literário, também podem ser elucidadas a partir dessa concepção. Para os redatores do periódico ser literário era importante, pois

Ha pessoas a quem a natureza dita idéas magnificas sobre o cultivo das letras, mas essas idéas, em grande quantidade estão eneditas.
Se A humanidade as conhecesse talvez fossem julgadas como primas.
Não incommodeis com as criticas de outrem, fazeis pensamentos poéticos, contos, anedoctas e mandeis ao *O Menelik* que elle vol-os apresentarão a humanidade.²¹⁷

Atuando como um espaço de divulgação dos conhecimentos dos negros em São Paulo, esses jornais permitiram que seus leitores pudessem se tornar em colaboradores e os incentivaram a se apropriarem da pena para expressarem suas ideias, seja pelo convite a enviarem suas colaborações, ou por indicar-lhes outras vias que os fizessem aprimorar sua escrita. Ainda que receosos quanto ao envio de suas publicações, muitos colaboradores integraram literariamente a imprensa, como Deocleciano Nascimento, com seu poema “Do meu canto”.

Sonhar um lindo sonho que refira
Ao canto matinal da passarada,
Minh’alma bem quizera, mas a lyra
Que empunho é fraca e está desafinada...

Quizera collocar na madrugada,
Os sons que meus affectos dela tira,
Ou lá no alem, na abobada azulada,
Onde habita o Senhor, que o mundo mira...

Quizera mas não sei da poesia,
Architectar-lhe as rimas com encanto,
Entre os sorrisos mudos da magia!...

Mas mesmo sem saber vou afinar
A pobre lyra minha e do meu canto,

²¹⁶ CAIXA DO ALFINETE. *O Alfinete*. São Paulo, num.08, 09 de março de 1919, p.01.

²¹⁷ Destino. *O Menelik*. São Paulo, num.01, 17 de outubro de 1915, p.01-02.

Outra forma de expressão literária veiculada nos periódicos e que se vinculou aos anseios desses impressos foi o romance-folhetim. Vejamos.

3.1.1 – Romance-folhetim

Preocupado com a consagração do autor enquanto figura célebre, envolto este nas curiosidades e questionamentos que inundavam as mentes do público leitor a respeito dos achismos e opiniões daqueles que experimentavam os infortúnios de viver da palavra escrita, impressa e lida, o jornalista e escritor João do Rio, no início do século XX, dedicou-se a inquirir aos literatos brasileiros: quais autores mais contribuíram para sua formação literária? Dentre seus trabalhos, qual prefere? Como esses intelectuais percebiam a escrita e estilos literários? Esse conjunto de perguntas, no entanto, delineava-se em torno de uma indagação ainda mais crucial: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”.²¹⁹

As mais de cem cartas enviadas aos escritores, por João do Rio, tornaram-se trinta e seis respostas. Onze entrevistas, vinte e cinco cartas. As percepções, múltiplas e complexas, não deram ao público uma resposta conclusiva. Dez autores percebiam a imprensa como danosa para a escrita literária, onze compreenderam que se tratava de um mal necessário, inevitável, dez partilhavam da opinião de que o jornal era positivo para a literatura, três não responderam e um não compreendeu a pergunta.²²⁰ A pluralidade de argumentações evidenciadas em *O momento literário*, em diálogo com a centralidade da pergunta que as guiou, propicia mais do que perspectivas acerca da leitura cultural e social de intelectuais na virada do século XIX; possibilitam entender que imprensa e literatura estavam profundamente interligadas no Oitocentos e início do Novecentos.

Escrito essencialmente pelos homens das letras e pelos políticos, o jornal do século XIX é primordialmente composto de literatura.²²¹ Na França, onde as relações entre imprensa e escrita literária consolidaram-se por meio da publicação dos romances-folhetim, com exceção de Flaubert, que resistiu – com dificuldade –, praticamente todos [escritores], em um momento

²¹⁸ NASCIMENTO, Deocleciano. Do meu canto. *Getulino*. Campinas, 20 de janeiro de 1924, p.02.

²¹⁹ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro, editora Garnier, 1908, p.11-18.

²²⁰ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.19-20.

²²¹ THÉRENTY, Marie-Ève. “Le journal au XIX^e siècle est essentiellement composé de « littérature »”. In: *La Littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris : Média Diffusion, 2009, p.07.

ou outro, foram contratados pela imprensa.²²² Os jornais e revistas serviram como “berçário, vitrine, pedestal e mesmo de trampolim para os homens das letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores”, sendo responsáveis por oferecer as condições de sobrevivência e de divulgação para a produção de uma massa crescente de intelectuais.²²³

No Brasil, a presença da literatura nas páginas dos periódicos, desde seus primórdios, foi constante.²²⁴ Jornais, como o *Correio Braziliense*, publicado a partir de 1808, tinham seções em suas folhas intituladas “Literatura e Sciencias”, voltadas à divulgação de obras médicas, políticas, históricas e biográficas. Outros, a exemplo de *O Patriota*, editado no Rio de Janeiro entre 1813 e 1814, denominavam-se literários. Em 1830, por sua vez, *O amigo das letras*, de São Paulo, considerava que, em suma, o jornal oferecia aos leitores “variados exercícios de análise, de desenvolvimento oratório, e de crítica”, buscando apresentar-lhes, simultaneamente, “excelentes lições de virtude, de humanidade e justiça, de amor da pátria, do bem público”, viabilizados pela publicação de descrições históricas, alegorias, cartas, discursos oratórios, diálogos filosóficos, caracteres políticos, literários e morais.²²⁵

A singularidade das relações tecidas entre a escrita literária e a imprensa, que aqui pretende-se retomar, não obstante, não residem nessa presença inicial de seções literárias nos periódicos, mas na consolidação de uma nova concepção de literatura e dos seus usos no interior dos impressos Oitocentistas. A publicação dos romances-folhetins, iniciada em 1836, bem como o estabelecimento dos jornais como um espaço de divulgação, reconhecimento e consolidação de um escritor, se associa a uma outra noção de literatura.

Designada como a arte dos escritores, o conceito de literatura, do qual partilhamos, é recente. Compreendida no século XVIII como um saber dos letrados, possibilitando-lhes julgar e apreciar as belas-letras, no século XIX “literatura” passa a significar não mais um saber, mas um objeto dele. O realce atribuído ao saber do apreciador volta-se ao interesse pela singularidade do escritor. Ao que se chamava belas-artes, atribui-se, no Oitocentos, o nome de literatura.²²⁶

É a ruína do sistema das belas-artes que permite a literatura ser compreendida como atividade daqueles que escrevem. Alicerçada sob quatro princípios, o primeiro princípio,

²²² “À la exception de Flaubert, qui a résisté – avec difficulté – à ses sirenes ensorcelantes, pratiquement tous ont été engagés à un moment ou à autre par la presse”. *Ibidem*, p.08.

²²³ COSTA, Cristiane, *Op.cit.*, p.25.

²²⁴ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Editora Contexto, 2010.

²²⁵ Prospecto. *O amigo das letras*. São Paulo, num.01, 04 de abril de 1830, p.01-02.

²²⁶ CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. *Entre ilustres e anônimos: a concepção de história em Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009, p.89

denominado princípio do sistema das belas-artes ou princípio de ficção, indicava que a essência de um poema residiria sob uma imitação, possuindo como dever representar as ações. Neste contexto, o poema não se trataria de uma forma de linguagem, mas de uma história e o seu valor ou a ausência dele se baseariam na concepção dessa história.²²⁷

O segundo princípio, intitulado princípio de gênero, por sua vez, apontava que o que define um gênero é a natureza daquilo que se representa, do objeto de ficção, de modo que existiam, essencialmente, duas classes a serem imitadas: espíritos nobres e os comuns e duas formas de representar: exaltando o objeto ou rebaixando-o. Os imitadores de maior valor elegiam as ações admiráveis de deuses e heróis, grandes personagens para representar, convertendo-se em poetas épicos ou trágicos. Aqueles de menores virtudes escolhiam narrar as pequenas histórias de pessoas de pouca importância ou reprovar os vícios dos seres medíocres. Tornavam-se poetas cômicos ou satíricos.²²⁸

Determinado pelo tema representado, o gênero reivindicava formas específicas de representação, o que nos leva ao terceiro princípio, a conveniência. Exigindo a adequação da narrativa à natureza daquilo que imita, as ações e discursos empregados em um texto deveriam estar em acordo com os sujeitos que buscava representar e, como resultante, com o gênero do poema. Não se tratava, nesse sentido, de uma reprodução fiel, mas de verossimilhança ficcional, apoiada sob quatro critérios: a conformidade à natureza das paixões humanas; a conformidade aos caracteres e costumes de determinado povo ou personagem; o acordo com a decência e o gosto que convêm aos costumes e, por fim, a conformidade das ações e das palavras com a lógica mesma das ações e caracteres próprios a um gênero. A perfeição do sistema representativo não estava, entretanto, nas regras, mas no gênio capaz de reuni-las e ordená-las em função da sua precisão em cada caso.²²⁹

O quarto princípio se baseava na equivalência entre o ato de representar e a afirmação da palavra como ato. Denominado princípio da atualidade, este não contradiz o primeiro que define o poema como uma ficção e não uma modalidade da linguagem, antes sinalizando para uma dupla economia do sistema. A autonomia da ficção, que se ocupa de representar e proporcionar prazer, depende de uma outra ordem, uma outra cena da palavra: “não se trata somente de agradar por meio de discursos e histórias, mas de educar espíritos, salvar almas,

²²⁷ RANCIÈRE, Jacques. *La palabra muda*: ensayo sobre las contradicciones de la literatura. traducido por Cecilia González. - la ed. - Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2009, p.30

²²⁸ *Ibidem*, p.31.

²²⁹ *Ibidem*, p.31-33.

defender inocentes, aconselhar reis”. O sistema de ficção poética depende de um ideal de palavra eficaz.²³⁰

A consolidação da literatura, em seu sentido moderno, se deu a partir da subversão de cada um desses princípios. Ao primado da ficção, se opôs o primado da linguagem; ao princípio genérico, o princípio antígenérico da igualdade de todos os temas; ao princípio da conveniência, a indiferença do estilo em relação ao tema representado e ao ideal da palavra em ato, o modelo da escrita.²³¹ Tendo em vista que “o sistema representativo das artes tomava as obras no interior de um círculo de produtores e destinatários autorizados que as percebiam, classificavam e julgavam em função do que elas deveriam ser”, a ruína desse modo de pensamento estabeleceu-se quando ao invés de se ocupar com o que a obra deveria ser para agradar a quem elas concerniam, considerou-se que ela “é o que deve ser enquanto língua do espírito de um tempo, de um povo ou de uma civilização”, se tornando disponível para o olhar, leitura e apreciação de qualquer um.²³²

Esse conjunto de transformações permitiu a emergência de uma nova concepção: a literatura é esse novo regime da arte de escrever em que não importa quem é o escritor e não importa quem é o leitor.²³³ Ao criar um público indiferenciado para as artes, suprimiu-se a noção da existência de uma humanidade habilitada a julgar e definir o que pode ser artístico, de uma não pertencente a este universo e, simultaneamente, a lógica hierárquica dos gêneros análoga à ordem político-social. A igualdade entre todos os temas é, também, a promoção de qualquer indivíduo à condição de apreciador e de templo da arte.²³⁴

A literatura que ganha as páginas dos jornais a partir do século XIX – e que aqui pretende-se compreender – pertence ao sistema de democracia da escrita. É o regime da palavra em liberdade, que cada um pode retomar por sua conta, seja para apropriar-se da vida de um herói ou heroína do romance, seja para fazer-se a si mesmo escritor ou para participar da discussão sobre assuntos em comum. Trata-se de uma relação nova entre o dizível e o visível, as palavras e as coisas,²³⁵ materializada na consolidação do romance enquanto gênero sem gênero, capaz de acolher sem distinções, por considerar igualmente interessantes, os amores de uma princesa e os adultérios da filha de um camponês.²³⁶

²³⁰ *Ibidem*, p.35-36.

²³¹ *Ibidem*, p.39

²³² CAMPOS, Raquel. *Op. cit.*, p.95-96.

²³³ RANCIÈRE, Jacques. *Política de la literatura*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2011, p.28.

²³⁴ CAMPOS, Raquel. *Op. cit.*, p.96.

²³⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Op. cit.*, p.29.

²³⁶ CAMPOS, Raquel. *Op. cit.*, p.96.

Neste viés, em outubro de 1836, a terceira edição do periódico carioca *O Chronista* destaca a novidade que transformaria as relações entre a imprensa e a escrita literária. Estabelecendo um diálogo com o público, o impresso questiona: “si por ventura, amigo leitor, entendeis a lingua franceza, quando vos vêm ás mãos algum periodico francez, quando ancioso desdobraes suas extensas paginas , sede ingenuo , confessae , para onde primeiro se dirigem vossos olhos?.”²³⁷ Em um intento de adivinhar o objeto de maior interesse dos leitores, o jornal julga que os olhos deles acompanham as colunas de alto e baixo e se nada os atrai é porque não encontraram aquilo que procuravam. Tristes, os amigos leitores rapidamente leem as colunas para poderem passarem à próxima edição e verem se poderão ser mais felizes. Ali, em um outro número, quase no finalzinho da página, um grande traço negro interrompe a vista indagadora do público leitor. Por baixo desse traço, letras maiúsculas que dizem *feuilleton* aparecem radiantes, fascinadoras, feiticeiras.²³⁸

O *feuilleton*, “abençoada invenção da litteratura periodica, filho mimoso de brilhante imaginação”, “árvore preciosa cultivada pelo gênio delicado francês” seria responsável, na perspectiva do periódico, por distrair a virgem de seus melancólicos pensares, o jovem estudioso de seus enfadonhos livros, o rico negociante de seus cálculos, o desocupado proprietário de seu descaso insípido, por fazer o pobre esquecer ao seu trabalho e os ricos esquecerem do ócio. Diante de tantas qualidades, mesmo com uma “mão grosseira” e com um “tosco engenho”, *O Chronista* ansiou transplantar o *feuilleton* para as terras brasileiras,²³⁹ dedicando os rodapés de seus jornais à sessão intitulada “folha”, com o intuito de que, a partir de seus esforços em prol da criação de *feuilletons*, a população desenvolvesse a necessidade primeira da civilização moderna, isto é, o desejo de ler, fornecendo-lhes incrementos e oferecendo leitura capaz de distrair das lidas da existência, das aflições do trabalho, do tédio.²⁴⁰

De origem francesa, o *feuilleton*, no início do século XIX, não significava um gênero literário, mas um espaço geográfico do jornal. Alocado no rodapé, geralmente, da primeira página de um periódico, o *feuilleton* era um espaço “vale-tudo”, em que se poderia encontrar piadas, charadas, notícias sobre crimes, receitas de cozinha e beleza. Local propício para se falar sobre a novidade, nele se criticavam peças, livros recém publicados e experimentações ficcionais de mestres da escrita literária ou noviços do gênero. Com o tempo, porém, a abrangência geográfica vai cedendo lugar para conteúdos específicos. Publica-se, então,

²³⁷ *O Chronista*. Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1836, num.03, p.01

²³⁸ *Ibidem*.

²³⁹ *Ibidem*.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.02

semanalmente, *feuilleton dramatique* (crítica literárias), *littéraire* (resenha de livros) e variedades.²⁴¹

Com a publicação dos periódicos franceses *La Presse* e *Le Siècle*, a partir de julho de 1836, o termo ganha uma nova conotação.²⁴² A publicação de romances, no espaço *feuilleton*, em pequenas fatias, capazes de provocar o deleite e curiosidade dos leitores, finalizada por um “continua amanhã”, com objetivo de fidelizar o leitor ao jornal, se torna um *boom* literário.²⁴³ A rapidez com que *O Chronista* anuncia a publicação de *feuilletons* no Brasil é signo do impacto dessas produções no universo da imprensa. A fidelidade do leitor se transforma em números. O aumento de vendagem dos periódicos propicia, se não o barateamento do impresso, a manutenção da continuidade da folha e um atrativo para novos leitores.

Considerado responsável pela introdução do termo *folhetim*, tradução popularizada de *feuilleton*, no Brasil,²⁴⁴ o *Jornal do Comércio*, em seu primeiro número do ano de 1842, elucida as transformações propiciadas pelo efeito do romance folhetim. Em matéria intitulada “Ao público”, o periódico destaca que “desde 1839 os melhoramentos do *Jornal do Commercio* tem ido em continuado progresso. Augmentámos o formato da folha, chamámos para a collaboração os mais habéis redactores, demos hum jornal aos domingos, invidámos emfim todas as nossas forças para o melhoramento moral e intellectual da nossa folha”.²⁴⁵ Publicado desde 1827, o ano estabelecido como signo da ampliação do jornal é, também, o ano em que se passa a publicar folhetins no periódico, de modo que o aprimoramento do impresso acontece simultaneamente à publicação dos romances folhetins.

O folhetim marca as experiências literárias oitocentistas. O jornal triunfa como espaço literário, termômetro de futuras publicações em formato de livro, vitrine para novos e velhos

²⁴¹ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.57-58.

²⁴² Os primeiros romances folhetins foram publicados pelos jornais *Le Siècle* e *La Presse*. Enquanto o primeiro publicou, a partir de 5 de agosto, o picaresco *Lazarillo de Torres*, de autor anônimo, o segundo, entre os meses de julho e setembro apresentou em suas páginas *La Comtesse de Salisbury*, assinado por Alexandre Dumas. Todavia, o texto publicado pelo *La Presse* enfrentou alguns problemas em termos de coerência romanesca, uma vez que alguns trechos estavam vagamente ligados e o título era frequentemente alterado entre as edições. Por isso, com frequência, se considera que o primeiro romance publicado em formato folhetim foi *La Vieille fille*, de Honoré Balzac, nas páginas do *La Presse*, entre os meses de outubro e novembro. Sobre a História dos folhetins na imprensa francesa, consultar: *Les roman-feuilleton dans la presse*. Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/presse-et-revues/les-feuilletons-dans-la-presse?mode=desktop>.

²⁴³ MEYER, Marlyse. *Op. cit.*, p.59.

²⁴⁴ *O Sete d'Abril*, publicado no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1839, em sua segunda página, indicava que “O ‘Jornal do Commercio’ [...] ultimamente adoptou o uso dos periódicos francezes, publicando o que naquelles apparece estampado com o titulo de *feuilleton*, palavra que ele traduzio, em ódio ao ‘Chronista’, por *folhetim* [...]” Em fevereiro de 1841, em sua edição de número 33, o *Diário do Rio de Janeiro*, por sua vez, apontou que “a palavra *folhetim*, “adoptada pelo *Jornal do Commercio* para dar ideia dos artigos de recreio que os francezes chamao *feuilleton*, está geralmente recebida: nós, para não contrariar o uso, substituímos o nosso *appendice* pelo *folhetim*”.

²⁴⁵ Ao publico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, num.01, sábado 1.º e Domingo 2 de janeiro de 1842, p.01.

escritores. O escritor, por sua vez, encontra nos periódicos a possibilidade de viver dos de sua escrita, de consolidar um público leitor e divulgar as suas obras, mesmo que isso signifique submeter-se à exigência de produções diárias e à degeneração da “arte incólume” pelo dinheiro.²⁴⁶ O público leitor, por outro lado, conduz e se deixa conduzir pelos caminhos do romance. Guiados pelo suspense, pela identificação com as personagens, por intensas reviravoltas, os leitores não apenas se dedicam à leitura das publicações que mais lhes agradam, eles também escrevem às redações e aos escritores imaginando os próximos passos que devem seguir as figuras pelas quais nutrem amor ou ódio, interferindo, diretamente, na condução da narrativa.

Herdeiros das transformações da imprensa e da escrita literária ao longo do século XIX, os impressos negros adotaram a literatura folhetinesca como uma forma de conseguir leitores e introduzir temáticas importantes para a comunidade. Publicado pela primeira vez, em 1876, no periódico *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, o folhetim se coloca como uma novidade desse período, em contraponto ao que pode ser observado na imprensa negra carioca da década de 1830.²⁴⁷ Na imprensa negra paulista, por sua vez, os romances-folhetins passaram a ser veiculados apenas a partir do ano de 1923, nas páginas de *O Kosmos* e *Getulino*.

Quando comparado as outras formas de escrita literária, como o conto ou o poema, o folhetim ocupa uma pequena parcela dos impressos negros. A experiência com a edição jornalística é? um caminho possível para elucidar a predileção dos jornais da imprensa negra por outras construções literárias. Felipe Nery Collaço, editor de *O Homem* compôs anteriormente a edição de três jornais: *O Jardim das Damas*, periódico de instrução e recreio dedicado ao belo sexo, *O Monitor das Famílias*, periódico de instrução e recreio e *O Ramallete*, periódico literário e crítico ilustrado. Lino Pinto Guedes, editor-chefe de *Getulino*, por seu turno, foi revisor do periódico *Diário do Povo*, até 1924, e diretor do jornal *A Protectora*, em 1920.²⁴⁸ O conhecimento da parte técnica envolta na produção jornalística talvez tenha colaboradora para a publicação de folhetins nos periódicos negros sob supervisão desses jornalistas.

²⁴⁶ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*, Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p.98.

²⁴⁷ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.19-27.

²⁴⁸ A atuação de Felipe Nery Collaço em outros jornais da imprensa recifense é destacada por Ana Flávia Magalhães Pinto, na dissertação, já mencionada, *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*, 2006, p.93. Quanto às vinculações de Lino Guedes com outros periódicos, consultar: “Como foi comemorado o 13 de maio em Campinas”. *Correio Paulistano*. São Paulo, num.21138, 14 de maio de 1922, p.04 e “Diario do povo”. *O Combate*. São Paulo, num.2711, 25 de junho de 1924, p.01.

Em relação a quantidade de romances publicados por pessoas negras, Oswaldo de Camargo ao refletir sobre a preferência dos escritores negros pela poesia, aponta que o romance “por seu porte e meandros, exige relativa ‘escravidão literária’, esforço grande e contínuo”.²⁴⁹ Considerando a quantidade diminuta de folhetins publicados, não apenas a oportunidade de se dedicar a escrita opera como um fator. Dos quatro romances folhetinescos retomados,²⁵⁰ em três foi possível identificar os autores, os quais colaboraram para outros periódicos. A produção dos folhetins, à vista disso, aparenta conectar-se a uma familiaridade com a produção de narrativas.

O período escravista constitui espaço constante dos acontecimentos e personagem nas publicações folhetinescas da imprensa negra paulista. Tanto “A Família Escrava”, romance veiculado nas páginas de *O Kosmos*, quanto “A Boa Severina, scenas do captiveiro,” publicado em *Getulino* percorrem as dificuldades, violências e relações tecidas durante o período escravista no Brasil. Publicados em momentos similares, entre os anos de 1923 e 1925, as narrativas apontam para uma retomada da escravidão como temática a ser discutida e difundida entre o meio negro.

Assinado por Pedro Ribeiro Vianna, autor de obras que atingiram significativa vendagem no final do século XIX e início do século XX, a exemplo do romance “Elzira, a morta virgem”, de 1883, “A Família Escrava” foi escrito no ano de 1884. Em matéria veiculada pela *Gazeta da Tarde*, em abril de 1884, o impresso apresentou que a obra seria oferecida como “propaganda á Sociedade Abolicionista Cearense, revertendo o producto de venda em favor dos escravizados”.²⁵¹ Uma vez que “tendo o Sr. Ribeiro Vianna visto de perto o que é a escravidão”, se esperava que a obra fosse “de grande effeito”, tendo em vista que o enredo foi inspirado no lugar onde brevemente acabava de ser criado “um tão *notabilissimo* quão conspicuo Club Escravocrata”.²⁵²

Em junho do mesmo ano, novamente a *Gazeta* divulgou em suas páginas que “o Sr. Pedro Ribeiro Vianna acaba de concluir o seu romance – *A familia escrava*, destinando o produto da sua venda à redenção dos captivos”.²⁵³ Neste cenário, ao recuperar o romance de Vianna, *O Kosmos* difundiu entre os seus pares uma obra que, mais do que capaz de refletir

²⁴⁹ CAMARGO, Oswaldo de. Apesar de tudo, a quase mudez... In: *O Negro Escrito*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987, p.74.

²⁵⁰ A consulta dos romances-folhetins se deu por meio das edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Assim, é possível que o periódico *O Homem: realidade constitucional ou dissolução social* tenha publicado outros folhetins em números que não constam nos arquivos online da Hemeroteca.

²⁵¹ *Gazeta da tarde*. Rio de Janeiro, num.94, 23 de abril de 1884, p.02.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ *Ibidem*, num.138, 16 de junho de 1884, p.01.

sobre as experiências dos negros escravizados no Brasil, colaborou para que homens de cor conseguissem suas alforrias.

Em seu terceiro número, o romance “A Família Escrava” apontava que “o homem, que fôra creado pelas proprias mãos do Creador, vendia seu proprio sangue, sua propria imagem, e semelhança, desconhecendo a igualdade entre um e outro, entre o vendedor e o vendido, que ambos haviam sahido do seio de um unico Deus”.²⁵⁴ Diante da escravidão “desconhecia-se os sentimentos da familia, despreza-se o carinho da mãi para com o filho, do esposo para com a esposa, expatriando-os, surdos a seus queixumes, cegos ás suas lagrimas”.²⁵⁵ Neste contexto, para o narrador,

a humanidade futura, quando revolver em seus archivos a historia mais celebre, a mais sublime, os feitos mais gloriosos dos dois seculos, dezoito e dezenove, que se ufanam seculos das luzes, há de por força encaral-a nodoada [...] e com direito legitimo taxará essa sociedade, que hoje chamamos civilizada, de **barbara!**²⁵⁶

Os trechos acima mencionados dispõem de parte das características que compõem esse folhetim. Além de se ater aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, a narrativa explora o sofrimento ocasionado a partir da retirada de sua terra natal e da travessia em navios negreiros rumo a um universo de vivências violentas e desconhecidas. A família, neste cenário, opera como as raízes nesse novo território e como esboço máximo do tormento de pais, filhos, maridos e esposas que no ato de serem separados de seus entes queridos, compreendem o desalento que os cercam.

Constituem, igualmente, elementos da narrativa a descrição física e moral dos personagens para que o público leitor possa visualizar as feições daqueles indivíduos que, uma vez por mês, teriam suas histórias contadas nas páginas de *O Kosmos*. Nesse sentido, no capítulo VII do folhetim, denominado “O dono dos cem captivos”, o narrador sublinha que “não se encontra analogia, nem ha interesse nas narrações em que se diz ou relata os factos sem se descrever suas personagens”. E ressalta “ha uma influencia dupla, que exerce sempre no espirito do leitor ; quando este póde, como que ver, diante de si o personagem, que exerce acção na narração, que lê”. Isto porquê “cada vez que compete ao personagem a acção, o leitor que já o

²⁵⁴ VIANNA, Pedro Ribeiro. A Família Escrava. *O Kosmos*. São Paulo, num.20, 20 de janeiro de 1924, p.04 (grifo do autor).

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ *Ibidem* (grifo do autor).

conhece e que se interessa ou para ver um desenlace feliz, ou porque deseja vel-o decidido e acabrunhado ; toma parte tambem na acção, embora mentalmente”.²⁵⁷

Primeira figura a ser descrita no romance, Capitão Caboclo era o responsável pelo comando do navio negreiro que trouxe as personagens principais ao solo brasileiro. Ao apresenta-lo aos leitores, o narrador escreve,

até aqui nada ainda se disse a respeito das qualidades physicas do capitão Caboclo, como tambem algumas moraes. Para avaliarmos seus character, e bom mesmo dizermos alguma cousa acerca de seu todo physico.

Um homem de estatura mediana, gordo, mas não chegando á obesidade ; de cor acaboclada e por esta razão lhe deram o nome de capitão Caboclo.

Olhos pequenos e scintillantes como as da ave de rapina, nariz pequeno e arrebicado, pouca barba e essa mesma falhada, limitando-se apenas com um pequeno bigode ainda preto e alguns fios de cabellos da mesma cor, formando um pequeno cavanhaque.

Testa oblonga e cabellos bastos e corredios.

Para um bom physionomista teria o typo da ganancia e da ardileza.²⁵⁸

As especificidades físicas da personagem traduziam sua (in)capacidade moral, de modo que a fisionomia do capitão indicava sua falta de escrúpulos ao retirar homens e mulheres de suas vidas em território africano e sua usura no momento de venda e transformação de indivíduos africanos de sujeito a objeto. Outra personagem apresentada pelo narrador, o comendador Silva, fazendeiro que compra alguns escravos do Capitão Caboclo, era

Homem pequeno, gordo e moreno ; de feições miúdas, olhos scintilantes, nariz d’aguia e labios escassos, de idade mais ou menos que prefazia uns 50 annos.

Ambicioso, de character sévero e áspero em tratamento para os subalternós; mesquinho nas acções, máu e educado na escola do mundo; apenas sabendo mal escrever o nome.²⁵⁹

Os atributos físicos e morais tanto do capitão, quanto do comendador, fornecem à narrativa elementos que permitem aos leitores visualizarem os sofrimentos pelos quais passavam os indivíduos escravizados. O senhor de escravos,

sem consciencia talvez, porque existia neste mundo, e nem sabia quer natural, quer philosophica, ou religiosamente, que teria um dia de prestar contas; entendia em sua alma denegrida e infame, de se apossar daqueles entes, que elle mais do que outro

²⁵⁷ *Ibidem*, num.30, 25 de janeiro de 1925, p.04

²⁵⁸ *Ibidem*, num.23, 20 de abril de 1924, p.04

²⁵⁹ *Ibidem. Op. cit*, p.04.

qualquer lhe fazia desgraçado; mandava para seu aposento de pouso aquella filha de suas escravas, que seu amor libidinoso lhe obrigava empregar todos os recursos, afim de possuil-as.

[...]

E a infeliz temendo talvez a morte barbara do **bacalhão** entregava-se a esse infame, que depois de a prostituir, e deixar em suas virginaes entranhas o fructo de um amor criminoso, a vendia a mór das vezes [...] desconhecendo o dever, a honra e a dignidade, como tambem a voz da natureza, que lhe bradaria sempre em coração : que era pae, e que seu sangue se perderia.

O bruto a nada se comovia! ...

O que queria elle?

Saciar sua sede de ambição.

Ter ouro, gozar matar e escravisar seu proprio sague e até seu filho.²⁶⁰

Figuras desonrosas e sórdidas, em “A Família Escrava”, os sujeitos envolvidos diretamente no tráfico, comercialização e subjugação dos escravizados personificavam as características delegadas pelo narrador ao sistema escravista. Averso as leis naturais e religiosas, a escravidão seria fruto da ganância dos homens e de suas incapacidades de verem os seus irmãos como iguais.

Descrever como tornar-se escravo significou um processo doloroso e violenta é, então, a questão fulcral do folhetim escrito por Pedro Ribeiro Vianna. Em vista disso, o eu-lírico, de maneira constante, convida o leitor a embarcar nas experiências vivenciadas por homens e mulheres africanos nos navios negreiros, no momento de comercialização, nos percursos interioranos até as fazendas e na sua conversão em escravizado, frisando que “lancemos nossas vistas para esse antro de vergonha, **para esse açougue** de carne humana, onde sem despedaçar a victima, vendia-se seu sangue, seu corpo, sua dignidade, sua honra, enfim!”²⁶¹

Para o romance, os escravos não representavam objetos, mas pessoas que possuíam histórias singulares, família, trabalho. Ao recuperar a trajetória das famílias Gallinha e Cassange, personagens centrais do folhetim, o narrador aponta que “desde Angola, onde essas inditasas creaturas foram seduzidas e conduzidas para bordo do **Restaurador**, primavam entre todas, duas familias bem distinctas, não só pelos laços da sociedade a que pertenciam em seu paiz, como pela beleza de suas pessoas e qualidades”.²⁶² Indicando que talvez algum leitor questionasse que entre a cor negra seria impossível existir uma família distinta, o eu-lírico ressalta que até entre os brutos animais essas qualidades podem ser encontradas, de modo que o homem, entre as obras perfeitas da criação divina, seria dotado de sublimes predicados.²⁶³

²⁶⁰ *Ibidem*, num.29, 21 de dezembro de 1924, p.04 (grifo do autor).

²⁶¹ *Ibidem*, num.24, 18 de maio de 1924, p.04 (grifo do autor).

²⁶² *Ibidem*, num.26, 20 de setembro de 1924, p.04 (grifo do autor).

²⁶³ *Ibidem*.

Neste cenário, enquanto a família Gallinha, composta por seis membros, era angolana e vivia do comércio de bens com chefes, isto é, da permuta com negociantes estrangeiros de preciosidades como o ouro, os Cassange eram uma família de oito membros, descendente de príncipes do Congo, que viviam nas proximidades de Angola, mantendo-se por meio da caça de animais, cujo pelo vendiam aos mascates.²⁶⁴ Pegos no laço ou ludibriados por promessas fantasiosas, a existência desses homens se findam, quando eles adentram ao navio, rumo ao desconhecido.

A convite do narrador, o leitor é levado a imaginar os porões das embarcações. “Tomai, caro leitor, uma de nossas mãos e descei connosco pela bocca da escotilha desse navio e nos acompanheis ao porão. E’ um antro escuro, cuja escada de cordas nos conduz, descendo muitos degraos, segura por dous grossos ganchos de ferro.” No interior do navio “nenhuma luz ou mesmo clarão quasi ahi se vê, excepto alguns dos vidros pequenos e arredondados, que conduzem a luz frouxa quase á flor das aguas do oceano”, “um cheiro nauseabundo ainda exhala, imitando a cantiga de certo animal de nossas brenhas.” É nesse abismo de hediondez que, logo mais, se verá encher de novo, pela sexta vez, de africanos ora algemados, ora soltos, mas enganados.²⁶⁵

O ambiente inóspito, escasso de luz e impregnado pela fome e por doenças, mesmo na condição de ser tomado como um cenário distante para os interlocutores do folhetim, é recuperado pois é signo daquilo que, para o narrador, é injustificável. Uma vez que,

Se, aquelle que já no berço, ao despontar o primeiro raio de luz da existencia, nasceu obscuro, escravo sente angustias, sentimentos intimos que se revolvem e ás vezes sublevam-se; quanto mais ao que nasceu e vio o sol da liberdade, que contemplou o horizonte, que accenava-lhe um futuro de felicidades perenes!

Não sentimos nós, os brancos, homens livres, essa sensação, quando ao amanhecer do dia vemos o sol despontar no horizonte, nos parecendo trazer hoje um dia feliz, do que houvera sido o de hontem, que nos trouxe só dores e angustias?...

Porque razão havemos de arrogar exclusivamente para nós, um direito natural, que Deus concedeu ao homem?!

Sim, ao homem só; e deverá se comprehender, que Deus, não collocou sobre a superficie da terra o – **homem escravo**.²⁶⁶

Na edição seguinte, a argumentação do narrador continua “a Adão o Creador não formou outro – **Adão** – para seu escravo” e, mesmo quando a ordem das coisas do universo, depois de séculos, promoveram tamanha transformação, nunca seria para “vendermos nosso sangue,

²⁶⁴ *Ibidem*, num.27, 19 de outubro de 1924, p.04.

²⁶⁵ *Ibidem*, num.21, 10 de fevereiro de 1924, p.04.

²⁶⁶ *Ibidem*, *Op. cit.*, p.04, (grifo do autor).

nossa imagem ou nosso proprio – **Eu.**”²⁶⁷ Tornar alguém escravo era, então, ferir o direito natural à igualdade e liberdade concedido por Deus a todos os homens. Transformar o seu irmão, segundo os preceitos divinos, ou sua própria carne em coisa, era vergonhoso e infame.

A publicação de “A Família Escrava” em um momento em que a imprensa negra paulista denunciava as obstruções sociais impelidas à gente de cor e, simultaneamente, buscava difundir entre a raça preceitos morais e sociais que possibilitarem ao grupo a superação dos preconceitos que sofriam permite ao público leitor compreender que os homens de cor eram, historicamente, dedicados ao trabalho. Desconstruindo a imagem dos negros enquanto ociosos e vadios, o romance caracteriza as famílias Gallinha e Cassange como distintas e trabalhadoras, qualidades as quais poderiam se estender aos descendentes africanos nascidos no Brasil.

Prole herdeira de, outrora, escravos africanos, os homens de cor não deveriam se envergonhar, porque “os africanos civilizaram campos, enriqueceram os o Brasil; cultivando os senhores, opulentaram a herança das famílias; criaram a riqueza, facilitaram a propagação da instrução, foram os obreiros reaes da prosperidade da nação”, “o negro fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento, economico, creador do paiz e quase o único”.²⁶⁸ cabendo a desonra antes ao netos dos senhores de escravos que, ao saberem o que seus avós no passado fizeram “terão horror, se não tiverem odio e se maldizerem de haverem nascido de homens tão crueis, quão deshumanos.”²⁶⁹

Conectado aos valores que permearam os periódicos de cor, ao tratar sobre como a escravidão foi responsável por separar famílias e o sofrimento inestimável causado por esse processo, o folhetim de Pedro Vianna lança luz a um dos elementos centrais para o reerguimento da classe de cor. A família, como sugere artigo, publicado em vinte de abril de 1924, no jornal *O Kosmos*, “resume o completo das virtudes, insctinctos que engrandecem o homem e lhe dão ao espirito esses maravilhosos attributos que a historia do Christianismo nos faz admirar”. Fruto do evangelho, a família permitiria a humanidade compreender o que há de mais sublime em suas mútuas relações, simbolizando “a suprema das venturas humanas o sacrario mysterioso onde se divinizam as grandes virtudes, que depois se apresentam á luz da publicidade, do commercio, do mundo, para serem admiradas”.²⁷⁰

As angústias pelas quais passaram pais, mães, irmãos e filhos escravizados e separados uns dos outros é resultante do laço afetivo e virtuoso forjado pela sacralidade da família. Em

²⁶⁷ *Ibidem*, num.28, 16 de novembro de 1924, (grifo do autor).

²⁶⁸ MORAES, Evaristo de. O papel do escravo na civilização brasileira. *Getulino*. Campinas, 12 de agosto de 1923, p.01.

²⁶⁹ *Ibidem*. *Op. cit.* p.04

²⁷⁰ BRANCO, Camillo Castello. O amor da familia. *O Kosmos*. São Paulo, num.23, 20 de abril de 1824, p.01.

contrapartida, a barbárie dos senhores de escravos é reforçada quando, cegos pela ganância, vendem seus filhos negros como escravizados, demonstrando sua falta de virtude, respeito à divina providência e desumanidade.

Algumas das concepções caras aos colaboradores da imprensa negra paulistana também são irradiados no folhetim “A Boa Severina”. Assinado pelo colaborador José de Nazareth, o nome aparenta ser um pseudônimo pertencente à Lacerda Werneck, como indica reportagem, de treze de outubro de 1923, no *Getulino*, em que se diz “Lacerda Werneck, o brilhante jornalista que vós todos conheceis através desse folhetim que vem sendo publicado nesta folha, é um batalhador vigoroso, de primorosíssimo talento”. Nascido no Rio de Janeiro, era filho legítimo do doutor L.P. de Lacerda Werneck, homem de raro valor, que foi jornalista e escritor, publicando várias obras. Colaborou em vários jornais cariocas e paulistanos, fundou o periódico *Sul Paulista* e escreveu para o *Diário de Campinas* e o *Commercio de Campinas*, sendo, por alguns anos, redator secretário do *Diário do Povo*.²⁷¹

Em *Getulino*, publicou em folhetim o “bello romance de costumes nascionaes, intitulado ‘**Scenas do captiveiro**’, romance esse escripto em puríssimo estylo e que é a demonstração mais perfeita do valor indiscutível de Lacerda Werneck”.²⁷² Sob pseudônimo José de Nazareth, o colaborador publicou, além do romance, dois contos e um artigo. Em publicação de setembro de 1924, o periódico de Campinas indicou que terminada a publicação de “A Boa Severina”, se iniciaria em breve a publicação de uma narrativa do mesmo escritor, denominada “O heroi Henrique Dias”. Essa história “despertará, estamos certos, o mesmo interesse dos das scenas do captiveiro”, porque “José de Nazareth como vemos, cultiva com carinho a lingua patria, que ele maneja com pureza”.²⁷³ Intento este que não se concretizou.

Publicado durante quarenta e oito edições do periódico *Getulino*, o folhetim “A Boa Severina” dedicou-se a narrar que “em 1850, isto é, quase meio século antes da abolição da escravidão, como em 1888, exercia-se, no Brasil, a mais cruel e ignominiosa prática de inominável barbaridade”.²⁷⁴ Procurando traduzir de maneira autêntica e verídica, como se impressos em uma chapa fotográfica, o eu-lírico destaca que a intenção da narrativa é que o leitor compreenda, em toda sua extensão, o que foi o cativo no Brasil.²⁷⁵

²⁷¹ MACHADO, José G. Lacerda Werneck. *Getulino*. Campinas, num.12, 13 de outubro de 1923, p.02

²⁷² *Ibidem*.

²⁷³ O nosso folhetim. *Getulino*. Campinas, num.54, 28 de setembro de 1924, p.03.

²⁷⁴ REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p.169.

²⁷⁵ *Ibidem*.

Romance situado, principalmente, na fazenda São Solano, “propriedade de católicos práticos, como bem o atestava a capela ereta no centro do pátio, sob a invocação de São Solano”, cerca de quatrocentas pessoas formavam a escravatura do local. Construída em tempos coloniais, a casa da fazenda era um “longo e largo sobrado, com as suas altas paredes ornadas de sacadas”, enquanto as senzalas “se estendiam nos flancos em prolongamento da residência senhorial”. Seu proprietário, o coronel João Manuel Solano, era descrito como “moço fidalgo da Casa Imperial e comendador da Ordem da Rosa, só não tendo conseguido o brasão de armas do baronato, por haver incorrido na antipatia do monarca, devido a haver assassinado uma escrava, por motivos dignificantes para ela e infamantes para ele”. Formavam sua família dona Margarida, sua esposa, “de temperamento mau, de instintos sanguinários, de espírito perverso” e meia dúzia de filhos, “herdeiros dos ‘atributos’ paternos e da maldade materna”.²⁷⁶

A crueldade de João Manuel e dona Margarida vivificam as violências sofridas pelos escravos. Cotidianamente, deveriam os escravizados, ao cair da noite, prestarem conta do seu trabalho, com que ganhavam “o misero pão « com o suor do seu rosto », conforme o preceito bíblico, mas ao qual fugiam os senhores de escravos, que ganhavam, com o suor daquelles, o seu farto alimento”.²⁷⁷ Na ocasião do aniversário de Solano, também acontecia a colheita de café na fazenda, sendo determinado na véspera a quantia estabelecida de seis alqueires para as mulheres e de dez para os homens. Quando se ultrapassava a “tamina”, nada ganhavam os escravizados, mas os que não a atingissem receberiam o pronto castigo. Assim ocorreu com Maria Cassange que, ao entregar quantidade menor do que o previsto, recebeu chibatadas. Lamentosa, a escrava implorava por misericórdia, dizendo “‘sinhô’. me perdoe ! Meu filho passou mal durante o dia e eu tive de parar um pouco para lhe dar de mamar”. A súplica de Maria, o coronel respondeu solicitando ao feitor que empregasse mais força nas “relhadas”.²⁷⁸

A mesma “sorte” de Maria, encontrou Severina. Personagem central na narrativa, apresentada como “descendente dum casal de negros da raça Mina”, era uma bela rapariga, então com vinte anos, servindo desde a idade de quatorze anos como mucama. Humilde e generosa, “éra muito bemquista por todas as companheiras”.²⁷⁹ Violentada por dona Margarida com uma colher de pau, a mucama ficou com “grande brecha na cabeça, e de onde jorrava sangue”.²⁸⁰ O símbolo máximo, não obstante, da crueldade dos senhores da fazenda, se materializa em Marciano.

²⁷⁶ *Ibidem*, p.170 (grifo do autor).

²⁷⁷ NAZARETH, José de. *Getulino*. Campinas, num.03, 12 de agosto de 1923, p.02.

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ *Ibidem*. Campinas, num.06, 02 de setembro de 1923, p.02.

²⁸⁰ *Ibidem*. Campinas, num.05, 26 de agosto de 1923, p.02.

“Escravo quasi branco, daquelles que vinham das provincias do extremo norte, muitas vezes nascidos livres mas vendidos pelos progenitores”, sublevou-se e desrespeitou o seu capataz e feitor, que “ao levantar o rêlho para o castigar, foi por elle aggreddido e vencido”.²⁸¹ Posto no tronco, Marciano passou o resto do dia e noite privado de alimento e água. No dia seguinte, pela manhã, vencido pela fome, a sede e o martírio, amarrado a escada e desprovido de qualquer vestimenta, começou o seu corpo “desde as costas até as nadegas, a verter copioso sangue, emanado das feridas feitas pelos chicotes. Aos gritos desesperados da victima de tamanha, mas commum barbaridade, as pombas despovoaram o pateo”.²⁸²

A punição que sofrera Marciano se, por um lado, satisfazia a sede de sangue da qual gozava o coronel Solano, por outro, sensibilizou ao padre Marcondes que, acompanhado o escravo na hora da morte, diante de suas últimas palavras, decidiu se tornar, na surdina, abolicionista. É a experiência do padre Marcondes com Marciano que permita que a narrativa se desenvolva. O sentimento de comiseração provocado no sacerdote, faz com que, ele ajude o escravo Laurindo a conseguir sua liberdade.

Laurindo, “nascido em Benguela, fôra roubado dos carinhos maternas bem criança, tendo vindo para o Rio de Janeiro, de onde fôra vendido para a capital mineira. Após longo penar, sua odysseá terminou com a chegada á fazenda «S. Solano»”. Escravo muito prático com os serviços de mineração, desempenhava na fazenda a função de alfaiate da escravatura. Certo dia, o escravo achou um anel pertencente à dona Margarida. Conhecendo o valor do achado, Laurindo sabia que “sua inestimavel liberdade residia naquelle objecto, que, Deus, lhe fizera encontrar”.²⁸³

Próximo a quaresma, na época da “desobriga”, devendo todos se confessarem ao padre, Margarida contou-lhe do ocorrido do anel e pediu a ele que quebrasse o sacramento da confissão, denunciando, quando soubesse, quem o roubou, a título de ser recompensado. Laurindo, ao confessar os seus pecados, contou ao padre sobre a joia. Prometendo ao sacerdote que restituiria aos seus donos, o escravo solicitou para que o representante da ordem divina o ajudasse, vendendo a pedra do anel e conservando o aro, para que com o valor recebido, pudesse se alforriar. Submetido a uma autorreflexão, padre Marcondes concluiu que o anel era um achado e Laurindo um ente roubado na sua terra natal, cuja liberdade estava a clamar a voz de

²⁸¹ *Ibidem*. Campinas, num.11, 07 de outubro de 1923, p.02.

²⁸² *Ibidem*. Campinas, num.12, 13 de outubro de 1923, p.02.

²⁸³ *Ibidem*, num.17, 18 de novembro de 1923, p.02.

Deus e, por isso, prontamente, partiu ao Rio de Janeiro, onde vendeu a preciosa pedra, conseguindo quantia suficiente para libertar o escravo.²⁸⁴

Tornando-se forro, Laurindo mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez considerável fortuna no ofício de alfaiate. Trabalhador, econômico e sem vícios, em alguns anos o liberto conseguiu juntar as quantias necessárias para cumprir suas promessas. Restituiu ao aro do anel pedra similar à que lhe concedera liberdade e voltaria para São Solano, para devolvê-lo aos seus ex-senhores e, também, comprar a alforria de Severina, por quem era ternamente apaixonado e igualmente correspondido. O retorno à fazenda acontece regado por novidades. A família do coronel Solano caíra em desgraça, morrendo o senhor viciado em cachaça, distante de Deus e na miséria. Dona Margarida, por sua vez, restituída pelo sofrimento e abandonada pelos filhos, era, agora, uma mulher de bom coração.

Ao libertar e contrair matrimônio com Severina, Laurindo também restitui a sua ex-senhora o seu anel, sem, no entanto, confessar a ela que à joia, ele devia sua liberdade. Convidando Margarida a juntar-se a eles no Rio de Janeiro, o ex-escravo se sente grato e responsável pelos cuidados na velhice de sua, outrora, dona. À Severina, não obstante, Laurindo revela as circunstâncias de sua libertação apenas após o matrimônio. Inicialmente confusa quanto a quem pertencia a graça de sua liberdade, aos poucos, a ex-escrava se convence de que sua alforria é fruto de um roubo, não podendo dela gozar. Tamanha agonia faz com que, ao findar da narrativa Severina decida trocar sua liberdade indigna pela escravidão que lhe era própria. Fugida de casa sem nada avisar e vendendo-se a um senhor de escravos, Severina finda a história falecendo em uma fazenda. Apenas na morte usufruindo da “quietude reservada aos que foram bons na peregrinação errante”.²⁸⁵ Laurindo, por sua vez, diante do desespero provocado pelo desconhecimento do caminho tomado por sua amada, passa até o último de seus dias a procura-la, sem sucesso, sucumbido a morte também.

A narrativa de José de Nazareth integra-se aos esforços jornalísticos e literários da imprensa negra em criar narrativas em que homens e mulheres de cor são vistos como pessoas virtuosas. Ao apresentar Laurindo como um homem trabalhador e sem vícios, honesto e comprometido com sua palavra de quitar aquilo que devia, o folhetim dialoga com os princípios morais valorizados pelos impressos de cor, como uma via à elevação social da raça. Severina, igualmente, descrita como uma figura bondosa, pura, generosa e casta sinaliza para um ideal de mulher negra. Em uma sociedade que estabelece o negro como fisicamente, intelectualmente e

²⁸⁴ *Ibidem*, num.19, 02 de dezembro de 1923, p.02.

²⁸⁵ *Ibidem*, num.54, 28 de setembro de 1924, p.02.

moralmente inferior aos brancos, a defesa de comportamentos que não reforcem esses argumentos, aproxima os indivíduos negros de serem “quase perfeitos”, como são vistas as pessoas brancas.²⁸⁶

A religiosidade se, em “A Família Escrava”, é um dos aspectos que deslegitima a escravidão porque Deus criou os homens como seu semelhante, sendo todos iguais e irmãos, em “A Boa Severina” é um elemento que percorre toda a narrativa, auxiliando aqueles que são tementes a Deus e demonstrando as agruras destinadas aqueles que se afastam do amor de Cristo. É por acreditar na divina providência que Laurindo consegue sua liberdade e por refletir sobre o que pregou Cristo, que o padre o ajuda. Inversamente, ao entregar-se ao álcool, o coronel Solano, distancia-se dos dogmas religiosos, chegando a questioná-los, morrendo, por fim, na miséria e sob delírio. Severina, por sua vez, se sentindo culpada por ter sido liberta por um ato que julgava criminoso, ao regressar a sua vida como escrava teve uma visão consoladora, aparecendo-lhe dona Margarida, que disse ter o sacrifício de Severina agradado a Deus e que ela, em breve, teria a recompensa dos que cumprem seu dever.²⁸⁷ A vida religiosa, a prática da fé, da caridade, tanto no folhetim, como nos jornais da imprensa negra paulista é uma forma de reconhecimento de Deus enquanto intercessor entre os homens.

As relações tecidas entre os homens de cor e os estrangeiros, ressaltada nos periódicos como conflituosa, no folhetim de Nazareth é recuperada. Compreendendo as personagens estrangeiras como ardilosas, no romance aparecem dois espanhóis e dois portugueses, que se valem de falcatruas para tentarem obter êxito em vida. O mais evidente desses, é o espanhol d. Aguirra que engana quilombolas residentes próximos à fazenda São Solano, vendendo-os a um senhor de escravos chamado sr. Pinto. Nascido em Valladolid e batizado em Malaga, Braz Aguirra, com quatorze anos matou um rapaz de dose, aos vinte e três estrangulou uma moça e, por último, para roubar, assassinou um senhor de 80 anos. Pelo último crime foi condenado a morte, razão pela qual fugiu para o Brasil.²⁸⁸ O fim de Aguirra, em um navio de volta à Espanha, se deu com o naufrágio da embarcação, ao que o eu-lírico descreveu como “castigo merecido”.²⁸⁹

O afincamento de José de Nazareth para tornar o seu romance verossímil se fundamentam não apenas em suas descrições sobre os ambientes, as localidades e experiências dos escravizados,

²⁸⁶ REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p.111.

²⁸⁷ *Ibidem*. *Op. cit*, num.44, 15 de junho de 1924, p.02.

²⁸⁸ *Ibidem*, num.17, 18 de novembro de 1923, p.02.

²⁸⁹ *Ibidem*.

mas na menção a legislação que amparou o sistema escravista e em reportagens de jornais cariocas da década de 1820. Além de mencionar questões como o tráfico interno após a lei Eusébio de Queirós²⁹⁰, as formas como a Lei do Ventre Livre não foi cumprida e como a religião católica não reconhecia a alma do escravo²⁹¹, o autor se dedica a incluir na narrativa eventos como o mencionado pelo *Diário Fluminense*, em 16 de fevereiro de 1826. A reportagem continha notícia detalhada do “sacrifício deshumano, barbaro, inqualificavel, da vida de trinta e seis vidas, nascidas do sopro do Creador!”²⁹² Dando as leis civis e os cânones o direito aos senhores de matarem escravos, trinta e seis africanos cegados durante a viagem marítima para o Rio de Janeiro foram, um a um, estrangulados à margem da Baía de Guanabara.²⁹³

A comparação entre Brasil e Estados Unidos é outro mecanismo utilizado pelo colaborador para caracterizar a instituição escravista e traçar especificidades brasileiras. Neste sentido, no folhetim de número doze, o narrador apresenta que “não éra um mal que affectasse só a alma brasileira, o nefando commercio do proprio filho, pois a terrivel pratica era peculiar á instituição negra, que maculou a vida de todas as nações americanas, onde exercendo-se o trafico dos africanos”. Em visita aos Estados Unidos da América, Buckingham, em sua narrativa, “revelou cousas exactamente iguaes ás que se observavam no Brasil, quanto á venda dos filhos pelos senhores e quanto a ‘industria’ da procreação dos escravos”. Ainda mais, algo que não observava no Brasil, “compravam-se escravos ainda no ventre materno”. Não seria, portanto, “privativo do character dos nossos patricios a pratica vergonhosa de actos de tão inaudita perversidade humana ; o vicio era ihenrente á instituição” e “as leis canonicas colocavam o escravo em terreno inferior ao do homem livre, embora ambos fossem creados por Deus á sua imagem e semilhança!”²⁹⁴

Expediente verificável em alguns números dos periódicos publicados pela imprensa negra, a recuperação das relações escravistas pelo Atlântico e, especialmente, a forma como no pós-abolição os homens de cor eram tratados no Brasil e nos Estados Unidos, é retomada no romance “A Boa Severina” a partir da perspectiva daquilo que igualava e caracteriza o sistema escravista nas Américas. Demonstrando a mácula que perpassava a instituição da escravidão, a desumanidade de vender o próprio sangue traduzia-se como um símbolo do período escravagista. Resgatar esses processos, intercalando-os com a narração, tinha como objetivo,

²⁹⁰ *Ibidem*, num.13, 21 de outubro de 1923, p.02.

²⁹¹ *Ibidem*, num.25, 13 de janeiro de 1924, p.02.

²⁹² *Ibidem*, num.22, 23 de dezembro de 1923, p.02.

²⁹³ *Ibidem*.

²⁹⁴ *Ibidem*, num.13, 21 de outubro de 1923, p.02.

provar ao leitor que não nos entregamos á fantasia, e sim só narramos o que é authenticico. Esses factos, buscados em documentos officiaes de tal cunho, bastam para, de vez, convencer o leitor do quanto de sinceros somos na execução da tarefa a que nos impusemos de dizer o que de barbaro, de aviltante, de degradante envolveu o negro manto que agasalhou a maldita instituição.²⁹⁵

Ao veicularem em suas páginas folhetins voltados à temática da escravidão, que construíram personagens negras como honradas, trabalhadoras e honestas, os jornais da imprensa negra paulista reforçaram, por meio da escrita literária, os princípios morais que buscavam difundir e consolidar entre os homens e a mulheres de cor. Sendo o romance-folhetim reconhecido por sua capacidade de formar leitores e de convidar tantos outros a se deleitarem com suas personagens, inseri-los na imprensa negra possibilitou que o público desses periódicos desfrutassem de obras que tecessem sobre a vivência de pessoas negras como protagonistas benevolentes, que em nada eram inferiores aos tipos brancos e estrangeiros.

3.2 – Mulheres, negras, literatas

Ao se nomearem como jornais de cunho literário, em defesa dos negros no Brasil, os jornais da imprensa negra delinearão para si um programa voltado à instrução da classe, apresentando seus problemas e possibilitando vias para sua solução. A literatura, nesse espaço, atuou como agente educacional, à medida em que os textos veiculados nos impressos resgatavam o passado escravista da sociedade brasileira, as contribuições ou exclusões vivenciadas pelos negros e celebravam os intelectuais do passado e presente. Outrossim, o conhecimento das produções literárias, bem como da técnica de produzi-las permitia aos negros reforçarem aos brancos e imigrantes sua capacidade intelectual.

Para as mulheres negras, não obstante, a produção literária na imprensa negra assumiu sentidos plurais. Entre sonetos e contos, os percursos por elas empreendidos, neste contexto, podem ser apreendidos, em um primeiro momento ao apreço que elas nutriram pela atuação dos jornais, como demonstra a prosa de Evangelina Xavier de Carvalho, em *O Clarim*.

Publicado no primeiro número do ano de 1927, “Anno Velho e Novo!”, ao se despedir do último ano, que levava consigo dores e alegrias, risos e prantos, tristezas e esperanças, Carvalho também saudava o ano que estava por vir, pedindo-o

²⁹⁵ *Ibidem*, num.14, 28 de outubro de 1923, p.02.

Vêm, ó creança! Eu te saúdo e te peço, auxilia os pobres e os desamparados, dá pão a quem tem fome, consolo a quem soffre. Protege os velhos e as creanças, os pobres e os ricos.

Sê bom para todos...

E vós, ó leitoras do Clarim d'Alvorada ó amigas gentis, ó irmãs no sentir, juntae a vossa voz á minha e digamos:

« Sê propia, ó Anno Novo, a quem fundou esse querido jornal que espalha por todos os lados bellas paginas cheias de conselhos e instruções; fazei que Elle resoe por todo nosso querido Brasil que encerre em si o triumpho da raça preta o amor santo da Patria e de Deus.²⁹⁶

As palavras de Evangelina, direcionadas às leitoras, elucidaram seu reconhecimento dos serviços prestados pelo periódico à classe, na mesma medida em que expressaram seus anseios de que o jornal atingisse um contingente maior de leitores, triunfando enfim quando conscientizasse seus patrícios do amor por Deus e pela pátria. Desejosa, assim, de que a atuação do jornal promovesse a ascensão social de seu grupo, o apoio feminino como leitoras, colaboradoras e divulgadoras dos periódicos consolidaria seu objetivo de instruir a classe.

A instrução, apresentou-se nas produções literárias das escritoras negras, assumindo perspectivas voltadas para o caráter institucional educacional, que estava em diálogo com a educação proporcionada pelo ambiente escolar e o caráter moral, vinculado ao sentimento religioso. Em “Dé tá benço me fi”, conto assinado por Maria Amália Leal, publicado na seção “página feminina”, do *Clarim*, a presença do valor atribuído a educação é evidenciada,

DEUS TE ABENÇOE MEU FILHO

Dizia tio André, quando os meninos d'elle se aproximavam. Negro velho, que tambem fora trazido do contente africano, para servir como machina productora, para senhorios sem consciencia. Recordo-me ainda, de uma palestra que mantive com tio André, durante as poucas horas de estadia, na minha passagem por S. Salvador. São passados dois lustros, porém, lembro-me perfeitamente da sua composição herculea, muito embora, tivesse ele idade avançada. Muito estimado era tio André, devido andar constantemente alegre, na faina diaria que, consistia em vender agua da fonte, em barris pequenos, preso no lombo de um animal. [...] tinha mulher e trez filhos, sendo que, os dois mais velhos eram estudantes, o terceiro ainda menor fazia companhia a tia Thereza, companheira de infortunio de tio André. Tia Thereza tambem trabalhava; vendia o achaz, acaçá, pipóca com pedacinhos de coco, cocada preta o doce de tamarim [...]. Na minha rapida estadia consegui conhecer um dos filhos de tio André, o mais velho chamava-se N. Nesta hora já deve estar formado em medicina: dessa pequena palestra, guardo uma doce recordação. Moço de fina cultura, filho de paes africanos, apesar de viveram na maior pobreza, e nas trevas da ignoracia; quizeram dotar os filhos de uma sabia instrucção.²⁹⁷

Criando um jogo de palavras no título que buscava aludir ao modo de falar dos escravizados, a narrativa de Maria Amália apresenta como personagem central um homem

²⁹⁶ CARVALHO, Evangelina Xavier de. Anno Velho e Novo!. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.28, 15 de janeiro de 1927, p.01

²⁹⁷ LEAL, Maria Amália. Dé tá benço me fi. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.05, 03 de junho de 1928, p.03.

negro africano trazido para o Brasil como escravo. Em um cenário de preconceitos direcionados aos africanos e aos seus descendentes, tornando-os estrangeiros no solo brasileiro, ao enfatizar que tio André mesmo em idade avançada continuava a trabalhar, assim como sua esposa, tia Thereza, o texto sinalizava o esforço empenhado pelos negros através da labuta em favor da construção do país, desmistificando a adjetivação de ociosos e vagabundos a eles atribuída. A instrução, por sua vez, apresenta-se como central para esses pais que, mesmo pobres e sem conhecimento, concebiam a educação como forma primordial de ascensão de seus filhos. Seus trabalhos eram também modos de garantir que sua prole herdasse futuros melhores do que aqueles que a eles foram possível ter.

A presença do sentimento religioso, assim como a evocação a Deus e a prática religiosa foram temáticas frequentes na imprensa negra. O catolicismo, em especial, exercia uma função de redenção espiritual e moral para esses indivíduos, que, diante do Pai, eram vistos sem distinção em razão de sua cor. Maria de Lourdes Souza, na edição de número quatro do *Clarim*, reivindicou em sua escrita essa percepção. Assinalando o conto “A tarde” a colaboradora expressava

Como é bello admirar num jardim solitario o cair da tarde.
Desce lentamente o crepusculo, que cobre com seu manto as verdes campinas,
escurecendo as folhagens das copadas mangueiras e frondosas paineiras, que tanto
nos deleitam com sua caridosa sombra nas horas de maior calor.
As mimosas flores erguem-se do seio da terra, quaes pequenos symbolos rodeados de
verde ramagem e dispensam o auxilio das arvores que as abrigam do sól.
[...] Meigas crianças brincam risonhas, de almas puras, semelhantes ao lyrio já pouco
desabrochado.
Suas mães, porem, interrompem esta alegria, chamando-as para o lar.
Parte o destemido campeiro á busca do gado que, no longe, pasta; sobe morros, salta
precipios, a procural-os, e os traz ao estabulo, onde pernoitam, para no dia seguinte
começar a lida.
Reina o silencio. Desce finalmente a noite. Os fieis são chamados á oração.
A alma que contempla este quadro, comovida sente em tudo a magestade de Deus
que, infelizmente, é por tatos desprezado!²⁹⁸

A textualidade de caráter bucólico de Souza, atentava ao leitor para como Deus emanava de toda a sua criação. A apreciação da natureza e das pequenas passagens do dia permitiam o seu reconhecimento, para aqueles que não o desprezassem. Em um contexto de respeitabilidade social, considerando o impacto do catolicismo na formação sociocultural brasileira, possuir uma vida religiosa, bem como professar a crença cristã, eram formas de demonstrar o respeito aos dogmas e a boa conduta enquanto indivíduo.

A prática cristã reaparece como temática no jornal *Auriverde*. Publicado nas edições de número três e cinco, no ano de 1928, o soneto “Eucharistia”, assinado por Maria Conceição,

²⁹⁸ SOUZA, Maria de Lourdes. A tarde. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.04, 06 de abril de 1924, p.03.

discorre a respeito de um sagrado rito da Igreja Católica que remete ao corpo, alma e divindade de Cristo e ao seu amparo espiritual, assim,

Fascina tanto a imaculada festa
Da comunhão primeira da consciencia:
Que o poder do Senhor se manifesta,
Dentro d'alma que fulge na inocência.

Com a graça de Deus, cedo, se apresta
A subir ás regiões da etherea essencia,
Em cujo meio paira a ideia lesta,
Sem mancha nenhuma ou vã demência.

Quando os lábios, a Sacra Eucharistia
Se nos toca, roçando á nossa lingua
Requeimada, e, de orvalho quasi á mingua

Um dulcido pulsar, febril, sentimos;
E, dos anjos descendo nestes limos,
Harpas tinindo insonte melodia.²⁹⁹

Gênero privilegiado pelos periódicos da imprensa negra, por exigir do autor conhecimento de sua estrutura, o soneto escrito por Conceição se vincula à pratica da comunhão, de modo que o desfecho é a sensação do encontro com o celestial, a partir da purificação do corpo pecador com a aceitação do corpo simbólico divino.

A religiosidade, bem como o sentimento cristão também fazem parte da escrita de Julieta Teixeira, que através da poesia, do cuidado com a construção das quadras e dos elementos oníricos e metafísicos, se aproxima da literariedade de Cruz e Souza, poeta do simbolismo³⁰⁰ e alude ao poema homônimo de Castro Alves.

A cruz da estrada

O cruz da estrada, espelho do tormento
Porque tú gemes, quando morre o dia?...
Eu ouço sempre a tarde o teu lamento,
Que vem acabrunhar minha alegria...

Sempre que eu passo pensativa e só,
Vejo-te ao longe ó minha pobre cruz!...
Abandonada, coberta de pó,
Modesto leito em que expirou Jesús.

E assim modesta, carpindo a saudade
Sempre chorando á beira do caminho

²⁹⁹ CONCEIÇÃO, Maria. Eucharistia. *Auriverde*. São Paulo, num.05, 29 de abril de 1928, p.01

³⁰⁰ REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p.144.

E's mãe da dôr, exemplo da verdade,
Orphã do amor... do gozo e do carinho.

O' cruz da estrada... espectro da ilusão
Sempre guardando um silencio profundo
Eu vejo nos teus braços a expiação,
Onde reflete as miserais do mundo!...³⁰¹

A literatura, assim como a produção jornalística desenvolvida pelas colaboradoras, manteve contato as propostas levantadas pelos periódicos. Quando equiparadas as publicações de artigos e cartas com as produções literárias, no entanto, existiu uma concentração desse primeiro eixo narrativo nos jornais *Getulino* e *Clarim da Alvorada*. Compreendidos como os dois periódicos mais “combativos” da década de 1920, eles congregaram diversos intelectuais negros em suas páginas em prol da construção de discursos e debates pelo “reerguimento racial”, propiciando o início do movimento negro consolidado no Brasil. A veiculação das produções literárias femininas negra, no entanto, estiveram difundidas em uma quantidade mais ampla de jornais.

Tendo em vista que a literatura agiu como mecanismo de instrução, sendo uma das formas encontradas pelos redatores e colaboradores dos periódicos negros para acessar e educar a classe, a ampliação, aprofundamento e complexificação das pautas levantadas no *Clarim* e no *Getulino* são resultantes dos processos estabelecidos pelos periódicos negros que os antecederam e que fizeram da escrita literária uma forma de reivindicação e reflexão. A produção literária feminina, presente desde os primeiros números dos periódicos negros do século XX, neste sentido, demonstra a atuação dessas mulheres em favor da integração da sua classe e aponta para a possibilidade de compreendê-las enquanto figuras intelectuais que teceram estratégias que fossem capazes de viabilizar o progresso da população negra.

No processo de construção de uma respeitabilidade negra, o reconhecimento da escrita feminina como valorosa para os periódicos foi elucidado pelo elogio e convite dos redatores dos jornais. Como sinaliza o primeiro número de *O Menelik*, em sua seção “Ideias para fuzadas”, ao cumprimentar “as senhoritas Izaurinha e Brasília, distintas e inteligentes normalistas”, aguardando “ser correspondido com a colaboração de cada uma” e dialogar com as senhoritas Paulina da Rocha e Angelina Pinto, expressando “estou de mal, de mal e de mal, com ambas porque esqueceram de mandar colaborações prometidas; porém essas pazes serão feitas quando eu receber as promessas”.³⁰²

³⁰¹ TEIXEIRA, Julieta. A cruz da estrada. *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 07 de dezembro de 1924, p.01.

³⁰² DUQUE. Ideias para fuzadas. *O Menelik*. São Paulo, num.01, 17 de outubro de 1915, p.03.

O *Clarim da Alvorada* também foi elogioso as suas colaboradoras, a exemplo da publicação dedicada à Maria de Lourdes Souza, em que destacou “temos o imenso prazer de apresentar aos nosso queridos leitores os trabalhos que figuram na 1.a e 2.a pagina – visto serem de uma senhorinha que se apresenta hoje a publico com suas collaborações”. De acordo com o periódico, sendo “dotada de optimos preparativos desde já aproveitamos o ensejo para agradecer a distincta senhorinha Maria Lourdes Souza pelo seu futuro que será mais uma gloria ás gerações futuras. Esperamos que outras procurem emital-a”.³⁰³ O *Patrocínio*, igualmente, ao dialogar com a colaboradora Josephina, expressou “os teus versos serão publicados no proximo número. Vê si até lá és capaz de induzir as tuas amiguinhas a nos enviar qualquer collaboração com as quaes possamos deleitar os nossos guachos”.³⁰⁴

As adjetivações destinadas as suas patricias como “distintas”, “inteligentes”, bem como o agradecimento por suas colaborações, permitia aos impressos negros delinear as suas colaboradoras como mulheres exemplares, signo daquilo que eles almejavam construir para o futuro da classe e para o progresso do país. A análise das produções literárias das mulheres negras, não obstante, sinalizam para um cenário que vai além de uma ação de representar a figura de uma nova mulher negra.

Se a atuação jornalística das mulheres em um momento de contestação da existência desses impressos foram centrais para a compreensão de que a classe deveria estar unida e que a ascensão social das pessoas negras não pertencia apenas aos homens, sendo tão importante quanto a participação feminina, ao tecerem narrativas literárias, as intelectuais negras afirmaram e, simultaneamente, expandiram essa perspectiva. Uma vez que, apesar de situarem alguns de seus debates em torno da instrução, da moral e da ascensão da classe, a pauta central das produções literárias das mulheres negras esteve direcionada para o campo da afetividade, do amor e da solidão.

Temática recorrente nas produções culturais, o amor e a ausência dele ganham novos contornos e sentidos a depender dos agentes sociais que o mobilizam em suas variadas expressões artísticas. No Ocidente, sua principal manifestação dá-se em diálogo com o amor imaginado pelos trovadores europeus, que compreenderam o amar como sinônimo de sofrer e o amor como impossível, propiciando a construção de um amor romântico, no século XIX, que idealizava o outro pela ótica do par perfeito e de um amor que pudesse durar por toda a vida.³⁰⁵

³⁰³ MARIA DE LOURDES SOUZA. *Clarim da Alvorada*. . São Paulo, num.02, 03 de fevereiro de 1924, p.02.

³⁰⁴ CAIXA POSTAL. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.42, 07 de julho de 1929, p.01.

³⁰⁵ SILVA, Fernanda Felisberto da. *Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale*

Ao reivindicar o amor como objeto, alguns elementos, como indica a filósofa Maria de Lourdes Borges, ganham evidência, de modo que questionar “como podemos explicar o amor?” e “por que continuamos a alimentar esses sentimentos quando já sabemos que a promessa de prazer trará apenas a certeza da dor?”, permitem a construção de uma reflexão sobre os significados a ele atribuído.³⁰⁶ Neste viés, em vista da pluralidade de significados que o amor pode assumir para distintos indivíduos, duas proposições são valorosas para a compreensão da afetividade a partir da ótica das mulheres negras, o amor/*eros* e o amar enquanto ação.

O amor/*eros*, como estabelece Maria Borges, é tematizado na obra *Banquete*, de Platão e permeia o amor romântico. Caracterizado pelo desejo, não necessariamente carnal, ele indica a vontade de se reunir à sua metade perdida e se fundir a ela. Neste contexto, o amor/*eros* vincula-se à carência, sofrimento e obsessão da busca daquilo que o completa, sendo o sofrimento, portanto, parte essencial do amor romântico.³⁰⁷ O amor enquanto ação, por sua vez, define-se pela vontade de se expandir para possibilitar o nosso crescimento e o do outro, de modo que, amar é, simultaneamente, uma intenção e uma ação.³⁰⁸

À vista disso, a retomada das produções literárias femininas na imprensa negra paulista possibilitam entrever que o amor, para essas mulheres, esteve vinculado a solidão, abandono e sofrimento, a exemplo do conto “O amor”, de Dirce, em que a colaboradora enunciou:

Sahi á procura do amor.
Percorri uma estrada longa; era muito moça, possuía ainda o coração cheio de illusões;
porem, não sabia que estava percorrendo uma estrada deserta sem uma esperança sem
um affecto.
Nesse trajecto que fiz, todos me fallavam, todos me ouviam.
Sim, seria uma ingenuidade procurar o amor?
Pensei.
Logo na primeira curva da estrada, encontrei uma velhinha.
— Minha velha lhe disse: sabe onde se encontra o amor?
E a velha olhando fixamente para mim, com um olhar cheio de tristeza:
— O amor, não existe, filha. Volve ao ponto de onde partiste; és moça e poderás
voltar. Eu fui como tú; sahi a procura do amor tambem; agora, não posso regressar...
Segui cantando e no intimo lastimei o encontro da velhinha.
Do ado de um córte, aberto na larga estrada, vinha descendo um joven.
Como era lindo!
Sabe onde se encontra o amor, formoso joven! perguntei-lhe.
— O amor! o amor! fuja delle...
E entre lagrimas desapareceu.
Dirigi o olhar para o céu esquivo e longiquo.
Ao abaixar a vista sobre a terra vermelha, chegou ao pé de mim um missionario.

Hurston. 2011. 154 f. *Tese* (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling.) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

³⁰⁶ BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

³⁰⁷ *Ibidem*.

³⁰⁸ HOOKS, Bell. Vivendo de amor. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, v. 2, 2010, p.188.

Beijei-lhe a mão, afogou-me o rosto coberto de pó e sorriu bondosamente.
— Padre! Disse-lhe: - sabe onde encontrarei o amor?
— O amor, filha, está no seio da matta virgem que estremece ao beijo do Creador; nos
ninhos e nas corollas das flores...
E dizendo isso partiu; fazendo um leve ruído com as sandalias, sobre a argila
endurecida.³⁰⁹

A estrada em busca do amor percorrida pelo eu-lírico demonstra um caminho trilhado rumo à solidão. O amor, na concepção dos seus interlocutores ou se construiu como um sentimento inexistente, fruto de uma ingênua e jovem esperança ou se transformou em um algoz, capaz de proporcionar à humanidade o sofrimento. O caminho possível, todavia, mencionado pelo padre, estaria na mata virgem e para lá, como uma prece, aquele que estava à procura do amor se dirigiu, descrevendo:

Só em recolhimento, repeti tal como se dissesse uma prece: - na matta virgem, nos
ninhos e nas corollas das flores...
Porém a matta cerrou se em uma grande muralha de espinhos, ciosa do seu mistério;
os ninhos estavam no alto das arvores gigantescas e mal toquei em uma roseira, tive
as mãos tintas de sangue.
Continuei, entretanto, o meio roleiro. E nada de amor!
Um dia voltei cansada, exausta, arrastando todo o peso de uma grande magua.
Olhando o espelho do ribeiro, vi que entre os meus cabellos brilharam fios de prata.
Então, na minha dor exclamei: meu coração é como esta ermida: não tem mais
incenso, nem myrra para os dias de festas do amor: ele guarda somente hoje o tumulto
das ilusões azues que a velhice precoce abateu.
E o amor para mim havia desaparecido...³¹⁰

O amor, se delinea, portanto, como algo impossível. Cerrado em uma muralha ou roseira cheia de espinhos, amar se traduzia como um ato de desventura, causando o flagelo, a dor e a mágoa aqueles que jovens ou velhos, belos ou não, se enveredavam por procura-lo e ora foram incapazes de encontra-lo, ora por eles foram atordoados. Em vista disso, o amor passa a ser compreendido como um mal a ser evitado, como indica o conto “os três beijos”, de Olga Monteiro de Barros.

Nos caminhos íngremes da vida, narra a autora, três vultos se encontraram um dia. O primeiro a falar, disse “eu sou o beijo casto da creança”, signo da inocência e candura, este beijo encerraria em si uma das maiores riquezas do mundo. O segundo beijo, habitava o coração das mães, nascido do cuidado, da bondade e das recordações felizes, o beijo de mãe era amenizador das tristezas e saudades. O terceiro, não obstante, pecaminoso, envergonhava-se do

³⁰⁹ DIRCE. O amor. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.07, 12 de outubro de 1924, p.02.

³¹⁰ *Ibidem*, p.03.

seu destino, explicando “sou o eterno condenado pois levo ás costas o peccado, Profano e malefico, os bons fogem de mim e só os maós me procuram. Chamam-me – o beijo do amor”.³¹¹

Partindo da concepção de que amar é uma ação, a vivência e prática das pessoas negras com o amor foram marcadas pelas experiências escravagistas. Em um contexto de violência física e psicológica, em que as pessoas negras escravizadas foram separadas de suas famílias e amigos e que, em cativeiro, viram seus pares sofrerem múltiplas violações, a brutalidade, bem como a necessidade de ser forte tomaram conta do cotidiano desses indivíduos. Não excluindo a prática de amar, o que está em jogo é a forma como esses sujeitos demonstraram sua afeição uns aos outros.

Neste viés, como aponta bell hooks, muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Em uma sociedade opressora, em que prevalece a supremacia branca,

a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.³¹²

Considerando que as pessoas negras não foram ensinadas a amar, porque para eles a não afeição significava uma forma de proteger sua comunidade e a si mesmas, a elaboração de narrativas que versavam sobre o abandono foi um elemento contínuo na produção literária feminina. Em “A quem souber”, a colaboradora Judith enunciou

Longe de ti sofro demasiadamente, tua ausencia sem causa, esmaga-me o pobre coração.
O meu sofrer aumenta ainda mais por ser inexplicavel o teu desaparecimento diante deste pobre coração que é todo teu.
Jurastes, entre os jasmims, violetas e aquellas bellas flores, para mim sempre lembradas, que nunca havias de abandonar!!! Que mal te fiz eu?!

³¹¹ BARROS, Olga Monteiro de. Os três beijos. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.01, 05 de fevereiro de 1928, p.04.

³¹² HOOKS, Bell. Vivendo de amor. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, v. 2, 2010, p.188-189.

³¹³ JUDITH. A quem souber. *O Alfinete*. São Paulo, num.74, 28 de agosto de 1921, p.04.

As formulações sobre os significados da ausência do outro e, em particular do ser amado, quando em um contexto sem motivações aparentes ou explicações, inferioriza aquele que ama, que passa a ser dotado da sensação de desamparo e de insuficiência. Em um cenário em que o saber lidar com o sentimento amoroso é incerto, as cicatrizes deixadas no amante se fundem ao medo de amar novamente. O abandono, não obstante, não significa o encerramento do amor, uma vez que ao serem negados o direito de amar, o autoamor também não fora estimulado nesses indivíduos. A lembrança do ente amado, assim como a promessa de continuá-lo a amar, mesmo diante do abandono, são uma das formas de ação que as escritoras negras elucidaram em suas escritas. A narrativa de Judith, neste sentido, vai de encontro ao soneto “Amor eterno”, onde o desprezo, não apaga os sentimentos vivenciados pelo eu-lírico, que elucidada

Amo-te muito, e, no entanto não descubro
Como posso por ti eu ser amada...
Se lucto contra o fado mau e rubro,
Vejo que apenas sou mais desgraçada.

Immenso e suave como o luar de Outubro
E’ este amor tão eterno e acrysolado,
Que no intimo do perito ainda encubro
Para te dar, e vel-o despresado!

Que tristeza profunda, que tristeza
Não comprehenderes nunca de minh’alma
A infinita bondade – a ideal grandeza

Este amor é tão grande, eterno e pulchro
Que embora viva nesta angustia incalma
Não morrerá nem mesmo no sepulchro!³¹⁴

A eternidade do amor que suporta ao findar da vida, permite uma reflexão sobre a existência do amor romântico no interior das narrativas das intelectuais negras. Na prosa de Laura de Brito, para *O Patrocínio*, o desaparecimento da pessoa amada, quando fruto do desprezo, foi responsável por agonizar o coração partido, provocando no personagem principal um profundo desnorreamento.

Agonia de um coração

Escuta! E’ uma alma que soluça depois de um amor que se desfez na brevidade de tempos. As ilusões partiram qual bando de garrulas andorinhas vagando pelo espaço, ficando apenas a reminiscencia de tudo que se foi para sempre.
O amor que nutria, atirou-o para sempre no lamaçal do olvido, inutilizando para sempre um desgraçado coração, que tentou subir os degraus da escada do sumptuoso

³¹⁴ LOURDES. Amor eterno. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.02, 03 de fevereiro de 1924, p.01.

palacio do Deus do amor, solvendo todas as taças que este lhe oferecia; alegria, tristezas... lagrimas e risos para depois ter de trilhar os caminhos escabrosos e amargurados, que só trilham corações desiludidos.

[...] O amor que findou era para elle como o orvalho matutino no calice da flor.

Em vão supplicou, pois sem elle morreria, mas o destino entre eles foi inflexivel.

Amou demais, amou como se ama uma só vez no mundo, e, agora, depois dessa iludida passagem de amor, o coração agonisa lentamente, sentindo desatar um a um, os laços esperançosos que o prendiam nesta vida.

Foi forte, resistiu todos os embates que então apresentou-se, mais um foi mais forte e aniquilou-o por completo; o desprezo, a maior das affrontas, e agora morre o pobresinho escravo do caprichoso cupido.³¹⁵

A existência de um amor que a tudo suporta, não resistiu ao desprezo do ser amado. O amor/*eros* construído pela linguagem de amar de uma maneira que poderia se realizar apenas uma vez na vida, ao não ser correspondido pelo outro, finda não somente as expectativas em relação ao amor, mas o próprio sentido da existência. Como em *Romeu e Julieta* e *Tristão e Isolda*, as narrativas femininas negras a respeito do amor dialogam com a noção de que “as páginas felizes são páginas em brancos na história do amor romântico”.³¹⁶

A repressão de sentimentos atuou como uma forma de sobrevivência na vida dos negros, mesmo após a abolição. Como o racismo e a supremacia branca não foram eliminados com o pós-abolição, a manutenção de certas barreiras emocionais se constituíram como importantes para esses indivíduos. Para bell hooks, de maneira geral, muitos negros compartilharam da crença de que a capacidade de conter suas emoções era uma característica positiva. A habilidade de mascarar e esconder os sentimentos era um sinal de personalidade forte. Demonstrar sentimentos seria, em consonância, um sinal de fraqueza, uma bobagem.³¹⁷

Ao tomarem posse da escrita literária e veicularem suas produções a respeito do amor e o abandono nos impressos negros, as mulheres teceram uma ruptura nas barreiras emocionais construídas como forma de proteção do grupo. O uso da literatura para as mulheres negras estava vinculado, mais do que a sua afirmação enquanto intelectuais, à verbalização dos seus sentimentos, que implicavam uma outra percepção da atuação dos indivíduos negros, atrelada não apenas à esfera coletiva, mas as suas concepções e vivências interiores e pessoais.

Ao escreverem sobre o amor, as intelectuais negras o apresentaram a partir de suas complexidades e pluralidades. Concebendo-o por um viés conjugal, maternal e/ou apaixonado, dos amores construídos e dos amores efêmeros, o elo entre essas produções encontra-se na inexistência da afetividade como uma história de final feliz.

³¹⁵ SANTIAGO, Laura de Brito. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.31, 07 de setembro de 1928, p.01.

³¹⁶ BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

³¹⁷ HOOKS, Bell. *Vivendo de amor. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, v. 2, 2010, p.190.

“Morrer de amor”, assinado por Idalina Santos, elucida este quadro. O conto narra a história de Xisto, rapaz alto, moreno, simpático, de olhares mortiços. Xisto,

Amava uma morena como ella era alta e eleganté. Tinha as sobrancelhas serradas, o que contrastava, singularmente, com os seus olhos pequenos, mas sempre vivos. Chamava-se Victoria.

Foi na rua, onde pela primeira vez se encontraram, os dois jovens corações que parecia ter nascido um para o outro.

Amaram-se e foram felizes.

Diz elle a sua amada querida, está chegando o dia em que ficarei mais velho. Ao que ella respondeu: Estás sentido com esse acontecimento? Isto é o que ha de mais natural na vida, embora mais velho eu te amarei tanto como nos outros tempos e tenho fé no teu futuro.

Elle era electricista. Uma manhan, deixara a casa e a esposa carinhosa seguia para o trabalho alegre e bem disposta porque o trabalho estimula as almas fortes e bem formadas.

Um grande cruzamento de fios, marca o logar onde Xisto deve trabalhar. Inconsciente da sorte que o espera o rapaz trabalha alegremente, quando ao puchar um fio, esbarra em outro que não estava isolado e cae, morrendo fulminado.

A esposa, ao ter noticia do acontecimento não pode resistir, e como o seu querido Xisto, cahiu fulminada tambem, pela dôr do amor.³¹⁸

Exemplares de uma nova imagem de homem e mulher negra, baseada nos pilares do trabalho, elegância e simpatia, bem como do sacramento da união através do matrimônio, a construção da devoção e cuidado com o outro materializada na afeição demonstrada pelas personagens e na promessa de Victoria de amar Xisto continuamente, se concretizou no momento da morte de Xisto, em função de um acidente de trabalho. Victoria, impossibilitada de viver sem o seu amor, padeceu, retomando as narrativas forjadas sob a concepção do amor romântico. À luz desses acontecimentos, ainda que as circunstâncias na prosa de Idalina positivasse a experiência afetiva do casal, o final de sua narrativa não estava alicerçado em uma percepção de “felizes para sempre” em vida.

A impossibilidade de vivenciar o amor também constituiu uma temática abordada pelas produções literárias de Dirce. Colaboradora assídua do *Clarim da Alvorada*, entre 1924 e 1926, a jornalista publicou três contos e um soneto cuja abordagens se referiam ao amor. Denominando-o como “o mal da vida”, o amor seria uma “esplendida loucura”, “delírio que vem da eternidade”, “mal que acaba em paraíso”.³¹⁹ Em suas prosas a contista buscou retratar o sofrimento daqueles que amam, como em “Recordação do amôr”.

Ao descrever a vida de um violonista chamado Oscar, o eu-lírico recupera a sua triste sina. Enquanto tocava uma triste e amorosa melodia, nomeada como “composição da saudade”,

³¹⁸ SANTOS, Idalina F. Morrer de amor. *O Xauter*. São Paulo, num.02, 16 de maio de 1916, p.02.

³¹⁹ DIRCE. O mal da vida. *Clarim d'Alvorada*. São Paulo, 07 de dezembro de 1924, p.03.

o violonista foi tomado por dolorosas memórias de seu passado, tendo em vista que, algum tempo antes,

O pequeno hotel em que se installara possuia poucos hospedes. Pela tarde, seu maior prazer era contemplar a decida do sol, que rubro desaparecia no horizonte. Nessa, tarde mais duas hospedes chegaram: Ella muito pallida envolta no amplo casaco de pelles e a mãe já edosa de uma sympathia atraente.

Pela manhã, quando os raios do sol, banhavam o terraço, Ella vinha sentar-se resguardada com mantas, numa cadeira; elle então contemplava-lhe as feições, achando-a pallida, de uma pallidez mortal.

Foi-se aos poucos afeiçãoando-se a essa encarnação do soffrimento que se casava tão bem ao seu espirito sensível. Nunca lhe dirigiu a palavra, julgava que a mais insignificante syllaba fizesse fugir suas sonhadoras fantasias; passou-se uma semana, Ella não mais voltou aquecer-se ao sol. E, numa noite de luar, noite calma e ao mesmo tempo sinistra, em que os lobos uivam de longe, noite que os pinheiros embalsamavam com seu perfume resinoso, inspirou-se.

Seus dedos, seu espirito, tiraram do violino aquelles sons, que traduziam o seu estado de alma, seus sentimentos, seu amor.

E pela noite, espalhava-se esse soluço de alma ferida, enormemente sincera.

Pela manhã, pediu noticias da pallida morena. Morreu a pobresinha, á meia noite.

Á meia noite, hora em que elle se inspira e sonhara, fazendo-a talvez soffrer, recordando, deixa cahir sobre o violino a lagrima lenta e quente da saudade.³²⁰

O amor nutrido por Oscar a sua pálida dama aproxima-se dos sentimentos enunciados pelos trovadores corteses. Dotado de ambiguidades, o Amor Cômtes, deleitava e fazia sofrer, aprimorava, mas fragilizava o ser amante e o ser amado, erotizava, mas idealizava, educava e enlouquecia, submetia, mas enobrecia. Vinculado a esse conjunto de sentimentos, o desejo constituía algo grandioso, mas irrealizável sob a condição de que o próprio amor se acabasse.³²¹ Esses elementos supracitados são encontrados na narrativa construída por Dirce. Tradutor dos sentimentos que incendiavam a alma, o violonista ao se afeiçoar pela jovem, reconhecia o seu amor na forma de idealização e ao compor uma melodia para ela, tal como um trovador, expressava seu encantamento. A relação entre o *eros* e a morte, novamente, se evidencia, atuando como um empecilho para união entre o amante e sua amada.

O artista cumpre na prosa de Dirce a função de expressar os sentimentos por vezes não compreendidos. Como aponta seu conto “Violonista”. Publicado um ano antes de “Recordação do amor”, a narrativa tecia sobre a capacidade do musicista de exprimir um “turbilhão de sons a magua intraduzível de todos que soffrem, a ancia de todos os que amam a allucinação dos que sonham!”. As tristes melodias tocadas pelo violinista talvez sejam fruto de “um romance desconhecido por todos que te escutam”.³²² O artista representava, neste sentido, a figura da

³²⁰ DIRCE. Recordação do amor. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.22, 20 de junho de 1926, p.02.

³²¹ BARROS, José D. Assunção. Os trovadores medievais e o amor cortês: reflexões historiográficas. *Revista Aletheia*, v. 1, p. 1-15, 2008.

³²² DIRCE. Violino. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.12, 25 de janeiro de 1925, p.02.

pessoa que não tem os seus amores concretizados. Vivenciando idealizações e as suas impossibilidades de se cumprir, os sentimentos do violinista refletiam a solidão daqueles que foram impedidos de amar.

A inviabilidade do amor conjugal estabelecida pelo abandono, desprezo ou morte do ser amado, também foi narrada pela ótica da doença imprevisível e inevitável. Em “Recordação”, a contista Mairy narra a história de Paulo, que no findar da tarde relembrava seus dias de meninice, recordando o momento em que encontrou o amor:

E quem não amou aos 18 annos? Na mocidade? Depois ella era tão linda! E qual a noiva que não nos parece bella? Mas ella era mesmo linda, a sua Deny, tão moreninha de cabellos negros. Formara um lindo castello de illusões. Como todos os castellos elle era rico, todo de oiro e pedrarias tremeluzindo ao sól. E lá dentro, ao son de beijos o amor cantava. [...] Aos domingos, de volta da missa, elle e Deny tão aconchegadinhos, n'aquelle doce engano d'alma que não antevê o futuro para só gosar a ventura do presente, lá se iam murmurando mil juras de amor, trocando juras de amor, esperando pelo dia que Deus os unisse para sempre...

Uma tarde, uma tosse secca fel-o despertar do sonho em que até ali vivera. Tysico. Primeiro quizera duvidar de tal desgraça, elle que se julgára forte. Mas... já despertava do sonho... E nesta vida quem accorda um da, não adormece mais. Quando trocou a terrivel duvida pela cruel certeza, ruiu com aquella as ultimas pedras do seu castello g'oiro. Hoje! Agora! Que era elle? [...] seus olhos fundos se enchiam de lagrimas, ao pensar em seu bello sonho perdido. Perdido sim! Porque desde que se sentia doente jamais vira Deny a sua adorada noivinha. A tarde cahia e o sól se debatia nos últimos arquejos de moribundo. E Paulo recordando a ultima vez que sorvera os labios d'ella na delicia suprema de um beijo apaixonado, clamou num grito em que lhe ia o ultimo alento de vida.

Deny minha amada!... ³²³

Temática recorrente nas obras literárias românticas do século XIX, a tísica possuiu uma elaboração romantizada sobre seus efeitos, sendo considerada no Oitocentos como a “doença da paixão”. Sua expressão fatalista, seja porque era considerada de caráter hereditário ou pela falta dos métodos terapêuticos eficazes, fadava a morte aqueles que a possuíam.³²⁴ A partir do século XX, todavia, a tuberculose (TB) passou a ser identificada, de forma mais clara, como um problema de saúde, devido a sua persistência e propagação entre a população mais desfavorecida. Os avanços científicos viabilizaram a compreensão da doença como transmissível e marcada por um caráter social, o “mal romântico”, por outro lado, passou a ser visto como “mal social”, estigmatizando o enfermo.³²⁵

³²³ MAIRY. Recordação. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.05, 03 de junho de 1928, p.02.

³²⁴ NASCIMENTO, Dilene R do. A Tuberculose no Início do Século XX. In.: *As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p.45-79.

³²⁵ DE SOUZA MACIEL, Marina et al. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. *Revi Socied Bras Clín Méd*, v. 10, n. 3, 2012, p. 226-30.

A narrativa de Mairy reúne tanto os elementos românticos a respeito da TB que marcam o seu afastamento da pessoa amada, como enuncia os empecilhos de se seguir a vida, em vista do estigma sobre a doença ao longo do Novecentos. A dificuldade de amar, assim, não se baseava apenas na ausência da ação, mas nos próprios empecilhos do *devoir*. Escrever, a partir da ótica de um personagem principal masculino, demonstra, em consonância, que a impossibilidade do afeto não estava circunscrita apenas ao gênero feminino, se revelando como uma questão que assolava a classe.

Os infortúnios da experiência com o amar transitaram, igualmente, pela esfera familiar desses indivíduos. Aspecto relevante da concepção de ascensão social negra, a família seria núcleo formador da identidade e moralidade da classe. De modo que, a ausência dos entes queridos impactava a maneira como os negros se percebiam no mundo. Tema caro para esses periódicos, o amor materno foi tratado na poética de Paula Souza e veiculado nas páginas de *O Kosmos*.

DOLORES

A meiga flor do lar, entre outras flores,
Jaz no pequeno esquiife côr de rosa.
Que expressão de tristeza carinhosa
No esmorecido rosto de Dolores!

Parece, ainda, sentir os amargores
Da mamãesinha, tremula e chorosa,
Rogando a Deus, em prece fervorosa,
Que não lhe leve o amor de seus amores.

Triste ambiente de dor sem esperança!
Deixando, immoto, o corpo da creança,
A alma transpoz do azul tênue véo.

Para sempre desfez-se a alacridade
De um lar que viverá só de saudade
Desse anjinho que foi brincar no céu.³²⁶

Compreendendo a maternidade para as mulheres negras como a possibilidade de redenção frente a um discurso que a percebia como lasciva e o amor materno atrelado à figura de Maria como imagem do esforço e devoção, a perda de um filho, para além dos debates desenvolvidos na imprensa, significava uma profunda perda de sentido e esperanças em torno da vida. Vista como “o amor de seus amores”, para uma comunidade que, historicamente, teve

³²⁶ SOUZA Paula. DOLORES. *O Kosmos*. São Paulo, num.12, 18 de maio de 1923, p.03.

seus filhos separados de si, não poder praticar o amor nutrido por um ser tão querido aprofunda as percepções de como a dor e sofrimento permeavam as vivências dos negros.

A ausência de um ente querido não deveria significar, entretanto, o seu esquecimento. Como indica a prosa de Dina, para o *Clarim*, reviver essas memórias transportava aqueles em vida para momentos singulares, revendo o passado o eu-lírico menciona

Sinto apertar-me o coração ao lembrar-me do ente querido cuja cabeça era ornada de finos flocos de neve e que de sua cadeira de balanço, contemplava, com seu olhar bondoso e com um sorriso meigo e indulgente, a enflorar-lhe os lábios, as diabruras de sua filha, ente que a mão impiedosa da morte roubou para sempre aos carinhos da esposa e dos filhos que o amavam tanto!

Nunca mais o verei! Esta phrase cruel faz-me brotar da alma torrentes de lagrimas amargas como o fel que provou o Nazareno na sua ultima e cruciante agonia.

Na minha alma deserta, no meu coração dorido, nascem em abundancia as tristes e roxas saudades, cujas petalas mimosas reservarei para serem desfolhadas sobre a sua inovildavel memoria, no dia vinte e oito de julho aniversario do seu passamento.

No cemiterio repousam para sempre, em doce união, os seus restos, a minha infancia e mocidade feliz!

Risos... sonhos... tudo emfim evaporou-se, deixando em minh'alma um vacuo profundo que cousa alguma jamais preencherá.

Recordar é viver! Puro engano. Cruel ironia do Destino! Recordar é... soffrer!³²⁷

A vivência com a figura paterna na prosa “Revedo o passado” assinala para um momento feliz da existência do eu-lírico, marcado pelos risos e sonhos que se contrastavam com a tristeza, no presente, provocada pela sua morte. Em um contexto em que a afetividade conjugal se apresentava como um sentimento vulnerável na vida desses indivíduos, o amor construído dentro do lar era um importante suporte às vicissitudes cotidianas. Sua falta, neste viés, sempre que lembrada sancionaria ao ser que ama a eterna lembrança de que nunca mais poderia anunciar o seu amor em vida ao ser amado, transformando a lembrança, assim, em sofrimento.

O encontro da morte e o seu diálogo com o amor, na percepção da intelectual Durvalina Baptista, permitiria aos homens o reconhecimento daquilo que realmente era valioso. Em “Finados”, a colaboradora sinalizou que “no livro dos tumulos aprendemos uma verdade, tudo alli fica: o orgulho, a vaidade, a grandeza e desconhecemos então o nosso valor: meditamos alguns momentos e a verdade se impõe altiva e soberana – ‘homens, tu és pó, e em pó te has de tornar’.”³²⁸ A saudade impetuosa que devastava o coração daqueles que permaneciam e que em contos como o de Dina fazia com que a vida perdesse o motivo de ser, confronta-se na narrativa

³²⁷ DINA. Revendo o passado. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.05, 03 de junho de 1928, p.03.

³²⁸ BAPTISTA, Durvalina. Finados. *O Kosmos*. São Paulo, num.28, 18 de novembro de 1924.

de Baptista com a verdade de que nós estamos fadados a morrer. A prática do amor não deveria ser recusada diante do orgulho e da vaidade humana.

Ao formularem concepções sobre os sentidos da ausência e do sofrimento, as intelectuais negras, simultaneamente, teceram percepções sobre a saudade. Na prosa de Julia Lopes, esse sentimento se contrapõe a esperança, como indica sua publicação no *Clarim*:

Encontraram-se no humbral, pararam e olharam-se!
A que sahia trazia loira trança, enleuada com a symbolica flor da lorangeira, e vaporosa tunica, a pés descalços, pequeninos roseos... A que entrava vinha orvalhada de lagrimas, arrastava um longo manto, pezado como a tristeza e alvo como o arminho.
— Porque entras? Perguntou a primeira.
— Porque partes? Proferiu a outra.
E cruzaram-se.
A Esperança levantando o vôo, partiu, e a Saudade, com os olhos rasos d'água, poz-se a acenar-lhe para que voltasse; mas radiante fugitiva desapareceu entre as nuvens. Então a outra, a triste, foi-se embrenhando a pouco e pouco para o fundo dessa misteriosa morada — o coração!...³²⁹

As construções imagéticas inseridas na narrativa de “A Saudade”, fazem alusão a figura da esperança como pura, inocente e casta, que se diferem da saudade apresentada como melancólica e infeliz. No contexto de produções literárias sobre o amar, o desprezo, a perda e a solidão, o coração, passava a ser habitado pela saudade quando a esperança do amor se esvaia.

Compreender a produção literária feminina negra a partir da abordagem que elas promoveram a respeito dos significados do amor exige uma complexificação a respeito do que era moralmente aceito como “temas femininos”. Para os críticos literários do século XIX, o ingresso das mulheres no campo literário deveria ser feito a partir do seu próprio lugar, isto é, elas deveriam se distanciar dos assuntos voltadas para a esfera pública, fixando seu espaço nas letras em acordo com a esfera perfumada de “sentimentos e gentilezas”.³³⁰ Nesta perspectiva, as mulheres intelectuais da imprensa negra não estariam, necessariamente, transgredindo os preceitos sociais.

Não obstante, em uma sociedade marcada pelo silenciamento dessas mulheres em relação aos seus sentimentos e as suas autopercepções, tratar sobre o amor quando se exigia a reafirmação da repressão de sentimentos, debater sobre a ausência e a dor quando a elas se era recusada a imagem de seres vulneráveis, de merecedoras de afeto, foi uma forma de articular sobre as questões que eram pertinentes as suas vivências. Fragilizadas do ponto de vista emocional, as proposições de ascensão social do grupo negro não poderiam se concretizar sem

³²⁹ LOPES, JULIA. Saudade. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.12, 25 de janeiro de 1925, p.02.

³³⁰ TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras.” In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2006, p.422.

a sensibilidade de perceber que a união da classe passava também pelas possibilidades de afetos construídas e acionadas no meio negro.

Além de traçarem propostas a respeito do “levantamento da classe” e de abordarem temáticas sensíveis para as vivências do seu grupo, a produção literária feminina manteve diálogo com as tendências literárias do século XX, como aponta o poema Saudade... Saudade, de Adalgisa Lobo.

Saudade... Saudade

Desta janella á vastidão do espaço
eu contemplo a azulada esfera,
absorto, e as lagrimas cahindo no regaço,

Relembro o passado e o seu véo já se levanta,
É raio d'ouro que passa,
E a saudade erguendo das brumas do passado
acinzentada manta
Que evapora e tenuemente esgaça!

E tudo ouço, revejo com saudade n'alma,
Tudo! mesmo até
os lábios a sorrir deixando ver
uma linha de perolas de Talma,
e o ligeiro roçar de um pé.
Olhos rasgados a brilhar, brilhar

como estrella luminosa,
os sonhos, beijos e perfumes;
o aperto febril da rósea mão setinosa,
gemidos, ânsias e queixumes.

Mas, na vida tudo que exulta
e brilha também passa:
um instante, um momento
como o cahir da folha,
da petala o crestar, um floco de fumaça
desfeito pelo vento.³³¹

Ao romper com as métricas e rimas propostas pelo soneto, forma corrente de expressão literária, a produção de Adalgisa se vinculou a ruptura de códigos acadêmicos e a incorporação de uma lírica mais livre, como fizeram os poetas modernistas. A intelectualidade negra, desse modo, se não elucidada pelo respeito a métrica do soneto, mostrava o diálogo com os debates literários em curso.³³²

³³¹ LOBO, Adalgisa Correa. Saudade...Saudade. *O Clarim d'Alvorada*. São Paulo, num.28, 15 de janeiro de 1927, p. 03

³³² REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p.144.

Diante das intempestivas nuances do amar, os modos de responder a sua ausência foram plurais. Para Lucia Gonzaga, em sua prosa “Manhãs!”, o “primeiro cuidado de quem sofre uma grande dôr”, era “isolar-se do mundo e gemer sosinha e encerrada dentro de si mesma, na discreção piedosa dos logares ermos”.³³³ A vivência da solidão e do sofrimento se faria para essa escritora, na esfera privada, devendo aquele que sofre guardar para si sua dor. Essa concepção joga luz à construção da demonstração dos sentimentos, sejam eles positivos ou não, como um sintoma de vulnerabilidade, aspecto emocional não autorizado aos negros.

Benedicta Prado, de maneira similar, encontra nas lágrimas revestidas em falsos sorrisos a possibilidade de continuar sua vida frente ao sofrimento. Em sua poética, o eu-lírico enuncia

Extranhas Lagrimas

Lagrimas... Noutras epocas verti-as
Não tinha o olhar enxuto como agora,
Alma, dizia então commigo, chora
Que o pranto diminue as agonias.

Ah! quantas vezes, pelas faces frias
Por mal do meu amor que se ia embora,
Gotta a gotta rolando, ellas outr’ora
Marcaram as noites e marcaram dias!

Vinham do oceano d’alma immenso e fundo,
Ondas de angustia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos hoje as lagrimas estanco
Mas rolam todas sem que as vejam o mundo
Sob a forma de risos pela bocca!³³⁴

Para outras intelectuais, como Josephina Toledo, praguejar contra quem não compreendia o mal de amor seria a melhor das saídas. Inconsciente da dimensão das angústias que sofriam os corações que em algum momento estiveram apaixonados, a quem a compreendesse, Toledo expressava,

Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!
Que esse pereça numa dura guerra
Em bosque estéril e sem grama!

Mordendo o solo hirto de braços
Que ninguém ouça o seu lamento
Que ninguém leve dos seus soluços
O derradeiro sacramento.

³³³ GONZAGA, LUCIA. Manhãs. *O Baluarte*. Campinas, num.01, 15 de novembro de 1903, p.03.

³³⁴ PRADO, Benedicta. *O Patrocínio*. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.45, 28 de setembro de 1929, p.04

Que na aspereza desse leito
Sobre essa terra humilde e fria
Coaxe o sapo no seu peito
Para ajudar sua agonia

Que a vida aos poucos se lhe esgote
E os olhos vorazes ao seu lado
De um corvo, seja o sacerdote
Para ouvir o seu peccado.

Que após a morte, seus destroços
Não sejam vistos pela gente
E que apodreça os seus ossos
Sobre a rodinha da serpente.

Que o fogo fátuo que ele encerra
Lhe negue mesmo a última chama!
Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!³³⁵

As imagens edificadas pelo eu-lírico sinalizam para a dor, o desespero, o medo, a solidão e o esquecimento. Os desejos direcionados a quem não tinha pena de quem ama, elucidavam as sensações do amor não correspondido. Sem demonstrar benevolência, a poética de Josephina indicava para aqueles que não compreendiam o sofrimento causado pelo amor, as mágoas e feridas que por ele poderiam ser criadas.

A falta de comiseração de Josephina diante daqueles que eram incompreensivos dos sofrimentos amorosos, na poética de Ignez do Amaral ganharam um apelo sarcástico.

Versos de Pé Quebrado

Não ha pau para tamanco
Como seja do tanueiro
Que põe sua raiz na estrada
Não deixa ninguém passar.

Atirei um limão verde
No menino do portão
Louca fiquei por elle
Elle me chamou de louca.

Eu fui indo num caminho
Sant'Antônio me chamou
Mecê livre do peccado
Quando santo chama a gente.

E não chupo mais cachaça,
Que a cachaça é p'ra remedio,
A cachaça faz-me por
Da sala para a cozinha.

³³⁵ TOLEDO, Josephina. A' quem me comprehender. *O Patrocínio*. Piracicaba, num.45, 28 de setembro de 1929, p.04

Tenho meu choro saudade
Trancado lá na despensa
Se hei de morrer de amores
Não hei de morrer de fome.

Minha laranjeira doce
Carregada de formiga,
Quem por amores se mata
Forte asneira.³³⁶

A quebra de expectativas promovida por cada último verso de seu soneto, demonstra o conhecimento de Amaral da forma, a ponto de poder subvertê-la. Fazendo uso de uma escrita literária que brinca e explora suas estruturas, a intelectual proporciona jogos de linguagens como “se hei de morrer de amores, não hei de morrer de fome” e “quem por amores se mata, forte asneira”, sinalizando para outras formas de se ver o amor. Em um cenário de valorização do amor romântico e da própria concepção do amor como valoroso no interior das relações, a maneira jocosa com que a colaboradora tratou a temática permite entrever que o amar não precisava ser uma ação tão cruel e severa.

O desprezo promovido pelo ser amado, poderia ser correspondido com o ódio, como elucida as prosas de Leopoldina Dias. Em “Thema de Vida”, a personagem principal após uma manhã de aula, decide aproveitar o dia passeando pela praia, onde encontra um rapaz de cor preta e olhos magnéticos, que a questiona:

aindas estudas, menina? Sim. Respondi-lhe, desde a idade de sete annos.
— Que idade tens agora?
— Faço em Maio quinze annos.
— Esta bem... mas... se eu tivesse a honra de acompanhá-la neste gentil passeio... se minha pessoa fosse digna de tal...
— Mas que digno. Respondi-lhe.
Então dirigimos lentamente pela arenosa costa do oceano!
A cada passo, de seus labios despregava uma phrase declaradora de amor.
[...] Dalli a quinze dias senti-me feliz ao seu lado, considerando-o meu noivo. Mas aquella felicidade durou poucos mezes.
A infame intriga condenou-a desligar o nosso futuro.
Que tormentos, que passei, meu Deus! Mas me conformei com a sorte descarregando sobre elle um vivo odio, que não findará tão cedo.³³⁷

A frustração vivenciada pela personagem central transforma-se em ódio destinado a existência de seu outrora noivo. Apesar do sofrimento, a narradora indicava que o tormento não se fixava como algo contínuo, podendo se converter em outras sensações.

³³⁶ AMARAL, Ignez do. Versos de Pé Quebrado. *O Menelik*. São Paulo, 17 de outubro de 1915, p.04

³³⁷ DIAS, Leopoldina. Thema de vida. *O Menelik*. São Paulo, num.01, 17 de outubro de 1915, p.04

A indiferença seria uma delas, exemplificada na prosa “A Borboleta”, de Mairy, publicada no *Clarim*.

Nascera numa clara manhã de primavera!
As suas cores rivalizavam com as do íris.
Suas azitas eram tenues capazes de invejar os zephiros, e a graça com que adejava, era inigualavel. Era a mais linda borboleta creada até então. As flores todas convidacam-n'a para repousar entre suas petalas macias e perfumadas.
Tudo em vão porem. A altiva e orgulhosa borboleta despresava-as todas. Uma noite, depois de tanto voejar, cançada da labuta diária, resolveu descançar no seio de uma rosa. Esta acolheu-a satisfeita. Estava a borboleta socegradamente, quando abrindo os olhitos deparou com um clarão extranho. Pensando ser uma nova flor que se lhe apresentava para proporcionar-lhe uma noite melhor, abandonou o seio amigo da rosa, para lá se dirigindo. Inexperiente porem, não viu o mal que o clarão continha. Era uma fogueira. Ao sentir o calor do estrepitoso lume, chegou-se mais para perto, e tanto que por fim abandonou-se nas chamas.
Subitamente aquellas finas azas transformaram-se em cinzas

Assim foi o que se deu comtigo meu amor.
Tinhas o meu affecto, eras para mim, um idolo. Colloquei-te no altar sagrado de meu coração, e tu, pensando que outra havia de igualar-te a Deus e transportar-te ao Céu, abandonas-te-me. E agora vives chorando arrependido, pois só encontrastes dores, torturas, e martyrios.³³⁸

Ainda que a narradora tivesse dedicado ao seu amado um amor tão terno, colocando-o em um pedestal e dedicando a ele seu afeto, isso não se mostrou o suficiente para que suas expectativas quanto ao amor se realizassem. Como a borboleta que se transformou em cinzas, o egoísmo e vaidade do seu par o conduziu a um caminho de amarguras, diante da recusa de uma iminente felicidade. O modo como Mairy escreveu a respeito do desprezo em sua prosa, vincula-se aos insucessos do amor para os negros, mas também ao sentido da ação de amar. O reconhecimento da tristeza vivenciada pelo seu, antes, amante, era resultante do ato de não saber amar e, por não compreender esse processo, abandonar o outro sem saber os infortúnios que poderia encontrar.

Rosa d’Abril, na mesma seção, sugere para as leitoras do *Clarim* um conselho quanto ao amor, que diz:

Ama-se, vive-se, é verdade; porem, de amor não se morre.
Se és trahida, enxuga os teus prantos.
O amor passa, não ha nada que senão extingue;
Zomba dos homens em paga de tudo.
Mulher! não vês que és desejada?...
Sem ti os homens deixam a própria vida;
Se uns te desprezam, outros te elevam.
Não te desespere, rainha, mulher!...
Goze a tua mocidade em flor;

³³⁸ MAIRY. A Borboleta. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.03, 01 de abril de 1928, p.03.

Podes bem zombar desses entes de bigodes.
Não soffras, não, tú podes muito conseguir.
Es linda, tu és fragil neste intuito.
Tu podes adquirir, porque és mulher!...³³⁹

No conselho escrito pela colaboradora do *Clarim*, se amar representava viver, a ausência dele não deveria, por outro lado, simbolizar a morte. O abandono provocado pelo outro, sem justificativas ou como sintoma da dificuldade de saber amar, não delimitaria os sentidos das vidas das leitoras. Se amar é ação, mas também intenção, na proposição de Rosa d’Abril ele se estabeleceu como um processo que possuía início e fim.

A solidão dialogada e veiculada pela produção intelectual feminina negra não era uma só. Ana Pacheco, ao refletir sobre a solidão afetiva da mulher negra, disserta que os seus significados podem ser múltiplos, a depender do sujeito que o enuncia a partir de sua leitura de mundo. Em sua pesquisa, ao dialogar com mulher ativistas e não-ativistas negras, ela se deparou com uma gama de narrativas, que compreendiam a solidão como dor, vazio, sofrimento, diferença, infelicidade, falta, preterimento, discriminação, negação, tristeza.³⁴⁰

As narrativas inseridas na imprensa negra tecem relações com esse cenário. A ausência da afetividade para as mulheres negras permeia suas histórias marcadas pela desconstituição do seu corpo e do seu conhecimento. A análise de Fernanda Felisberto³⁴¹ quanto a literariedade de mulheres negras no século XX e XXI também sinaliza para esse processo, de maneira que, a historicidade intelectual feminina negra está ferida pela destituição do amor.

Ao aconselhar suas patrícias quanto ao amor, Rosa d’Abril propôs, no entanto, uma outra narrativa, para a solidão, o autoamor. As mulheres que a liam não precisavam se desesperar, entristecerem ou estarem em estado de melancolia. Reforçando que suas leitoras eram belas e dotadas de uma condição de fragilidade, as mulheres negras seriam capazes de superar sua solidão afetiva, ao se amarem primeiro. Como anuncia bell hooks, o amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar.³⁴²

Ao se inserirem na esfera pública e tomarem para si a posse da pena, as mulheres negras refletiram sobre as vilipendias sociais de sua classe nas primeiras décadas do Novecentos, bem

³³⁹ D’ABRIL, Rosa. Conselho. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, num.03, 01 de abril de 1928, p.03.

³⁴⁰ PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 317 f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

³⁴¹ SILVA, Fernanda Felisberto da. Escrivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling.) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

³⁴² HOOKS, Bell. Vivendo de amor. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, v. 2, 2010, p.188-198.

como articularam suas percepções e teceram narrativas sobre os caminhos que deveriam ser percorridos rumo à ascensão social, moral e intelectual dos negros e negras. Essas proposições estabeleceram-se em profundo diálogo com a construção de uma respeitabilidade negra forjada pelos intelectuais negros que usaram a pena e a imprensa como forma de manifestarem suas insatisfações pessoais e coletivas quanto ao preconceito racial no Brasil.

A instrução, a moral, a religiosidade, maternidade e a posição de esposa relacionaram-se, não obstante, as percepções emocionais dessas mulheres sobre a sociedade e classe a qual pertenciam. Sem afetividade, a capacidade de orgulhar-se do seu grupo, suas origens e seu pertencimento racial estaria esvaziada de sentido. Desunidos, portanto, impossível seria a superação das desigualdades raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo, ao falar sobre seu processo de *escrevivência* destaca que “escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não se se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança.”³⁴³ Ao se apossarem da pena (ou da máquina de escrever), os homens e mulheres negras que colaboraram e redigiram os jornais da imprensa negra, bem como aqueles que permitiram que os seus esforços ganhassem sentido ao venderem, comprarem e/ou lerem esses periódicos, feriram um silêncio imposto.

Feriram porque ousaram questionar as discriminações sociais que lhes eram impostas. Porque através da escrita encontraram uma forma de denunciar as segregações espaciais e sociais pelas quais passavam. Porque compreenderam que a imprensa poderia agir como uma forma de conscientizar os seus pares e difundir ideias que os permitissem serem vistos como legitimamente eram: cidadãos brasileiros.

Usar a escrita como uma forma de lutar em sua defesa também se constituiu como um gesto de teimosa esperança. Porque acreditaram que ao exporem os problemas que sofria a população negra, poderiam mobilizar o seu grupo social a partir de estratégias que permitiriam sua ascensão social. Porque idealizaram uma nação que não fosse pautada sobre os preconceitos raciais, mas sob a valorização do passado, presente e futuro dos negros para o país. Os intelectuais negros, assim, teimaram em acreditar que o futuro se faria ausente das desigualdades raciais.

Em diálogo com essas percepções, o primeiro capítulo do texto buscou apresentar os jornais da Imprensa Negra Paulista em um diálogo transatlântico. Considerando as leituras que os colaboradores desses periódicos fizeram a respeito da vinda de Robert Abbott para o Brasil e das publicações sobre o “paraíso das raças brasileiro”, os jornais demonstraram as diferentes vivências das desigualdades raciais no Brasil e nos Estados Unidos. Neste contexto, os periódicos se valeram das denúncias de abusos policiais, das segregações espaciais e da parcialidade de impressos de tiragem empresarial para difundirem aos seus leitores as violências que vivenciavam a classe negra. Ao escolherem a imprensa como uma forma de luta, os colaboradores e colaboradoras negras tomaram para si a possibilidade de refletirem sobre suas condições e construir formas de combater as discriminações raciais.

O segundo capítulo, neste sentido, procurou compreender os discursos e as estratégias apresentadas por esses intelectuais para promoverem sua inclusão social. O primeiro destes foi

343

a legitimidade da cidadania negra. Alicerçados sob os feitos da população negra em prol da construção econômica, política e intelectual brasileira, os periódicos da imprensa negra reivindicaram um passado que os colocassem nos trilhos da História da nação como amantes da pátria e agentes do seu progresso. Em um contexto de disputas raciais entre brancos, imigrantes e negros e de um racismo científico que buscava exterminar a população negra, provarem o seu valor pátrio era um instrumento importante para esses indivíduos.

Uma segunda forma de pensarem a respeito de sua inserção social era a partir da educação física, cívica e intelectual. Os jornais da imprensa negra defenderam a instrução como forma de ascensão social, de reconhecimento dos seus “pares brancos” como iguais. Esse projeto proposto pelos impressos passava pela construção da imagem de um “novo negro”, em especial, de uma “nova mulher negra”, porque essas seriam figuras centrais para a promoção da educação entre a classe, uma vez que seria a elas atribuídas a função de mães-educadoras.

A formulação dessas concepções foram endossadas nas contribuições jornalísticas das mulheres negras. Como sinalizam suas produções, através da escrita essas mulheres buscaram defender a legitimidade da Imprensa Negra e convocarem outras mulheres a também participarem, como leitoras ou escritoras. Defendendo a necessidade de uma união entre a classe para superar as desigualdades raciais, esse processo deveria incluir as mulheres e suas proposições a respeito de como construir uma luta contra os preconceitos raciais.

Por fim, o último capítulo procurou compreender os significados atribuídos a produção literária pelos jornais e como as mulheres se inseriram nesse espaço. Dessa forma, foi possível observar que a literatura atuou como uma forma de denunciar as questões raciais e, simultaneamente, convidar os negros a se organizarem em sua própria defesa. Ainda, o domínio da escrita literária indicava que esses homens e mulheres negros possuíam conhecimento sob os códigos que regiam sua produção, estabelecendo, assim, uma possível afirmação da intelectualidade negra.

Como indicado por bell hooks, a dificuldade de dedicação das mulheres negras ao trabalho intelectual, além de ser acionada por um discurso forjado sob sua anti-intelectualidade, também passa pelas posições sociais que desde cedo elas deveriam ocupar. O cuidar da casa, dos entes mais novos e mais velhos, bem como o sustento do lar, se encontram nesse espaço. As mulheres da Imprensa Negra, não obstante, em determinada medida fizeram parte desse cenário. Por vezes mães ou se dedicando a um trabalho extraluar essas mulheres, ao colaborarem nos periódicos, sinalizaram para um cenário de embates raciais e de gênero.

A produção intelectual das mulheres negras nesses periódicos mais do que denunciarem as violências pelas quais passaram a população negra e debaterem estratégias ancoradas na instrução cívica e intelectual, foram além. Essas mulheres voltaram o seu olhar e a sua escrita para o campo das emoções que marcaram as vivências negras. A frequência com que aparecem em suas narrativas a solidão, a perda, o desafeto, dialoga com narrativas mais recentes como a da própria Conceição Evaristo. A literatura produzida por mulheres negras, neste sentido, mantém forte diálogo com as formas como os negros aprenderam a sentir e vivenciar os seus afetos.

Recuperar as produções dessas mulheres no pós-abolição nos permite ampliar as nossas percepções acerca do que são essas escritas vivenciadas e como elas podem ser um instrumento de compreensão do passado e presente. Outrossim, ela nos permite pensar as mulheres negras como sujeitos intelectuais. Outrora destituídas desses espaços, refletir sobre como essas figuras se colocaram diante dos debates públicos e promoveram maneiras particulares de conceberem a superação dos preconceitos raciais, reafirma a produção de mulheres negras no presente, concedendo a elas um passado na(s) História(s).

FONTE DOCUMENTAL

Periódicos da Imprensa Negra Paulista

Auriverde

A Liberdade

A Protectora

Elite

Getulino

Kosmos

O Alfinete

O Bandeirante

O Baluarte

O Clarim da Alvorada

O Menelik

O Patrocínio

O Progresso

O Propugnador

O Xauter

Outros periódicos

A Pátria

A Província

Correio Paulistano

Diário de Pernambuco

Diário do Rio de Janeiro

Gazeta

Gazeta da Tarde

Jornal do Commercio

Jornal do Penedo

O Chronista

O Combate

O Homem

O Paiz

O Progresso

O Sete d'Abril

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letas, Boas Letras. *História da literatura: o discurso fundador*. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (Org.). Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003

ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. *História Social*, n. 19, p. 91-108.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*. Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

AQUINO, Ingrid Andresa Neles de. *Mulheres negras que não podem passar em branco: Trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de "O Clarim da Alvorada" (1924-1940)*. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

AZEVEDO, Célia. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003, p.24-26.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

BARROS, José D. Assunção. Os trovadores medievais e o amor cortês: reflexões historiográficas. *Revista Aletheia*, v. 1, p. 1-15, 2008.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: editora Perspectiva, 1973.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. *Educar em Revista*, p. 153-165, 1996.

BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BRITO, Luciana da Cruz. O crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil escravista e a ameaça à pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição. *Revista Brasileira de História*, v. 36, n. 72, p. 107-130, 2016.

BUTLER, Kim. *Freedoms givens, freedoms won*. Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998

CAMARGO, Oswaldo de. Apesar de tudo, a quase mudez... In: *O Negro Escrito*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. *Entre ilustres e anônimos: a concepção de história em Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. “Leitoras”: gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, n. 46, 2012, p.172-177.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

CARULA, Karoline. Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870- 1889). Tese (doutorado em história), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DE SOUZA MACIEL, Marina et al. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. *Revi Socied Bras Clín Méd*, v. 10, n. 3, 2012, p. 226-30.

DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento do Brasil: população do Brasil por Estados, Municípios e Districtos, segundo o grau de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Volume IV, 1920.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, vol. 12, núm. 23, julho, 2007, p. 106. (colocar a paginação correta)

DOMINGUES, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2008, v. 13, n. 39, set./dez. 2008, p.517-534.

EFEGÊ, Jota. *Maxixe - a dança excomungada*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1974.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2016.

FERRARA, Miriam N. *A imprensa negra paulista, 1915-1963*. FFLCH-USP, 1986.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O novo negro em perspectiva transnacional. Representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. (colocar o número de folhas)

GATO, Matheus. O massacre dos libertos: sobre república e raça no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001;

GOMES, Tiago de Melo. “Problemas no paraíso: a democracia brasileira frente à imigração afro-americana”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n.2, 2003, pp.307-331;

HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. *Righteous discontent: The women’s movement in the Black Baptist church, 1880–1920*. Harvard University Press, 1994.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora Unesp, 2006

HOLLINGER, David A. The one drop rule & the one hate rule. *Daedalus*, v. 134, n. 1, p. 18-28, 2005

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, v. 2, 2010, p.188-198.

LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva. *E disse o velho militante José Correia Leite*. rev. São Paulo: Nova América, 2007.

Les roman-feuilleton dans la presse. Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/presse-et-revues/les-feuilletons-dans-la-presse?mode=desktop>.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Editora Contexto, 2010.

MATTOS, Hebe Maria. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. *Estudos afro-asiáticos*, v. 24, n. 2, p. 409-413, 2002.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NASCIMENTO, Dilene R do. A Tuberculose no Início do Século XX. In.: *As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p.45-79.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. 317 f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Fundação Carlos Chagas, 2013, p.88.

RANCIÈRE, Jacques. *La palabra muda: ensayo sobre las contradicciones de la literatura*. traducido por Cecilia González. - la ed. - Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2009. (completar com as páginas)

RANCIÈRE, Jacques. *Política de la literatura*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2011. (completar com as páginas).

REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. Tradução Luciana Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.12.

REIS, Ruan Levy Andrade, *Letras de fogo, barreiras de lenha: a produção intelectual negra paulista em movimento (1925-1931)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro, editora Garnier, 1908

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Não diga que não somos brancos: os projetos de colonização para afro-americanos do governo Lincoln na perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos 1860*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História: trajetórias de intelectuais na imprensa negra meridional*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, PUCRS, 2011.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Malê, 2018.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Mais mulher que todas. *Revista da ABPN*, v.1, n.1, 2010, p..

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de*. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. Editora Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 2020.

SILVA, Fernanda Felisberto da. *Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling.) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras.” In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2006, p.422.

THÉRENTY, Marie-Ève. “Le journal au XIX^e siècle est essentiellement composé de « littérature »”. In: *La Littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Média Diffusion, 2009.

XAVIER, Giovana. Esculpindo a “Nova Mulher Negra”: feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA(1895-1904). *Cadernos Pagu*. n.40, 2013, p. 255-287.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. Selo Negro Edições, 2012.

WRIGHT, Lawrence. One drop of blood. *The New Yorker*, v. 25, n. July, p. 46-55, 1994

Sites

www.slavevoyages.org/